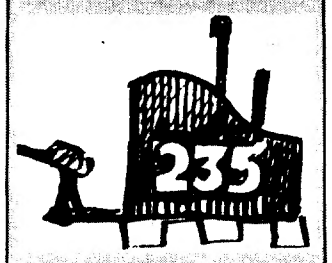
Diário de Lisboa

ANO 62.º N.º 20 973
Outubro 1982
Quinta-feira

20$00

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

O projecto secreto do submarino nuclear português



O «DL» teve acesso ao projecto, até hoje mantido no mais rigoroso sigilo, de submarino nuclear português. *Pág. 10*

A última de Woody Allen: tudo por Israel

"Assembleia de emergência" esta manhã

Directores retidos na Lisnave

Reunidos em assembleia de «emergência», os trabalhadores da Lisnave decidiram às oito horas desta manhã impedir a entrada dos administradores e directores nos estaleiros. Na altura, encontravam-se já nas instalações da empresa três directores. Convidados a retirarem-se no prazo de trinta minutos, recusaram-se a fazê-lo, tendo os trabalhadores decidido impedir a sua saída. Esta acção é idêntica à levada a efeito pelo pessoal da Lisnave em meados de Setembro último. Na foto: à entrada dos estaleiros, esta manhã.

Pág. 17

Quando já tinha passado uma hora de voo

Alarme de bomba atrasa regresso de Balsemão

Alarme de bomba a bordo – já o avião vinha há uma hora no ar –, fez Balsemão voltar a Nova Iorque e atrasar um dia o seu regresso a Lisboa, depois de uma visita de uma semana às Nações Unidas e ao Canadá. Balsemão virá amanhã, aterrando na Portela pelas 5 e 30. Poderia chegar hoje, entretanto: o avião da TWA faria Nova Iorque-Barcelona. Mas a tripulação, com as demoras e o teor dos acontecimentos, não estaria em excelentes condições para escalar Lisboa e deixar aqui o Primeiro-Ministro e a sua comitiva. Entre ir para a capital da Catalunha, onde teria de esperar mais horas uma ligação para Lisboa, e ficar em Nova Iorque, Balsemão optou pela segunda solução.

Abre a 30 de Novembro a campanha eleitoral para as autárquicas

Pág. 4

Hoje há Ler/Escrever

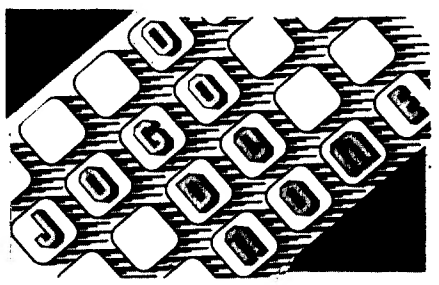
Caso Tylenol gera o pânico entre consumidores nos EUA

Há um "louco" que envenena o medicamento

— admite a polícia

Sete mortos em Chicago, pelo menos, é o resultado, até agora, de uma espécie de «roleta russa» com medicamentos – mais exactamente o Tylenol, um analgésico de grande consumo nos EUA. A Polícia admite tratar-se de um «louco» que, apoderando-se de uma série de frascos do medicamento nos locais de venda ou em qualquer ponto da sua produção ou distribuição, envenenou o conteúdo de certo número de cápsulas. Mas não exclui outras possibilidades, nomeadamente a de se tratar de mais um caso de sabotagem industrial.

Pág. 7



HOJE LETRA BÓNUS oferta da NACIONAL RÁDIO

(Pág. 11)

É hoje publicada na página 11 uma letra BÓNUS deste divertido JOGO DO NOME, neste caso oferecida pela NACIONAL RÁDIO, que patrocina o nosso passatempo de Verão. Esta semana não haverá mais letras BÓNUS, mas esta já ajudará muitos leitores a completar a linha de 7 letras. Porque é para isso que a letra BÓNUS serve: se ela lhe interessa para o seu jogo, cole ou agrafe ao seu cupão o quadrado onde a letra figura, concorra, e, se tiver um bom nome e um bocado de sorte, poderá ganhar magníficos prémios!

e mais 3 letras **(Pág. 13)**

3.º prémio do Jogo 6
Uma máquina de lavar roupa CANDY P6.41

Narrativa dos massacres dos campos palestinianos publicada pela "Time"

"Os nossos amigos entram nos campos..."

NO seu número de 4 de Outubro a revista americana **Time** dá importantes precisões sobre o desenrolar dos massacres dos campos palestinianos de Sabra e de Chatila e sobre as responsabilidades que neles tiveram as Forças Armadas de Israel. Reconstituindo os factos que precederam imediatamente uma «operação prevista de longa data», a **Time** narra o «encontro crucial» ocorrido no dia 16 de Setembro, ao meio-dia, no posto de comando israelita do porto de Beirute, entre o general de divisão israelita Amir Drori, chefe da frente do Norte, que era acompanhado «por três oficiais israelitas de posto elevado», e Fady Frem, chefe do Estado-Maior das «forças libanesas» (Exército falangista). Este oficial estava acompanhado pelo chefe do seu serviço de informações, Elias Hobeika, que depois comandaria as milícias introduzidas nos campos.

Segundo a **Time**, os israelitas conhecem muito bem Hobeika, que foi aluno da sua principal escola militar. «Eles sabiam que ele tinha tomado parte no massacre de Tell-el-Zaatar, que se tratava de um indivíduo brutal e sem escrúpulos, e que os seus homens não formavam uma força militar disciplinada.» Ainda segundo a **Time**, os israelitas sabiam que Hobeika «desejava criar embaraços a Amine Gemayel, a quem odiava». Se ele fosse considerado responsável pelas deficiências da segurança que haviam permitido o atentado contra Bechir Gemayel, isso seria uma excelente vingança.

Durante a reunião israelo-libanesa de 16 de Setembro, Fady Frem disse que Hobeika levaria os seus homens para os campos palestinianos, onde se entregariam a um **kasach**, termo árabe que designa o acto de cortar. O general Drori não quis tomar em consideração o que uma tal palavra implicava, e deu luz verde. Telefonou depois para Telavive, para o ministro da Defesa, Sharon, a quem disse: «Os nossos amigos entram nos campos. Já tratei do assunto com os seus chefes.» Sharon respondeu: «Felicitações... A operação está autorizada.»

A Operação «Kasach»

No mesmo dia, às 17 horas, as forças comandadas por Hobeika reuniram-se no aeroporto de Beirute e depois penetraram nos campos. O Exército israelita apoiava-os atirando foguetões e depois abrindo fogo com os seus tanques e os seus morteiros. Os assaltantes depararam com uma resistência irregular e Hobeika, na sexta-feira de madrugada, foi autorizado a mandar entrar nos campos dois batalhões suplementares.

No mesmo dia o chefe do Estado-Maior do Exército israelita, general Eytan chegava ao local e sabia através dos seus oficiais, segundo a **Time**, que aquilo que se estava a passar «não era uma operação militar, mas um **kasach**».

No seu discurso de 22 de Setembro perante o Knesset, o general Sharon, ao assegurar que a operação em curso «terminou no dia 17 de Setembro à hora do almoço, depois de termos ouvido rumores acerca do que estava a passar-se», confirma a realização de uma reunião destinada a «coordenar a entrada das falanges no campo de Chatila». A 16 de Setembro o Exército libanês recusara-se a entrar nos campos. Para o ministro israelita da Defesa «tratava-se de uma simples acção contra os terroristas e não era de modo algum necessário atentar contra a população civil».

Serviço Exclusivo Le Monde Diário de Lisboa

O PS espanhol e as eleições

A crise obriga-nos a pedir a cooperação de todos os sectores políticos

— *declara Felipe Gonzalez*

A menos de seis semanas das eleições gerais de 28 de Outubro, as sondagens publicadas na Imprensa espanhola continuam a dar vantagem ao Partido Socialista Operário (PSOE) de Felipe Gonzalez, cujo programa económico é considerado muito moderado pelos observadores. Em contrapartida, o Partido Comunista terá decerto dificuldades em manter as suas posições em face do crescimento dos socialistas. Santiago Carrillo, secretário-geral do PCE, reconheceu-o no dia 21 de Setembro, em Madrid, ao mesmo tempo que denunciava a «viragem à direita» do PSOE.

Em Moscovo, a agência TASS comenta favoravelmente o programa do Partido Socialista espanhol. Durante uma conversa concedida em Madrid ao enviado especial de «Le Monde», Felipe Gonzalez afirmou que a crise obrigava o seu partido «a pedir a cooperação de todos os sectores políticos».

Recordo-me de um Inverno, nas montanhas das Astúrias, em que passámos o Natal a formar doze militantes do partido. Hoje são todos eles presidentes de câmaras socialistas.

Para Felipe Gonzalez não está assim tão longe a época do militantismo obscuro – obscuro, antes de mais, porque clandestino.

Este homem jovem – só tem quarenta anos – que nos recebe na sede do PSOE, em Madrid, talvez seja chefe do governo espanhol depois das eleições do dia 28 de Outubro. Ascensão na verdade fulgurante se pensarmos que ele só começou, na verdade, a ter nome em 1975, nos meses febris da agonia de Franco, quando uma certa Espanha se decompunha e o rosto de um novo país começava a aparecer.

Antes de ser homem público, Felipe Gonzalez, a quem hoje todos chamam Felipe, fora conhecido por «Isidoro», a fim de confundir um pouco a Polícia do caudillo. Eleito há oito anos, em França, em Suresnes, secretário-geral do PSOE (**Creio que por não haver outro candidato!**), Gonzalez deve, na realidade, o seu êxito no seio da formação socialista ao facto de ter sempre acreditado que o velho partido (cento e três anos!) continuava a estar vivo **na memória histórica do povo espanhol!** Entrou para ele aos vinte anos depois de uma breve passagem pelas juventudes cristãs. Talvez o tivesse feito tão cedo porque é sevilhano, e a Andaluzia soube guardar vivo, mais do que as outras regiões e apesar da guerra civil e das perseguições da ditadura, a tradição revolucionária do fundador, Pablo Iglésias.

Gonzalez contribuiu portanto muito, logo no início dos anos 70 para «repatriar» o PSOE para Espanha, e isso contra a vontade dos «exteriores» – esses exilados que, no sudoeste da França mantinham acesa a sua chama.

Eleito secretário-geral num momento crucial da história do país, em Outubro de 1974, nunca mais descansou desde que houve possibilidade de manter em Espanha uma acção aberta, com o objectivo de federar em volta do seu partido a enorme quantidade de formações socialistas existentes, principalmente o PSP (Partido Socialista Popular) do prestigioso professor Tierno Galvan, hoje presidente da Câmara de Madrid.

Assim, este homem de rosto atraente mas sério, de silhueta desportiva, que mostra sempre grande à-vontade, e, o que tem importância em política, **muy guapo**, encarna hoje a Espanha nova e as suas aspirações de um progresso sem aventuras. Sim, essa paixão dominada, essa audácia sem fanfarronadas, essa maneira de se instalar na realidade sem exibições, é a síntese de duas Espanhas, a de outrora e a de hoje, na qual tantos cidadãos, sobretudo jovens, se reconhecem, mesmo os que não se entusiasmam pelo próprio PSOE.

Em comparação, nem o PC nem a direita souberam operar uma tal transformação. De modo que **a direcção do PCE é, simbolicamente e realmente, a do exílio. Daí a sua crise,** segundo Felipe Gonzalez. Quanto à direita, essa exibe um antigo ministro de Franco, Fraga Iribarne, cuja conversão à democracia não convence muita gente. Resta o caso dos centristas, e antes de mais do antigo primeiro-ministro Adolfo Suarez, cujo comportamento durante a «transição» fez esquecer as suas origens...

Voltando a Felipe Gonzalez, ele é o último a espantar-se com a ascensão do seu partido a que as sondagens atribuem hoje uns 40% dos votos possíveis (em 1979 tinha 29% nessas mesmas sondagens). O ponto de partida era bom: **Antes das primeiras legislativas, em 1977, quando alguns ainda pensavam que o PCE teria tantos votos como nós, ou mais ainda, lembro-me de ter tido uma conversa na Alemanha, com alguns bons amigos. Eles disseram-me: «No fundo vocês têm um tecto único!» Respondi-lhes: «Mesmo sem fazer campanha o PSOE teria 20 a 25% dos votos. Porque a Espanha não é sociologicamente tão diferente de tantos outros países da Europa. E o peso histórico do partido, é considerável...» E depois,** acrescenta Gonzalez sorrindo: **creio que desde então nos temos saído bastante bem.**

Houve, segundo as suas próprias palavras, **uma luta séria e rigorosa** para organizar o partido no país e para **modernizar a velha mensagem socialista, inclusive na linguagem a fim de a adaptar a uma sociedade nova.** Essa «modernização» culminou em 1979 contra os ataques violentos de uma parte do aparelho e à custa de uma demissão temporária de Felipe Gonzalez, com o abandono da referência marxista-leninista na carta do PSOE.

A ideia ainda era fazer uma aglutinação à volta do partido. Para além dos «socialistas operários espanhóis» ortodoxos, tratava-se de lançar pontes na direcção dos sociais-democratas, dos sociais-cristãos e até dos humanistas. Essa modernização é, como é evidente, duramente atacada pela corrente dita «crítica» do PSOE, que censura a Gonzalez interessar-se mais pela «política internacional» do que pelo terreno popular onde um partido socialista deve ter as suas raízes. Eles receiam que, à falta de ter preparado a base para inevitáveis choques com as forças conservadoras, a inclinação para a direita de um governo socialista seja, em pouco tempo, inevitável.

Para um amplo consenso nacional

No entanto, a «esquerda socialista» fez as pazes com o secretário-geral tendo em vista as eleições, mas trata-se de uma formação em notável estado de marcha sob a férula do número dois do partido, Alfonso Guerra, que se prepara para partir à conquista do poder.

Porquê, perguntamos a Gonzalez, uma tal moderação no programa do PSOE, quando a Espanha continua a ser um dos países da Europa ocidental onde as desigualdades são maiores? **Nós consideramos que o nosso papel histórico está em sermos o protagonista fundamental – mas não o único – da democratização e da modernização da Espanha. É necessário um amplo consenso nacional. Perante essa necessidade, um programa estritamente socialista tem que ficar para trás. Não que renunciemos a uma maior justiça social e a uma maior igualdade. Mas tanto a situação política como a crise económica obrigam-nos a pedir a cooperação de todos os sectores políticos.** E, para tal, a renunciar provisoriamente a toda e qualquer reforma de estrutura que podia fortalecer a direita.

Perante as instâncias do partido, Felipe Gonzalez declarou várias vezes que a sua tarefa era **fazer a revolução burguesa em Espanha**. Ele admite na nossa presença que o seu programa (**modernizar o Estado, combater a crise económica, afirmar as liberdades**) **podia sem dúvida ter sido realizado por um governo da burguesia esclarecida.**

Mas nem Fraga Iribarne, o caudillo da Aliança Popular conservadora, nem o patronato falam esta linguagem. Felipe Gonzalez parece, de resto, alimentar as maiores dúvidas quanto a **essa direita que não soube mudar com a sociedade** e que **se manteve oligárquica e proteccionista, mesmo quando se proclama liberal.**

O PSOE excluiu toda a hipótese de aliança com o PC – e este também acha que a sua presença no governo, na situação em que a Espanha se encontra, é inimaginável. Os socialistas aliar-se-iam então com Adolfo Suarez, antigo primeiro-ministro e transfuga da União do Centro? **Não excluimos a hipótese de ter a maioria no Parlamento, tal como a tivemos na Andaluzia. Se não é preciso ver como completar essa maioria...** E quando lembramos que Suarez já deu a conhecer o seu apoio a um provável governo socialista, o nosso interlocutor exclama: **É uma atitude inteligente. Suarez é um homem que sente para onde se dirigem as correntes sociais maioritárias!.**

Mas, em que se distingue, em suma, um governo socialista dos governos centristas que o precederam? Porque com o PSOE não haverá «mudança de modelo de sociedade», apesar dos gritos que a direita vai dar durante a campanha eleitoral. **Desejamos uma moralização da vida pública. Parece-lhe pouco importante? Mas é absolutamente fundamental para que a sociedade mude. Estamos, por exemplo, firmemente decididos a fazer com que as funções dos parlamentares sejam incompatíveis com as dos altos funcionários. É capital. Queremos que as empresas públicas funcionem eficazmente. Queremos que sejam geridas com honestidade, e isso seria uma grande mudança. Queremos o fim da apropriação partidária da função pública. Isto é, queremos que as nomeações não se façam em função da carta do partido mas sim das competências. Isto é uma revolução!**

Resposta de Fraga Iribarne a essa moderação quase angélica: **O PSOE quer depurar a função pública!** Felipe Gonzalez diz-nos, divertido: **Não sabe onde se poderá encontrar uma direita esclarecida?.**

O secretário-geral do PSOE está, em todo o caso, convencido de uma coisa: **A alternância será um factor de estabilização da democracia. Uma interrogação que está em todos os espíritos terá uma resposta. Provar-se-á que uma vez terminada a transição, se poderá enfim começar a construir.**

Os espanhóis possuem uma belíssima expressão cuja origem remonta à ocupação do país pelos árabes: «Ojala!»

política de A a Z

A crise interna do PSD e a «maioria alargada»

1

O encontro do dr. Alberto João Jardim, presidente do Governo Regional da Madeira e líder insular do PSD, do dr. António Vilar presidente da comissão do Porto do PSD, e do eng. Eurico de Melo, antigo ministro e colaborador próximo de Francisco Sá Carneiro, não poderá ser noticiado como um fortuito almoço de amigos num restaurante dos arredores do Porto. Deverá ser considerado como um acontecimento político.

E cremos que não será aventuroso vaticinar a esse encontro político alguma repercussão, quer na vida interna do PSD, quer no relacionamento do PSD com o Presidente da República, quer nas relações das forças políticas que constituem a «maioria presente» e a «maioria pretendida».

O observador da nossa realidade política está prevenido quanto à possibilidade de uma evolução a curto prazo que altere quantitativa e qualitativamente a «maioria parlamentar» e a «maioria suporte de Governo».

Do encontro dos arredores do Porto resultou a noção de «maioria alargada». Se conseguimos penetrar no sentido íntimo desta fórmula, teremos que lhe atribuir o significado de que a «maioria parlamentar», constituindo suficiente apoio ao Governo/AD, não garante ao Governo AD o necessário suporte político. Teremos, por um lado, a constitucional exigência da «maioria parlamentar de dois terços» que implica uma negociação com parceiros de votação estranhos à «Aliança Democrática», teremos, por outro lado, a necessidade do apoio de um bloco social que excede as fronteiras da actual «coligação», que não coincide com a actual «coligação».

Para os três destacados membros do Partido Social Democrata (PSD) a «maioria alargada» não representa só a necessidade de encontrar uma solução de maior apoio político para um governo de direcção PSD, mas de proporcionar a um governo de direcção PSD um apoio político e social diferente. Como se deduzia da atitude do dr. António Vilar no decorrer das negociações para a «lista AD» do Porto, como se conclui das acusações de Alberto João Jardim ao CDS da Madeira, uma parte do Partido Social Democrata considera penosa a aliança com o CDS. A hipótese de «uma maioria alargada» implica uma atitude crítica em relação à actual «maioria parlamentar». Supõe um desejo de ultrapassar a actual «coligação», de substituir, como aliado preferencial, o CDS por outro partido. Digamos: pelo Partido Socialista ou por uma parcela maioritária do Partido Socialista. Quer no caso de uma renovação da «Aliança Democrática», quer no caso de um entendimento com socialistas, a «maioria alargada» propõe-se integrar o Presidente da República, estabelecer com Eanes – com prejuízo ou eliminação do «eanismo» – um esquema funcional que permita governar até 1984 e manter esta Presidência da República até 1985.

2

TAS afirmações que são atribuídas ao eng. Eurico de Melo, e que não sabemos que tenham sido desmentidas ou rectificadas, poderá concluir-se que uma especial preocupação pela situação interna do PSD motivava os participantes no encontro dos arredores do Porto. O eng. Eurico de Melo estaria disposto a «regressar à vida política activa desde que se consiga a tal solução harmoniosa dentro do partido e para reforço deste». Confia, aliás, no próximo Congresso do PSD. Espera que o congresso saiba encontrar «soluções harmoniosas». Essas «soluções harmoniosas» deverão reconduzir «o PSD às origens».

A linguagem é algo nebulosa. A alternativa não é claramente definida quanto à vida interna do PSD, mas, com a concordância dos outros convivas no «almoço de amigos», o eng. Eurico de Melo traça as linhas mestras de uma revisão da estratégia do PSD, linha que o afasta de alguns dos «críticos» seus companheiros, linha que contraria as fórmulas avançadas pelo prof. Cavaco Silva. Agora, o Presidente Eanes não é o «adversário principal». A «bipolarização» esbate-se. A orientação que se preconiza reconhece a necessidade de «uma maioria alargada dos partidos democráticos para a resolução dos grandes problemas nacionais». E a novidade maior é o papel que se atribui a Eanes na «maioria alargada». Nas palavras do eng. Eurico de Melo: a «maioria alargada» representa um largo consenso incluindo «obrigatoriamente neste consenso o Presidente da República, legitimamente eleito e como tal parte importante e fundamental de todo este processo».

Estamos perante um facto político novo: o reconhecimento do papel possível do Presidente da República na constituição de uma «maioria alargada». Mas não estaremos só perante um recuo em relação a Eanes e ao «eanismo»; estamos perante o propósito de uma utilização de Eanes e de desvio, ou de afastamento, de uma eventual concretização organizacional do «eanismo».

3

NA base do acordo entre o eng. Eurico de Melo e o dr. Alberto João Jardim encontramos uma idêntica desconfiança em relação ao «eixo Cascais-Lisboa». Considera Eurico de Melo que: «As decisões no seio do meu partido têm de ter em conta o sentir das bases e não serem tomadas a nível das cúpulas»; preconiza «uma maior representação regional das bases nos órgãos centrais do partido». Entende Alberto João Jardim que: «Os órgãos nacionais do partido devem representar todas as regiões e não um grupo de passado sediado no eixo Cascais-Lisboa». Eurico de Melo pretende um regresso do «PSD às origens». Alberto João Jardim preconiza que se faça o esforço «necessário (para) fazer voltar o PSD à condição de partido de massas».

Não admitem promover uma ruptura, mas é contestatária, crítica, a posição que assumem. Alberto João Jardim afirma: «Quero, no entanto, que fique bem claro que não ponho ninguém em causa dentro do PSD, seja Pinto Balsemão seja quem for...». Mas afirma igualmente: «É necessário que o PSD dê um passo qualitativo em frente e encontre uma situação de harmonia que faça voltar ao partido aqueles militantes de sempre que representam o sentir das bases.» E acrescentou, a acreditar nas informações que nos chegaram: «... o partido não pode ser gerido ou estar representado a nível do Governo por quem na verdade não representa ninguém.»

4

NÃO se trata puramente de salvar o PSD pelo método regenerador do regresso às «origens», libertando o partido da hegemonia directiva de «um grupo de passado sediado no eixo Cascais - Lisboa». Não se trata só de refazer o partido, de o converter em «um partido duro como um bloco de granito». Para além destes objectivos partidários internos, outros existem que se projectam no exterior do PSD. Visando, segundo se declara, uma «actuação imprescindível para a recuperação do País», o presidente do Governo Regional da Madeira entende que «é necessário um grande consenso nacional em que o Governo, os partidos, incluindo os da oposição democrática, os parceiros sociais e o Presidente da República façam um grande esforço para que as definições das regras do jogo político sejam componentes essenciais do desenvolvimento do País».

Alberto João Jardim, como já notou um analista político, desfruta, com Mota Amaral, de uma situação particularmente favorável, não precisa do apoio do CDS – e, portanto, da existência da «coligação AD» – para ser Governo e para governar. Bastaria esta razão para lhe permitir demarcar-se da «Aliança Democrática», assumir uma posição crítica, encarar o futuro numa bem diferente perspectiva. Di-lo com clareza: «Aliás, a AD não é a minha preocupação principal. Em primeiro lugar coloco o Estado e depois o PSD.»

Tira desta sua liberdade de movimentos e de crítica, as necessárias consequências e como, opinião sua, Alberto João Jardim expressa-as sem rodeios: «Sou da opinião que o PSD deve assumir no futuro as coligações que melhor sirvam os interesses nacionais.»

Pode – e deve no discurso político de Alberto João Jardim – entender-se que o Partido Socialista é discretamente solicitado, mas, não restarão dúvidas a quem tomar conhecimento da letra das declarações de Jardim e de Eurico de Melo, que o Presidente da República é directamente convidado a integrar-se, ou a consentir ser parte integrante, da «maioria alargada».

Esta nova concepção de estratégia de um «bloco central» – desta vez concretamente **político** e não vagamente **social** – desviaria a concorrência do «eanismo» – «projecto partidário» ou «movimento messiânico», afastaria o perigo de uma ruptura da «Aliança Democrática» beneficiar, exclusivamente, as forças políticas que lhe são exteriores, concorrentes e adversas. A «maioria alargada» actuaria como um factor de estabilização. Seria, pela sua existência e dinâmica, impeditiva de um avanço sociopolítico e de uma resolução democrática da «crise nacional». Permitiria uma política sólida de «bloco central» até 1985.

ponto a ponto

● O **Presidente da República recebe** amanhã as **cartas credenciais** dos novos embaixadores da República Popular de Angola e da Argélia em Lisboa, foi oficialmente anunciado.

O antigo embaixador de Angola na Bélgica, José da França Van Dunen, substitui em Lisboa Adriano Sebastião, que havia apresentado as suas cartas a Ramalho Eanes em 16 de Junho de 1978.

Adriano Sebastião era o decano dos embaixadores dos países africanos de língua oficial portuguesa.

O novo embaixador da Argélia, Tayeb Boulahrouf, substitui Hocine Djoudi, que se encontrava na capital portuguesa desde 30 de Novembro de 1979.

● O embaixador da RDA preside, esta noite, pelas 21.30, na Escola Superior de Belas-Artes do Porto, a uma sessão comemorativa do 34.º aniversário da fundação da República Democrática Alemã. Na sessão actuará o Quarteto de Cordas de Berlim.

A concluir as comemorações, realiza-se no sábado, às 21 horas, no Cine Clube do Porto, uma sessão de cinema com a projecção do filme «A Flor de La Fontaine», de Irisgusner.

● A convite do Partido Comunista Português, encontra-se desde hoje, em Lisboa, uma delegação do Partido Comunista da Finlândia, chefiada pelo seu presidente, Janko Kajanoja. Os visitantes finlandeses terão conversações com uma representação do PCP dirigida por Álvaro Cunhal e contactarão com diversos aspectos da vida portuguesa e da **actividade do PCP.**

● Realiza-se, hoje, no centro de instrução de operações especiais, em Lamego, a reunião de altos comandos do exército a que preside o chefe do Estado-Maior do Exército, **general Garcia dos Santos.**

Nesta reunião de trabalho, efectuada no prosseguimento do programa estabelecido pelo CEME, tomam parte o vice-chefe do Estado-Maior do Exército, general Lopes Alves, o inspector-geral do Exército general Ramires de Oliveira e os oficiais-generais comandantes das regiões e zonas militares e directores dos departamentos do Exército.

● Portugal encontra-se representado na Feira Internacional de **Bucareste** (Roménia), que foi ontem inaugurada pelo presidente Nicolae Ceausescu. A nossa representação consta de um gabinete de informações, no qual se encontram expostos alguns produtos vinícolas e cortiça.

● O ministro da Indústria, Energia e Exportação, **Balão Horta,** que se encontra de visita à República Popular da China, avistou-se ontem com o vice-primeiro-ministro, Wan Li, com quem analisou as perspectivas das relações económicas e comerciais entre os dois países.

● Por iniciativa do Instituto de Ciências Sociais (antigo Gabinete de Investigações Sociais), encontra-se no nosso país o prof. **Raymond Carr,** director do St. Anthony's College de Oxford. O professor Carr, que é uma das grandes autoridades mundiais em estudos ibéricos (dedicando-se muito especialmente à moderna história espanhola), profere esta tarde uma conferência (às 18 horas, na Biblioteca Nacional) subordinada ao tema «A transição da ditadura para a democracia em Espanha, 1975-1980».

Adesão à vista?

Acácio Barreiros candidato PS na Amadora

Acácio Barreiros, antigo deputado da UDP, será um dos independentes que o PS apresentará às eleições autárquicas de Dezembro. De acordo com informações apuradas pelo «DL», Acácio Barreiros deverá apresentar-se no concelho da Amadora, provavelmente como candidato à Assembleia Municipal.

No entanto, aquele dirigente do grupo da «Nova Esquerda» poderá deixar brevemente de ser independente. Ele será um dos convidados a aderir ao Partido Socialista na campanha de adesões que a direcção socialista tenciona lançar ainda este mês, subordinada ao «slogan» – Ser socialista é ser do PS. E, tendo em conta as suas posições mais recentes, é provável que venha a aceitar o convite.

Entretanto, amanhã reúne-se a Comissão Política e no sábado a Comissão Nacional do PS. Para além de um ponto destinado às questões relacionadas com as próximas eleições autárquicas, os dirigentes socialistas debruçar-se-ão também sobre as Leis de Defesa Nacional e do Tribunal Constitucional e sobre o «Projecto Socialista». Quanto aos projectos de diploma que vão ser discutidos no Parlamento, Jaime Gama, e Almeida Santos vão fazer uma exposição informativa sobre cada um deles. E se a Lei do Tribunal Constitucional não oferece grandes dúvidas, já que os pontos mais relevantes foram aprovados na revisão constitucional, quanto à Lei da Defesa é possível que se registe polémica, dentro do PS, por um lado, por outro na AR quando da discussão na especialidade. Os socialistas pretendem introduzir algumas modificações nesta matéria, aproveitando-se do facto de o seu voto ser essencial para fazer passar a lei, que tem de ser aprovada por maioria de dois terços.

O Projecto Socialista será apresentado por Walter Rosa à Comissão Nacional. Insistindo na necessidade do desenvolvimento como forma de sair da crise económica, o Projecto apresentará como metas fundamentais o pleno emprego e o máximo investimento articulando políticas sectoriais para atingir esse objectivo.

Após a sua apresentação, ele será discutido nas bases do partido, regressando depois à Comissão Nacional para aprovação final.

CNE aprovou mapa eleitoral

Campanha para as autárquicas inicia-se a 30 de Novembro

A campanha eleitoral para as eleições autárquicas iniciar-se-á no dia 30 de Novembro, prolongando-se até ao dia 10 de Dezembro, antevéspera das eleições, segundo consta do mapa-calendário das operações a desenvolver para aquele acto, ontem aprovado pela Comissão Nacional de Eleições (CNE).

De acordo com o mapa, a apresentação de candidaturas decorre até ao dia 29 de Outubro, tendo os sorteios das listas lugar no dia 2 de Novembro. Até dia 13 do presente mês as Câmaras terão de escolher as tipografias onde mandarão imprimir os boletins de voto. Os delegados e suplentes às secções de voto deverão ser indicados pelos candidatos ou mandatários das listas até ao dia 19 de Novembro.

Aos presidentes das Câmaras serão comunicadas, até dia 20 de Novembro, as listas das casas de espectáculo que permitem a sua utilização para a campanha eleitoral. No que respeita ao apuramento dos resultados será feito um primeiro, parcial, no próprio dia das eleições, a 12 de Dezembro, procedendo-se, a partir de 16 de Dezembro, em cada círculo eleitoral, ao apuramento geral.

Dois dias após a conclusão deste apuramento serão enviados dois exemplares da acta à CNE, que elaborará o mapa nacional de eleições e o publicará, até 30 dias após a recepção das actas, no «Diário da República».

No mapa elaborado pela CNE prevê-se também que em caso de interrupção da votação por tumultos, calamidade ou grave perturbação da ordem pública a eleição se repetirá a 19 de Dezembro. O recurso por irregularidades ocorridas durante a votação e o apuramento parcial ou geral poderá ser apresentada até 48 horas após a afixação do edital com a proclamação dos resultados e a repetição dos actos eleitorais. No caso de assembleias de voto onde a eleição tenha sido anulada, esta será feita no segundo domingo posterior à decisão do recurso.

As operações a desenvolver para as eleições autárquicas terminarão com o envio, por parte do presidente da Câmara ou administrador de bairro, das relações dos cidadãos eleitos ao Secretariado Técnico para os Assuntos do Processo Eleitoral (STAPE), até 11 de Janeiro. No mesmo prazo os partidos deverão apresentar à CNE as contas das suas despesas com a campanha eleitoral.

assembleia da república

"Isto dura há três anos, sr. presidente..."

— afirma Herbert Goulart (MDP/CDE)

«Isto dura há três anos, sr. presidente e srs. deputados! Não é um início, é já um hábito; não é uma táctica, é já uma estratégia» – afirmava, ontem à tarde, na reabertura dos trabalhos da Assembleia da República,o deputado Herberto Goulart (MDP/CDE).

Durou pouco mais de uma hora a sessão de reabertura da Assembleia da República. Bancadas ainda muito vazias (particularmente as da AD). Apenas três intervenções no período de Antes da Ordem do Dia (aquela que já referimos, a de Jerónimo de Sousa do PCP e de António Macedo do PS). Depois, foi o anúncio, por parte do presidente da Assembleia, da entrega das propostas do Governo da Lei de Defesa e do Tribunal Constitucional e o seu envio para as respectivas Comissões Parlamentares.

A impugnação dos diplomas, até certa altura previsível pela parte da bancada do PCP, parecia ontem à tarde mais afastada. Pensa-se que, talvez amanhã, o dr. Freitas do Amaral intervenha sobre a Lei de Defesa e, na sexta, o dr. Marcelo Rebelo de Sousa sobre o Tribunal Constitucional. O Primeiro-Ministro Pinto Balsemão deverá intervir num destes dias. Entre os dois «testamentos» (Freitas do Amaral e Marcelo Rebelo de Sousa preparam-se para uma pequena travessia no deserto, mas muito pequena) resta saber qual será a argumentação do dr. Pinto Balsemão. Um discurso de generalidades (fizemos a revisão constitucional, quando outros não queriam, etc.) perante dois discursos, com dias de elaboração?

Mas ontem, foi o discurso – uma verdadeira declaração política – do MDP/CDE e a intervenção factual (citou umas dezenas de conflitos laborais) de Jerónimo de Sousa do PCP que preencheram o período de Antes da Ordem do Dia. Quanto ao dr. António Macedo (PS) subiu à tribuna para recordar o falecimento de «dois exemplares cidadãos e democratas, valorosos resistentes no assalto ao fascismo»: Veiga Pires e Ramos da Costa.

Com mais de dois meses de férias, apenas duas intervenções políticas. Nem o PS nem a AD tiveram qualquer «palavra» para a situação política portuguesa. Se o Parlamento fosse o barómetro da opinião pública...

«Às forças políticas detentoras da maioria nesta Assembleia e igualmente responsáveis pelo Governo do País, parece nada mais interessar senão a sua perpetuação no poder...» – sublinha Herberto Goulart (MDP/CDE). Lembrando os três anos de governação AD, acrescenta... «Forjam-se prioridades, amesquinham-se as relações entre órgãos de soberania, usa-se uma linguagem insincera perante os cidadãos, fazem-se coincidir os quadros do Estado com o clientelismo político, subvertendo a hierarquia das competências e mistura-se num comportamento indecifrável a posição de Estado com a de dirigente partidário, confundindo deliberadamente interesses e situações».

Dedicou grande parte da sua intervenção ao que se passa na Comunicação Social, em relação à qual, segundo Herberto Goulart, o Governo AD sempre se norteou por dois objectivos: «Controlar ou destruir». Refere os noticiários da RTP, o caso ANOP e recorda a aproximação das próximas eleições autárquicas. «Com o actual Governo – diz – não há quaisquer garantias de seriedade do próximo acto eleitoral. Aliás, as reais intenções do Governo tornaram-se bem claras com a proposta de lei sobre as eleições autárquicas apresentadas na AR». E termina Herberto Goulart com uma «palavra» dirigida a Belém «... o MDP/CDE entende que, através dos mecanismos institucionais que o regime democrático contém, antes que seja tarde, antes que as regras democráticas não possam ser invocadas, antes que o Povo português seja ludibriado, é necessário e imprescindível que o Governo seja demitido, respeitada a legalidade e restabelecida a confiança em vastos sectores da administração pública e da vida social, onde se instala assustadoramente a desconfiança, o medo e a corrupção. Às palavras têm de seguir-se os actos, e os órgãos de soberania, que para tanto são eleitos pelo povo, não podem alienar-se do mandato que lhes está conferido, nos exactos termos dos superiores interesses do Povo».

A esta situação geral do País, Jerónimo de Sousa do PCP especificaria: a AD quer despedir cinco mil trabalhadores da CP, quer destruir a ANOP, prepara o desmantelamento da EDP, na Cometna instaura 33 processos disciplinares, o mesmo também na Tabaqueira ou na Fábrica de Loiças de Sacavém, 50 por cento dos trabalhadores já não vão à empresa enquanto a administração prossegue – sublinha Jerónimo de Sousa – impunemente a destruição da empresa.

Foi um Parlamento desatento que ouviu estas intervenções. Isso dura há já algum tempo. Como diria Herberto Goulart, não é um reinício. É um hábito. **F.M.**

Sobre Veiga Pires e Ramos da Costa

É o seguinte o texto da comunicação lida ontem na Assembleia da República por António Macedo, presidente do PS, a propósito de Veiga Pires e Ramos da Costa, recentemente desaparecidos:

No decurso das férias parlamentares, insistentemente me foi foi aconselhado um período de repouso, com total alheamento, se possível. dos acontecimentos da vida nacional e do que pelo mundo se passava.

Durou a penitência uns longos 15 dias, já que para mais me escasseou o ânimo.

Ao voltar ao convívio das gentes e dos instrumentos da comunicação social, fui amargamente surpreendido com duas tristes e dolorosas notícias: os falecimentos de dois amigos muito queridos – Veiga Pires e Ramos da Costa –, exemplares cidadãos e democratas, valorosos «resistentes» no assalto ao fascismo, ambos empenhados numa dura luta, de toda uma vida, sofrendo as violências, as dores e os vexames dum ostracismo feroz e implacável imposto por Salazar e por Caetano e seus apaniguados.

É para recordar, numa breve invocação, estes dois admiráveis «companheiros de armas», que uso agora e aqui da palavra, com a expressão da homenagem que lhes é devida, e que eu pretendo fazer ecoar nesta casa de homens livres, representantes do povo liberto das grilhetas da ditadura, que eles também tudo fizeram para quebrar, restituindo aos portugueses a alegria e a liberdade que os tiranos lhes haviam usurpado.

Arnaldo Cândido Veiga Pires foi um bravo combatente nas barricadas da Oposição, desde cedo ligado às actividades literárias e políticas da Renascença Portuguesa e da Seara Nova, aguerrido militante da esquerda democrática (quando o confronto partidário se circunscrevia a «bonzos» e «canhotos»), e depois, mais tarde, esclarecido defensor e paladino do socialismo em liberdade, de braçodado com António Sérgio, Mário de Azevedo Gomes e Jaime Cortesão, seus íntimos amigos e **parceiros** na gesta das aventuras revolucionárias.

Pode afirmar-se que quase todos os movimentos «conspirativos» passaram pelo consultório médico do dr. Veiga Pires.

É o historial da primeira revolução contra a ditadura, em 3 de Fevereiro de 1927, regista a presença de Veiga Pires, de espingarda ao ombro, ao lado dos revoltosos, em plena Praça da Batalha, no Porto – o que lhe valeu ser, de seguida, «desterrado» para a ilha da Madeira.

Para em causa própria, melhor poder denunciar as fraudes eleitorais, com que os governantes julgavam iludir o povo português, Veiga Pires aceitou ser escolhido, duas ou três vezes, para candidato a deputado pelo círculo do Porto, tomando parte activa nas campanhas em que se desferiam ataques frontais, com vigor e desassombro, aos inimigos da democracia, que todos eram, nessa altura, os mandões de Portugal.

Seu camarada de lista, sou testemunha das impiedosas arremetidas com que Veiga Pires flagelava os seus algozes e carcereiros.

Veiga Pires sofreu a deportação e o exílio forçado em terras de África, com invulgar estoicismo.

Não têm conta as vezes que foi preso, pois pertencia ao rol daqueles que a PIDE «engavetava» quando as ordens de cima eram para **prender os do costume.**

E quase sempre se lhe ouvia um comentário faceto, quando descrevia as suas andanças pelos aljubes de Portugal, como a história daquele anónimo porteiro do prédio em que morava seu cunhado, o coronel Hélder Ribeiro, que também foi levado na carrinha da PIDE, apenas porque ainda **havia lugar para mais um...**

Posto que preso à sorte, por engano ou malvadez, certo foi que o pobre homem acabou, como os demais, por ser atirado para Timor...

Mas todos estes atropelos, infâmias, perseguições e crimes parece terem esquecido, porque dos seus mandantes, culpados, cúmplices e executores, uns já morreram em paz e a outros se abriram as fronteiras da Pátria e as portas das prisões, das Universidades, dos Tribunais e até da Alta Finança...

A ASP

– Quanto a outro dos nossos mortos, o Francisco Ramos da Costa, igualmente há a evidenciar a sua enorme valentia, na dureza do combate contra a opressão e a miséria fascistas.

A sua vida foi um exemplo de tenacidade na conquista do pão que o diabo amassou, e de revigorada fé nos ideais da democracia e do socialismo democrático.

Com Mário Soares e Manuel Tito de Morais – nossos companheiros de bancada neste Parlamento – Ramos da Costa fundou a Acção Socialista Portuguesa – a ASP – e muito contribuiu para que ganhasse foros de organização partidária, ajudando a construir e a incrementar vários dos seus núcleos espalhados pelo mundo: Canadá, Brasil, Venezuela, França, Itália, Inglaterra, Suíça, Alemanha, Suécia, Bélgica, etc.

Antes de Embaixador de Portugal – como veio a ser –, foi Ramos da Costa Embaixador da Acção Socialista e obteve assento, com Tito de Morais, em congressos dos partidos trabalhistas, socialistas e sociais-democratas, integrados na Internacional Socialista, que calorosamente acolheu no seu seio a ASP, a que sucedeu o Partido Socialista.

Foi nas trincheiras da Oposição que conheci o Chico Ramos da Costa – ardente, vibrante, destemido, voltado para o estudo dos problemas sociais e económicos que mais afligiam os democratas e os portugueses, seus irmãos, e bem assim, para a divulgação dos esquemas da «cooperação» e das doutrinas cooperativistas.

Na modéstia do seu viver, era contagiante o entusiasmo do Chico Ramos da Costa ao definir no espaço os caminhos da felicidade e abastança dos portugueses.

Recordo que numa das **convenções** da Acção Socialista Portuguesa – ASP –, na clandestinidade, com a presença de representantes do continente, e dos vários núcleos da Europa, o Ramos da Costa traçara um plano aprofundado e exaustivo das perspectivas da economia portuguesa, face ao Mercado Comum e à integração de Portugal na comunidade europeia.

Ramos da Costa, ao que se vê, foi um esforçado cabouqueiro da emancipação política do povo português. Foi, como Veiga Pires, um patriota de raiz, ao serviço da grei e dos ideais democráticos.

Por isso, permito-me proclamar que sem homens como Veiga Pires e Ramos da Costa, entregues à cruzada da nossa libertação, ainda que sofrendo na carne as brutalidades dos ditadores, não teria sido possível a madrugada redentora do **25 de Abril.**

Foram eles e tantos seus «irmãos de armas» que prepararam e mantiveram vivo o sentido da resistência e de luta, no amor à liberdade.

Assim, usando uma linguagem muito grata ao meu espírito, eu direi a concluir que Veiga Pires e Ramos da Costa foram também dois valorosos capitães de Abril.

António Macedo
Presidente do PS

Deveria ter chegado às sete da manhã

Ameaça de bomba retém Balsemão em Nova Iorque

Uma ameaça de bomba a bordo atrasou de um dia o regresso de Pinto Balsemão a Portugal.

O Primeiro-Ministro português tinha a chegada anunciada para as 7 horas desta manhã em Lisboa, e tomou ontem ao princípio da noite um avião da TWA em Nova Iorque. Com uma hora de voo, chegou o alarme de bomba a bordo –alarme falso, apurou-se depois.

O avião da TWA regressou a Nova Iorque, onde foi minuciosamente inspeccionado. Uma vez apurado o infundado do alarme, o aparelho estaria preparado para levantar voo outra vez. Verificava-se no entanto algum cansaço entre a tripulação, e, ao fim de conversações, o voo foi adiado.

O voo era de Nova Iorque para Barcelona, e a presença nele de Balsemão obrigava a uma escala em Lisboa. Um responsável da companhia aérea norte-americana veio avistar-se com o Primeiro-Ministro português para expor-lhe a situação: a tripulação não estaria em condições para proceder à escala,podendo no entanto seguir directamente para a capital da Catalunha.

Neste caso, Balsemão teria de apanhar outro voo, de Barcelona para Lisboa, e os atrasos seriam substanciais. O Primeiro-Ministro português conferenciou com a mulher, Mercedes Balsemão, e outros membros da sua comitiva, nomeadamente Mota Amaral e Basílio Horta e dediciu-se ficar em Nova Iorque por mais um dia.

Balsemão e comitiva deverão chegar a Lisboa amanhã, a hora ainda a confirmar.

Deste modo, o Primeiro-Ministro já não pronunciará o discurso que se anunciava para hoje na Assembleia da República. E as notícias dizem que Balsemão, na hora de voo que chegou a fazer até soar o alarme de bomba a bordo, foi redigindo o texto que leria esta tarde perante o hemiciclo de S. Bento.

As notícias dizem ainda que, após o alarme, Balsemão manteve toda a serenidade, não chegando porém à minúcia de acrescentar que continuou a redigir o seu texto.

Ainda o Canadá

Balsemão e comitiva regressavam, via Nova Iorque, de uma visita de uma semana às Nações Unidas e ao Canadá.

O último dia da visita ao Canadá foi ontem e, no final, o Primeiro-Ministro português fez declarações. Disse, entre outras coisas, que a visita tinha contribuído para melhorar as relações bilaterais e veio criar uma melhor compreensão dos assuntos pendentes entre os dois países.

Também no último dia da sua visita ao Canadá, ontem, portanto, Balsemão presidiu a um almoço em que participaram cidadãos proeminentes da comunidade portuguesa de Montreal, actualmente com cerca de 50 mil membros.

Falando em Montreal aos jornalistas, Balsemão lamentou não ter tido mais tempo para poder avistar-se com representantes do governo do Quebec – o qual, lembra-se, portestou contra o facto de Otava, a capital federal, o ter relegado, e ao Quebec, para um plano menos do que secundário no acolhimento ao chefe do Governo de Portugal.

No CDS

Rui Pena abandona liderança parlamentar

O dirigente centrista Rui Pena deverá ter abandonado definitivamente a direcção do Grupo Parlamentar do seu partido.

Rui Pena revelou ontem, durante a reunião do grupo, que pretende manter a suspensão do mandato de deputado e pediu ao único vice-presidente que ainda se mantém em funções – Cavaleiro Brandão – para liderar a bancada centrista até que seja eleito novo presidente para o Grupo Parlamentar.

Não se sabe ainda quem substituirá Rui Pena e é difícil encontrar de entre os deputados do CDS alguém com perfil político que se adapte à função.

Uma hipótese em aberto é a do dr. Oliveira Dias, por enquanto presidente da Assembleia da República, que será brevemente substituído por Leonardo Ribeiro de Almeida, o qual troca o Conselho de Administração da Renault pelo lugar cimeiro do Palácio de S. Bento. O único óbice é que Oliveira Dias pretende voltar a exercer a sua profissão – é médico – e não estaria muito disponível.

Poderia, no entanto, aceitar o lugar, caso não houvesse outros candidatos que obtivessem o concenso do Grupo Parlamentar centrista.

em duas palavras

● Canas de Senhorim: regresso às exigências

Os problemas poderão voltar a Canas de Senhorim depois de um plenário da população ter concedido um novo prazo, já caducado no dia 1, para satisfação de exigências há muito apresentadas: que os comboios rápidos parem na sua estação e que lhes sejam concedidos um código postal.

Uma moção tornada pública ameaçava que «esgotado este prazo, o povo tomará as posições que tiver por mais conveniente a defesa dos seus legítimos direitos indevidamente violados».

● Aterro sanitário avança em Loures

A expropriação de terrenos que sirvam o aterro sanitário comum a Loures e Vila Franca de Xira já foi determinada pelo ministro da Habitação, Obras Públicas e Transportes, com carácter urgente, por utilidade pública.

A execução e utilização comum de um aterro sanitário na zona limítrofe entre os dois concelhos fora objecto de um protocolo entre as câmaras de Loures e Vila Franca de Xira.

● Termas romanas abertas ao público de Lisboa

As termas romanas da Rua da Prata estarão abertas ao público a partir de amanhã, durante três dias. O dia 9 está reservado a grupos previamente inscritos. Nos dois dias restantes, o horário das visitas vai das 9 às 12 e 30 e das 15 às 18 horas.

As termas romanas da baixa lisboeta datam do século I, época de Tibério. Ocupam grande parte do subsolo dos quarteirões situados entre as ruas dos Fanqueiros, Augusta, da Conceição e de S. Julião.

● Feira Popular faz contas da época

A Feira Popular de Lisboa facturou 60 mil contos brutos em 1982, penúltimo ano da sua actividade prevista, anunciou o presidente da respectiva Comissão Directiva.

«Ficamos com um débito de cinco mil contos para 1983» – indicou João Salvado – » mas esperamos recuperá-los, embora só saldando a conta neste próximo ano».

O Luna Park anexo ao zoo de Lisboa, com abertura prevista para 1984 e a render a Feira Popular, resultará de um investimento a 65 por cento de uma empresa norte-americana, adiantou João Salvado.

● Presidentes de câmara ibero-americanos

O presidente do município lisboeta, Krus Abecasis, partiu para Madrid onde participará na primeira reunião de presidentes de câmara ibero-americanos.

À partida para a capital espanhola, Krus Abecasis revelou que o encontro versará três temas – situação e problemas dos grandes municípios ibero-americanos, programa de acções culturais e projectos para a década dos descobrimentos (1982-92) e a criação da união das capitais ibero-americanas.

● Açorianos emigram cada vez menos

A taxa de emigração dos Açores em 1982 será a mais baixa dos últimos 20 anos – indicam previsões estatísticas divulgadas em Ponta Delgada.

Um estudo da Direcção Regional dos Serviços de Emigração calcula que ao longo deste ano saiam dos Açores 1400 emigrantes, verificando-se que no primeiro semestre de 1982 apenas 707 açorianos deixaram a região.

Este quantitativo representa um decréscimo de 50 por cento em relação aos primeiros seis meses de 1981.

O estudo refere, a título de exemplo, que em 1981 emigraram menos 3242 pessoas que em 1975.

A diminuição do fluxo emigratório acentuou-se a partir de 1979, mas já vinha progressivamente a verificar-se desde 1969.

Coligação resultou em mais um concelho

AD anunciou-se dividida em seis capitais distritais

— *Negociações com PS para "desistências mútuas"*

A Aliança Democrática está ausente de seis capitais distritais (Aveiro, Évora, Viseu, Setúbal, Bragança e Leiria) nas próximas eleições autárquicas, anunciou a direcção nacional de campanha da AD.

Nos concelhos de Guimarães e Elvas, o PSD e o CDS surgem coligados na União Democrática (UD), à semelhança do que aconteceu em 1979 no último dos concelhos referidos.

Em conferência de Imprensa foi explicado que a razão do surgimento da UD em Guimarães resulta do chamado «caso de Vizela».

De acordo com o balanço feito pela direcção nacional da campanha da AD, a coligação surge em 137 municípios (mais um do que em 1979), correspondendo a metade do total do Continente, mas em nenhum distrito a AD surge em todos os concelhos.

O optimismo da AD face a um aumento de presidências municipais diz respeito a Fafe, Torres Vedras, Miranda do Douro, Braga e Figueira da Foz, onde surge pela primeira vez a coligação, «tendo em conta de forma estática e aritmética os resultados obtidos anteriormente pelos partidos constituintes da AD» – sublinhou António Capucho.

«Desistências mútuas» a negociar com PS

Na conferência de Imprensa, foi sublinhada a inviabilização das negociações com o PS, tendo em vista acordos pontuais nos municípios de maioria APU, «por exclusiva responsabilidade das ambiguidades do PS».

Em todo o caso, o PSD e os partidos integrantes da AD estão abertos à discussão da eventualidade de «desistências mútuas» (relativamente ao PS), «dentro de um prazo útil», e de modo a não vir a repetir-se o que aconteceu em Évora, apontada como exemplo das «declarações públicas contraditórias dos responsáveis socialistas».

A direcção nacional de campanha da AD afirmou que as próximas eleições locais vão constituir «um teste à implantação local dos partidos e um julgamento à actuação dos órgãos executivos dos municípios e das freguesias».

Neste sentido, foi sublinhado que a AD «não teme o desgaste do poder a nível central, já que o eleitorado não é afectado por um eventual desgaste desse tipo, mas sugestionado pelo exercício do poder local».

A este propósito, Anacoreta Correia (CDS) esclareceu que com a proposta de listas coligadas e, simultaneamente, separadas se atingem dois desideratos: «unidos, fortalecer a coesão AD e, sempre que a vitória esteja assegurada separadamente, fazer o teste da implantação dos partidos constitutivos da AD».

PSD da Madeira elabora listas

A Comissão Política do PSD da Madeira concluiu ontem a elaboração de listas dos candidatos às próximas eleições autárquicas.

Uma fonte partidária revelou que as comissões de freguesia darão ainda um último parecer na ordem e escolha dos elencos a propor, a fim de a entrega dos documentos exigidos por lei se efectivar dias antes dos prazos estabelecidos.

A partir da próxima semana e até fim de Outubro decorrerão plenários de todos os candidatos a nível concelhio com a presença do presidente da Comissão Política Regional, Alberto João Jardim.

A fonte adiantou que o deputado à Assembleia da República, Sá Fernandes, deverá encabeçar a candidatura à Câmara Municipal, do Funchal, cujo actual presidente já anunciou o seu afastamento.

Na segunda posição da lista poderá figurar João Dantas, actual presidente da Câmara de Lobos.

Um outro deputado ao parlamento nacional, Nicolau de Freitas, sera o eventual líder ao município de Santana, pelas listas do PSD.

Os sociais-democratas que detêm a maioria em todos os municípios da Madeira encaram a hipótese de substituir os actuais presidentes de mais de metade dos concelhos.

Elvas: não houve zanga com PPM

O PPM apoia a candidatura de Manuel Cunha da Mota como cabeça de lista para a eleição da autarquia de Gondomar proposto pelo CDS – revelou à ANOP uma fonte monárquica.

A mesma fonte disse que «o PPM não foi abandonado pelos seus tradicionais parceiros políticos, quanto à candidatura de um monárquico para o município de Elvas».

«O que acontece» – afirmou «é que, por estratégia o PPM resolveu apresentar agora candidato próprio para aquela autarquia visto que nas eleições anteriores perdeu a presidência apenas por 500 votos».

ensino

Atrasos e deficiências assinalaram abertura do ano lectivo

Em vez da conferência de Imprensa promovida pelo ministro da Educação para assinalar, nos últimos anos, a abertura do ano lectivo, Fraústo da Silva preferiu proceder a visitas simbólicas a duas escolas de Lisboa: a preparatória Francisco Arruda e a secundária Camões.

Nas escolas, a que se deslocou acompanhado pelo subsecretário de Estado para os Assuntos Pedagógicos, o ministro reconheceu as deficiências e os atrasos da abertura das actividades lectivas, que para os graus preparatório e secundário estavam marcadas para ontem, dia 6.

De acordo com um porta-voz do Ministério da Educação, prevê-se que as aulas abram em todas as escolas no próximo dia 11, com excepção de 12 escolas, sujeitas a obras de remodelação ou ampliação.

Mas organizações sindicais como, por exemplo, o Sindicato dos Professores da Grande Lisboa, pensam que muitas escolas não funcionarão em pleno tão cedo, sendo uma dessas razões a colocação tardia de professores pelo chamado mini-concurso. Este ano, cinco mil vagas serão preenchidas só depois do dia 15 do mês corrente, ou seja, quando for publicada a colocação dos professores que concorreram ao «mini-concurso».

Todavia as declarações de intenções (boa) da nova equipa do ME, continuam. De acordo com a ANOP, Fraústo da Silva terá afirmado ontem durante as visitas «simbólicas» às escolas já referidas, que a centralização de um sistema de computador a médio prazo poderá minorar os problemas de matrículas de alunos e a consequente colocação.

A informatização, a ser utilizada inicialmente a título experimental, baseada no ficheiro de todos os alunos e das escolas centralizado no Ministério, poria fim às «bichas» e preocupações dos pais na inscrição dos seus filhos.

Sindicato do Norte contra Ministério

O Sindicato dos Professores da Zona Norte (SPZN) manifestou a propósito do início das aulas nos ensinos preparatório e secundário a sua «profunda discordância» relativamente à política do Ministério da Educação.

Em conferência de Imprensa, a presidente da Direcção, Manuela Teixeira, afirmou que «a política do Ministério caracteriza-se por falta de capacidade, demagogia e incompetência, com reflexos no lançamento do ano lectivo.»

Como exemplo de falta de capacidade, esta dirigente sindical referiu que «o calendário escolar somente foi publicado no «Diário da República» em 23 de Setembro e nele não estão fixados os prazos de avaliação».

Por outro lado – acrescentou Manuela Teixeira – «ainda não foram publicadas as listas dos profissionalizandos do ensino particular e as concomitante listas dos delegados, que assim virão a ser destacados com prejuízo das escolas oficiais e particulares depois do início do ano lectivo».

Enquanto se declara o fim dos exames já neste ano lectivo, reconhece o Ministério que «ainda decorrem os estudos sobre os métodos de avaliação» e o ministro comunicou aos sindicatos dos professores do Norte e do Centro que «não tem qualquer plano que vise a formação dos professores» – disse a presidente do SPZN.

Sublinhou que «o sistema de avaliação não se altera de forma positiva através de um mero decreto, porque tal alteração supõe uma preparação adequada dos professores e eventuais transformações de estruturas».

Outra dirigente sindical, Manuela Braga, salientou que «as reformas decretadas são profundas e exigem um tempo de preparação dos programas e dos professores».

Dez vereadores por nove eleitos?

Auditores jurídicos avalizam Abecasis

O exercício de funções por dez vereadores AD na Câmara de Lisboa, quando apenas nove foram eleitos foi considerado «legal» pelo respectivo presidente, Krus Abecasis.

O responsável da Câmara de Lisboa, falava na habitual reunião das segundas-feiras e baseava-se no parecer de dois auditores jurídicos, em satisfação de uma solicitação dos vereadores da APU.

Uma proposta de alteração orçamental foi também aprovada na referida reunião com os votos favoráveis única e exclusivamente da AD. Os vereadores do PS dividiram-se (uma abstenção e três desfavoráveis) e a APU foi contra, em bloco.

A oposição abster-se-ia num outro caso, que a AD aprovou como é lógico. Trata-se da reserva de 14 fogos no bairro de Telheiras Norte, para igual número de famílias que vão ser desalojadas com o prolongamento da Avenida Afonso Costa.

Uma proposta de permuta de parcelas de terreno municipal, mereceu igulmente os votos favoráveis dos vereadores de direita. Assim 19 parcelas de terreno municipal serão trocadas por 33 outras, na Quinta de S. Vicente. Objectivo: permitir à EPUL a «execução do programa habitacional».

Desalojados (há dez meses) da Sé e Miragaia

Assembleia Municipal do Porto "O que aqui foi votado é zero"

— *diz um eleito do CDS, contra proposta aprovada*

PORTO, 7 – o drama dos desalojados da Sé e de Miragaia ocupou quase completamente a reunião da Assembleia Municipal do Porto, que esta madrugada terminou, passava já da 1,30. Sala cheia de público, ambiente tenso, divergências quanto às soluções a dar àquele grave problema que se arrasta há meses. Já lá vão dez. E, apesar das promessas e das aparentes decisões, tudo se mantém na mesma. Ou seja: as centenas de pessoas afectadas pelos temporais de Dezembro de 1981 continuam a viver em condições degradantes em pensões que os 'sacodem' para a rua pela manhã e só deixam entrar à noite.

Acolhe-as o frio, o vento, a chuva, a fome (onde podem elas arranjar dinheiro para comer todos os dias em restaurantes, uma vez que não podem cozinhar?). «O salário que chegava para tornar forte a sopa que toda a família comia, não chega hoje, nem de longe, para pagar uma refeição por cabeça, seja em que restaurante for» – afirma, concretamente, o presidente da AM, Almeida e Sousa, numa exposição enviada ao ministro Viana Baptista. Em muitos casos, o último recurso contra a fome tem sido a casa de penhores. E, conta Almeida e Sousa, «em grande parte dos agregados, já lá vão as alianças, os cordões, os anéis e, pior ainda e mais significativo, os fogões, os móveis e os cobertores».

Vai o presidente cumprir a decisão?

Após muita discussão e alguma confusão quanto à metodologia a seguir, foram aprovadas duas de oito propostas apresentadas pelas várias representações partidárias. A primeira apresentada pelo CDS volta a confiar na capacidade de um executivo que tem exibido a mais completa inoperância: «propõe-se que a AM notifique o executivo... a máxima prioridade ao problema...» Apesar de nada avançar, a vontade é tanta de todos os outros deputados, em resolver o problema que a proposta passou: 33 a favor, 4 contra e 25 abstenções. A fé no executivo ainda é grande...

A outra proposta (PS) aprovada e acolhida vibrantemente pelo público, tinha já outro significado: alojar as pessoas na parte do bairro de Bessa Leite cuja venda está prevista pela Câmara Municipal. PSD e CDS votaram contra (31); PS, APU, UDP e dois independentes a favor (32). E nos rostos do desespero de quantos desalojados ali se encontram, nasceu a alegria (efémera), com palmas redobradas.

A grande incógnita está em saber se, desta vez, vai o presidente da Câmara dar cumprimento à decisão tomada ou se as casas vão ser mesmo vendidas. Fernando Albuquerque, deputado pelo CDS, não deixou porém, esperanças: «o que aqui foi votado é zero».

Um investimento a médio prazo

Câmara de Évora bate-se por Comissão de Turismo

A criação da Comissão Regional de Turismo de Évora é um dos grandes objectivos a atingir pelos responsáveis autárquicos locais – revelou em conferência de Imprensa a responsável camarária pelo pelouro, Fernanda Ramos.

A responsável camarária, anunciou que o incremento do turismo rural, «procurando interessar os operadores turísticos e as entidades oficiais» e a instalação em Évora de uma escola de hotelaria são outros dois grandes objectivos a atingir.

Para Fernanda Ramos, eleita pelo Partido Socialista, e há três anos à frente do pelouro do turismo da Câmara eborense, a autarquia local terá de fazer uma opção concreta sobre a sua política de turismo.

Depois de considerar o turismo em Évora, como um investimento a médio prazo, a vereadora sublinhou que o sector turístico, «uma vez bem aproveitado, poderá dar uma total autonomia económica à autarquia».

A esse propósito, considerou ainda «não existirem neste momento infra-estruturas camarárias para o seu desenvolvimento» e que «só a iniciativa privada, devidamente apoiada a nível oficial, poderá desenvolver o turismo em Évora».

Falando mais pormenorizadamente sobre a futura criação da Comissão Regional de Turismo, Fernanda Ramos afirmou que ela está consignada nos planos da Câmara e defendeu que o distrito de Beja fosse englobado nessa iniciativa.

Sobre o balanço da actividade do seu pelouro que considerou positivo, «apesar de algumas falhas e condicionamentos», a autarca socialista fez questão de referir que as carências do concelho noutros pelouros, consideradas de maior urgência e as limitações financeiras «impediram uma maior implementação do sector».

Das actividades turísticas e culturais promovidas pela Câmara, Fernanda Ramos destacou o primeiro Carnaval de Évora, a recuperação da Feira de São João e o recente certame cultural «Évora, os Povos e as Artes».

Depois de se referir ao elevado número de visitantes que todos os anos afluem à capital do Alto Alentejo, a vereadora do turismo disse que Évora é um ponto sensível da corrente turística em Portugal, sendo no Sul do País a cidade mais vocacionada para atrair o turista.

DOSSIER

Assassínio deliberado, acidente ou acto de um "louco"?

Medicamento envenenado lança o pânico nos Estados Unidos

A morte de sete pessoas na área de Chicago, na semana passada, por envenenamento com cianeto adicionado a cápsulas de «Tylenol Extra-forte», uma analgésico produzido pelos laboratórios da «McNeil Consumer Products Co.», subsidiária da «Johnson and Johnson», provocou o maior alerta ao consumidor de que há memória nos Estados Unidos.

As autoridades policiais e sanitárias encontram-se a braços com um caso complexo e recheado de incógnitas. Assassínio deliberado, ou acidente de manipulação dos produtos, na fábrica? Se foi contaminação premeditada, onde e quando ocorreu?

Alguns peritos consideram altamente improvável que a alteração do medicamente tenha ocorrido ao longo da cadeia de produção do «Tylenol»: o controlo de qualidade é muito rigoroso, e atestado pelas autoridades sanitárias do país. Por outro lado, o medicamento é metido, depois de confeccionado, em embalagens de plástico na fábrica, o que torna praticamente impossível a sua adulteração posterior.

Outras fontes, pelo contrário, inclinam-se exactamente para esta possibilidade; a contaminação teria ocorrido, deliberada ou acidentalmente, nas instalações da «McNeil». Com efeito, os responsáveis da empresa ofereceram na semana passada uma recompensa de 100.000 dólares a quem fornecesse informações que levassem à resolução do caso, mas recuaram no que diz respeito a declarações iniciais de que não havia manipulação de cianeto nas instalações laboratoriais.

Todavia, a teoria mais difundida sustenta que alguém terá retirado garrafas dos armazéns, nas quais introduziu algumas cápsulas do medicamento com veneno, voltando a colocá-las no mesmo sítio.

Se assim foi, o culpado poderá ser um trabalhador da empresa – e esta poderia ter que despender com o caso à volta de 50 milhões de dólares – ou um agente de concorrentes.

É que, ao fim e ao cabo, recordam os defensores desta hipótese, os produtores de aspirinas sofreram um rude golpe comercial com a comercialização do «Tylenol».

Finalmente, diversos especialistas sustentam que terá apenas sido um acto de um «psicopata» com «uma diabólica ideia de assassinato anónimo».

«A amplitude das possibilidades assusta-me», declarou um responsável do Departamento de Saúde Pública de Illinois.

Oitava vítima foi a primeira?

A evolução mais recente do caso confirma esta ideia.

Enquanto foram descobertas em Oroville, na Califórnia, embalagens do medicamento contendo estricnina, que não causaram casos mortais, mas obrigarão eventualmente a alargar a área das investigações, uma nova vítima se juntou à lista das mortes causadas pelo «Tylenol» adulterado.

A Polícia de Filadélfia indicou ontem em conferência de Imprensa que foram detectados vestígios de cianeto no sangue e no estômago de William Pascual, um estudante de 26 anos que se supusera haver-se suicidado no seu apartamento, em 3 de Abril passado, onde foram encontradas cápsulas de «Tylenol» envenenadas.

Até à descoberta desta «nova» vítima, os investigadores limitavam, segundo o Promotor da cidade de Chicago, o número de suspeitos a oito ou nove. Para já, este processo será aberto de novo pela Polícia.

A Imprensa americana fala já, a propósito do caso «Tylenol» de uma «Roleta americana», atingindo indiferenciadamente consumidores do medicamento.

E não deixa de ser amargamente irónica a situação a que se chegou: um produto que os americanos descobrem de repente mortal, fora apresentado durante anos como um «seguro» substituto da aspirina, com a vantagem de nem sequer provocar perturbações estomacais aos seus consumidores...

Quando as autoridades lançaram uma campanha nacional de alerta, começaram a chover chamadas telefónicas de cidadãos em pânico sobre os centros de controlo antiveneno. Registou-se também uma autêntica corrida às farmácias e lojas, onde as pessoas exigiram a devolução do dinheiro dispendido na aquisição do «Tylenol». Muitos, ainda, decidiram simplesmente desfazerem-se das embalagens que tinham em casa.

América inquieta

Foi por mero acaso que os investigadores chegaram tão rapidamente à causa das mortes: os familiares de uma das vítimas ingerira o «Tylenol Extra-Forte», envenenado. Poucas horas depois, a Polícia encontrava as garrafas (que permitiram chegar aos lotes respectivos): o cheiro a cianeto era tão intenso que quase se tornou desnecessária a análise.

Começava o alerta. De casa em casa, através da rádio e televisão, informações dos efectivos policiais, escuteiros, párocos, e professores, distribuição de antídotos, tudo e todos foram mobilizados para impedir novas vítimas.

Uma mulher de 35 anos, pelo menos, não ouviu os apelos públicos. Paula Prince foi a sétima vítima.

Esta campanha originaria, também, falsos alarmes, inevitáveis em situações desta natureza. Outros casos menos claros levaram ao internamento de nove pessoas.

Para além da proibição de venda, até apuramento das responsabilidades e descoberta do causador destas mortes, foram lançados apelos no sentido de não serem lançadas na rede sanitária as embalagens, para evitar a contaminação das águas. Em diversas lojas, embalagens suspeitas de «Tylenol» foram retiradas de circulação por iniciativa dos respectivos proprietários.

A inquietação do público americano, todavia não cessa de crescer.

«Os consumidores não têm de facto qualquer defesa contra situações destas», afirmou esta semana Susan Bond, funcionária de divisão de Alimentação e Drogas do Departamento de Saúde Pública da Califórnia, que tem acompanhado a evolução do caso.

Seja quem for o responsável, o caso vem, uma vez mais, pôr em evidência a vulnerabilidade individual, perante os medicamentos, os alimentos ou quaisquer outros produtos de consumo corrente.

Realidade que outro responsável norte-americano sintetizava desta maneira: «Não há sistema nenhum que nos permita garantir a protecção das pessoas contra situações bizarras como esta».

Milhares de contos desviados na Junta de S. João da Madeira

PORTO, 7 – O presidente da Junta de Freguesia de S. João da Madeira, Jorge Ferreira de Castro, militante do PSD, ex-deputado e dirigente do Sindicato dos Escritórios de Aveiro, e da UGT, terá desviado milhares de contos da Junta, desconhecendo-se neste momento o seu paradeiro. Um escândalo naquela vila fabril.

«Sabe-se que é uma quantia avultada, mas desconhecem-se os valores exactos» – disse, esta manhã ao «DL» o dirigente da Comissão Política do PSD local, José Oliveira Bastos, sublinhando que os restantes elementos da Junta ainda estão a apurar a grandeza das irregularidades. Certo é, no entanto, que há muitos documentos falsificados, por Jorge de Castro. Fala-se com insistência que as verbas desviadas devem ascender a cerca de oito mil contos. Foi já pedido ao MAI um inquérito.

Oliveira Bastos conta-nos como foi: «Logo que os restantes membros da Junta tiveram consciência, no mínimo, que havia fraude, depois de uma análise sumária, reuniram-se e pediram imediatamente um inquérito ao MAI».

Como surgiram as suspeitas?

Pois Jorge de Castro era um cidadão acima de toda a suspeita, os restantes elementos da Junta confiaram, m dinheiro necessário para fazer face às despesas correntes, não faltava, até que um dia...Um dia, em fins de Setembro, os outros elementos da Junta – Álvaro Pinto, Carlos Dias e César de Almeida, todos do PSD – viram o saldo da conta da Junta muito baixo e extranharam. Pouco depois tinham em seu poder cópias de diversos documentos nos quais constavam as suas assinaturas falsificadas.

Posto isto, convocaram imediatamente o presidente da Junta, que se compromete aparecer, mas à última da hora, dá o dito por não dito. Manda, no entanto, uma carta, contendo dois documentos (um deles pedindo uma sindicância ao MAI) que não mereceram a credibilidade da Junta. Depois disso, nunca mais apareceu. Quem o confirma é o próprio dirigente do PSD, Oliveira Bastos.

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA E EXPORTAÇÃO
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/5935, arquivo 9, para o estabelecimento no concelho de Mafra de uma linha mista a 10 KV N.º 1280/R-5 com 60 metros do poste n.º 11 da linha n.º 1280, ao posto de transformação n.º 2880-C, da Electrogalva, sito na Venda do Pinheiro.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 24 de Setembro de 1982.

O Engenheiro Director
JÃO CARLOS OUDINOT LARCHER NUNES

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE ÉVORA

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

RECRUTAMENTO DE ASSISTENTES ESTAGIÁRIOS

A Universidade de Évora torna público que vai ser aberto, pelo prazo de 30 dias a partir da data da publicação do respectivo edital no «Diário da República», concurso documental para recrutamento de quatro assistentes estagiários para o Departamento de Química.

Ao concurso serão admitidos candidatos com licenciatura ou curso superior equivalente adequados, que tenham obtido a informação final mínima de «Bom» e satisfaçam os demais requisitos constantes do referido edital.

de ontem para hoje

Espanhol e italiano condenados

O espanhol António Gonzalez Sandoval, pintor decorador, e o italiano Ângelo Grillo Romano, artista de variedades, foram ontem condenados no 1.º Juízo Criminal do Porto, às penas de catorze anos e de catorze e meio de prisão maior respectivamente, por envolvimento em vários assaltos à mão armada, naquela cidade. Sandoval, de 29 anos, e Romano, de 41, tinham sido detidos pela PSP, no passado dia 20 de Janeiro, depois de terem assaltado a Caixa de Crédito «A Garantia», na Rua Costa Cabral, de onde levaram objectos e cheques no valor de trezentos contos, e ainda as estações dos CTT do Ameal e da Foz do Douro, de onde levaram respectivamente oitenta e duzentos contos. Os dois homens, que depois de cumprirem as penas serão repatriados para Espanha a fim de serem julgados por vários assaltos, utilizaram nas suas acções pistolas e «sprays» com que anestesiaram alguns dos funcionários de serviço.

«Máscara» de Florbela Espanca

A Câmara Municipal de Matosinhos inaugura no próximo sábado, pelas 11 horas, uma «Máscara» de Florbela Espanca, da autoria da escultora Irene Vilar, numa placa ajardinada sita na confluência das Ruas Ló Ferreira e Tomás Ribeiro. À cerimónia estarão presentes várias personalidades, entre as quais o ministro da Cultura, a poetisa Natália Correia, o governador civil do Porto e o presidente da Câmara Municipal de Vila Viçosa. Florbela Espanca nasceu em Vila Viçosa e passou vários anos da sua vida em Matosinhos, terra onde acabaria por encontrar a morte.

Falsificou o passe social

Acusado de exibir um passe social viciado foi detido num autocarro da Carris, em Lisboa, o contínuo Sebastião Pacheco, de 55 anos. De acordo com o auto de notícia, Sebastião Pacheco exibiu um passe pertencente a uma utente, no qual colocara a sua fotografia.

Assassínio na Pinheiro da Cruz

Um cidadão cabo-verdiano detido na Cadeia de Pinheiro da Cruz foi morto, no último domingo, após ter sido agredido por outro preso da mesma nacionalidade, segundo anunciaram ontem os ServiPrisionais. O incidente verificou-se cerca das 18 horas durante o encerramento dos reclusos daquele estabelecimento prisional, situado nas proximidades de Grândola, tendo Sérgio Mendes de Brito sido agredido com objecto cortante por Mário Manuelda Luz. A informação dos Serviços Prisionais refere ainda ter o incidente ocorrido «inesperadamente e sem possibilidade de intervenção do pessoal de vigilância».

Doente mental afogado

Um jovem que sofria de perturbações mentais, António Maria Vilhena Gonçalves da Silva, de 18 anos, natural de Santiago de Cacém, morreu ontem afogado na piscina da clínica do Centro de Estudo e Profilaxia da Droga, ao Restelo. António Maria estava internado no Colégio Ocupacional S. João Bosco, localizado nas proximidades da piscina onde encontrou a morte. Desconhecem-se por enquanto as circunstâncias em que ocorreu o afogamento.

Faleceu Baptista Rosa

O tenente-coronel Baptista Rosa, figura destacada da RTP até ao 25 de Abril de 1974, sobretudo no período de Ramiro Valadão, morreu ontem numa clínica particular de Lisboa, após ter sido acometido, a semana passada, de um enfarte de miocárdio. Natural de Nisa, Baptista Rosa, que tinha 57 anos, realizou numerosos trabalhos cinematográficos, sendo actualmente administrador da Agência Portuguesa de Revistas e director da revista «Plateia».

Misturava rações com pesticidas

O comerciante José Maria Gonçalves Ferreira, proprietário de um armazém de venda de alimentos compostos para animais e de pesticidas, em Outeiro (Pombal), foi condenado no Tribunal de Leiria sob a acusação de vender produtos fitofarmacêuticos das classes de toxidade I a IV, sem que se achasse licenciado para o efeito. Além do mais, José Ferreira, que sofreu a pena de 60 dias de prisão, mantinha esses produtos tóxicos em contacto com as rações, pondo assim em risco não só a vida dos animais, como a saúde dos consumidores.

Sugeito a pena maior diz-se absolvido

Guerra Madalena faz campanha "ignorando" acórdão da Relação

O Tribunal da Relação de Lisboa manteve a decisão do 2.º Juízo Criminal de Lisboa, ao pronunciar o advogado Reinaldo Guerra Madaleno por três crimes de burla, no valor de milhares de contos, sendo dois por exportação ilícita de capitais, praticados contra o seu próprio irmão, António Guerra Madaleno, na qualidade de proprietário de uma firma de construção civil, com sede na Benedita, concelho de Alcobaça. Como co-réu aparece Rui Hélder Bernardo Moreira, que se apresentou ao lesado como engenheiro e conselheiro do Presidente da República, qualidades que, segundo o Tribunal, Reinaldo Guerra Madaleno sabia serem falsas.

Citando o acórdão da Relação, Reinaldo Guerra Madaleno e Rui Moreira são acusados «de na execução de um plano previamente concertado e para a defraudação do património da firma António Guerra Madaleno, Lda, terem induzido o seu proprietário a comprar maquinaria à empresa alemã «PROCON», alterando os preços reais, com o acordo da «PROCON», que lhes entregou o excedente – cerca de 20 mil contos – em prejuízo de António Guerra Madaleno».

«Ainda antes de ter conhecimento de tais factos – prossegue o acórdão –, António Madaleno foi contactado por Reinaldo, na execução de um plano previamente acordado com o réu Moreira, o qual convenceu António Madaleno de que os alemães da «PROCON» pretendiam comprar uma vivenda em Portugal, para aqui instalarem um escritório. António Madaleno, convencido de que isso correspondia à verdade, e para agradar aos alemães com o fim de obter vantagens nos negócios a celebrar com eles, entregou a Reinaldo Guerra Madaleno quatrocentos contos, que, por sua vez, os entregou ao réu Moreira, o qual utilizou tal quantia na compra de uma casa para si próprio, já que os alemães nunca quiseram comprar qualquer vivenda em Portugal».

E o acórdão do Tribunal da Relação termina afirmando ser importante reter que Reinaldo Guerra Madaleno a quem um semanário já apelidou de «O Roby das Imobiliárias», devido às inúmeras burlas que terá praticado na venda de andares – conhecido o co-réu Moreira, mentiu ao próprio irmão. Este facto aparentemente com pouca relevância tem-na efectivamente, quando pensamos que Reinaldo tinha a necessidade de convencer o irmão de algo que, de outro modo, seria de difícil ou impossível realização.

A Relação acabou, entretanto, por conceder a liberdade provisória a Reinaldo Guerra Madaleno, detido em Caxias até à data do julgamento, mediante a caução de 1500 contos (carcerária de 500 e económica de mil). Guerra Madaleno não poderá, no entanto, ausentar-se do País sem autorização do juiz nem mudar de residência sem fazer a necessária comunicação em juízo no prazo de oito dias.

AVENÇA PORTE PAGO

Distrito de Leiria

QUINZENAL PREÇO 15$00 ASSINATURA ANUAL 250$00 AGOSTO 1982 N.º 36

A JUSTIÇA ACABOU POR FAZER-SE

«A justiça acabou por fazer-se», escreve Guerra Madaleno no quinzenário «Distrito de Leiria», de que é proprietário e director, procurando levar os leitores a acreditarem na sua absolvição

«Cabala» e frases exemplares

Ora, embora conhecedor do acórdão da Relação, Reinaldo Guerra Madaleno já começou a utilizar o jornal «Distrito de Leiria», de que é proprietário e director, para fazer acreditar na região que foi absolvido, após ter sido alvo de uma «cabala» por parte do seu irmão e de alguns jornais («DL» incluído). Aproveitando, por outro lado, a sua qualidade de presidente da direcção do Ginásio de Alcobaça (clube que ascendeu esta época à Primeira Divisão do Nacional de Futebol), para alargar essa campanha a publicações desportivas, algumas delas com expansão nacional.

Apenas algumas frases (exemplares) extraídas do «Distrito de Leiria»: o nosso director em liberdade, depois de meses de agruras e injustiças escusadamente (...) muitas pessoas nos têm escrito a sugerir que se faça uma manifestação de apoio pelo aprumo, pela coragem, pela simpatia conquistada». Respondendo depois à pergunta («O que pensa fazer em relação aos inimigos que o acusaram?»): A vingança é filha do ódio. A compreensão é filha da justiça. Penso mais compreendê-los que vingá-los. Irei reeducar, irei construir perdoando, talvez punindo como um pai e não como um carrasco, inumano, vingativo e fanático». E ainda no mesmo quinzenário: «António traiu o próprio irmão, serve-se dele e depois acusa-o com testemunhas falsas, na mira de dinheiro». E ainda: «António defraudou a Justiça, Tribunal e juízes. Estes jamais lhe perdoarão este erro». Quem defraudou quem? A quem é que a Justiça, Tribunal e juízes não irão perdoar?... Com franqueza: é preciso «descaramento» (e abertura jurídico-social) para se permitir uma tal dose de manipulação!...

Manuel Geraldo

Bombeiros em congresso

FIGUEIRA DA FOZ, 7 – O simpósio técnico sobre «Segurança em transportes de produtos explosivos e tóxicos por via terrestre e fluvial» preenche toda a sessão de hoje do 25.º Congresso Nacional dos Bombeiros ontem inaugurado nesta cidade pelo secretário de Estado da Administração Interna, Carlos Encarnação.

Para lá da exposição, esta tarde, de Luís Pol Marin, inspector-geral de incêndios da Catalunha, sobre a actuação dos bombeiros nos acidentes com mercadorias perigosas, o tema em questão será, também esta tarde, motivo de intervenção por parte dos eng.ºs José Alberto Franco e Margarida Roxo, técnicos da Direcção-Geral dos Transportes Terrestres, e Barros Raposo, responsável pela segurança nos transportes da «Petrogal». Os dois primeiros abordam as perspectivas de regulamentação nacional dos transportes de mercadorias perigosas; o responsável técnico pela segurança nos transportes da «Petrogal» fala sobre o papel da indústria na prevenção do acidente.

O secretário de Estado da Administração Interna presidiu no Museu Nacional desta cidade à abertura do XXV Congresso Nacional dos Bombeiros Portugueses em representação do ministro Ângelo Correia, no momento em que é indicado para cabeça de lista da Aliança Democrática à Câmara Municipal de Coimbra. O general Ramalho Eanes presidirá à sessão de encerramento ao fim da manhã de domingo.

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

SERVIÇO DE AQUISIÇÕES

ANÚNCIO

Concurso n.º 3 — 1964/82

Aquisição de equipamento de microfilmagem para o Serviço Comum de Doentes — Sector de Microfilmagem dos Hospitais Civis de Lisboa.

Recebem-se propostas até às 9,30 horas do dia 27 de Outubro próximo, para o mencionado concurso.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições (Campo dos Mártires da Pátria, 91) todos os dias úteis das 9 às 11,30 horas e das 14 às 16, as respectivas condições.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa, 29 de Setembro de 1982.

O Chefe do Serviço
Maria Fernanda Simão

MONTEPIO GERAL

ASSEMBLEIA GERAL

SESSÃO EXTRAORDINÁRIA

A realizar, por motivo de obras no edifício da Sede, na Associação Comercial de Lisboa, na Rua das Portas de Santo Antão, 89, em Lisboa.

Reúne-se hoje, Quinta-feira, no endereço acima indicado, às 18 horas, com interrupção às 20 horas e prolongamento a partir das 21 horas, no mesmo local, em segunda Convocatória, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

— Discutir e votar os projectos dos Estatutos e Regulamentos de Benefícios do Montepio Geral e dos Estatutos da Caixa Económica de Lisboa, elaborados pela Comissão eleita na 4.ª sessão da Assembleia Geral de 30/3/77, que teve lugar no dia 21 de Abril do mesmo ano.

Lisboa, 7/10/82

IMPÉRIO

COMPANHIA DE SEGUROS

Resumo do Balanço em 31 de Dezembro de 1981 - Consolidado

Activo		
Reservas técnicas de resseguro cedido		1 296 795 833$80
Investimentos		7 911 612 133$50
Mobiliário e material	163 157 477$20	
Amortizações	-68 335 960$50	94 821 516$70
Devedores p/ valores em depósito		878 712 878$80
Valores em depósito		20 424 170$00
Devedores		4 494 259 972$70
Letras a receber		78 616 717$00
Caixa e bancos		486 350 521$20
Contas a amortizar		96 704 233$80
Total do activo		15 358 297 977$50
Passivo		
Reservas técnicas		8 096 733 700$00
Credores p/ valores em depósito		539 787 376$20
Credores		3 586 065 134$70
Provisões		709 981 053$70
Total do passivo		12 932 567 264$60
Situação líquida		
Capital		200 000 000$00
Reservas		486 069 249$20
Flutuação de valores		1 732 722 330$80
Resultado do exercício		6 939 132$90
Total da situação líquida		2 425 730 712$90
Total do passivo e situação líquida		15 358 297 977$50
Contas de ordem		
Letras descontadas		
Responsabilidade p/ letras descontadas		445 164 702$90
FUNDAP - Actualizações		
FUNDAP - Responsabilidades p/ actualizações		73 412 111$30

Resumo da Conta de Ganhos e Perdas em 31 de Dezembro de 1981 - Consolidado

Receitas		
Prémios		8 475 704 321$60
Indemnizações de resseguro cedido		1 174 304 513$20
Comissões de resseguro cedido		376 964 095$70
Rendimentos		336 251 447$60
Receitas diversas		336 496 468$30
Variação das reservas técnicas de resseguro cedido		112 322 549$60
Totais		10 812 043 396$00
Encargos		
Comissões, incluindo despesas de aquisição		1 165 329 998$10
Prémios de resseguro cedido		1 670 096 949$50
Juros pagos aos resseguradores		30 152 315$90
Indemnizações		5 586 280 481$30
Crescimento das reservas técnicas		786 344 777$80
Variação das provisões		74 954 392$90
Despesas gerais:		
Órgãos sociais	5 781 200$00	
Encargos c/ pessoal	762 816 975$90	
Outras despesas de administração	429 316 080$40	
Impostos	190 478 906$80	1 388 393 163$10
Encargos diversos		75 277 413$80
Amortizações e reintegrações		28 274 770$70
Resultado do exercício		6 939 132$90
Totais		10 812 043 396$00

Valores Estatísticos

	1977 *	1978 *	1979 *	1980	1981
Volume de negócios	3 067 382	3 822 575	4 947 858	7 467 723	**8 811 955**
Prémios	2 926 391	3 659 935	4 741 976	7 215 367	**8 475 704**
Seguro directo	2 187 739	2 760 386	3 399 875	5 511 919	**6 500 945**
Resseguro aceite	738 652	899 549	1 342 101	1 703 448	**1 974 759**
Rendimentos	140 991	162 640	205 882	252 356	**336 251**
Prémios retidos	2 385 140	2 978 486	3 853 752	5 940 613	**6 805 607**
% dos prémios totais	81,50	81,38	81,27	82,33	**80,30**
Capital	120 000	120 000	120 000	200 000	**200 000**
Reserva legal	22 000	–	–	–	**–**
Reserva especial	–	519 809	521 355	485 268	**485 268**
Reserva livre	467 867	–	–	–	**–**
Outras reservas	–	112	801	801	**801**
Flutuação de valores	-62 167	645 286	565 752	2 373 810	**1 732 723**
Reservas técnicas	3 845 833	4 529 108	5 187 342	6 495 616	**8 096 734**
Matemáticas	2 640 621	2 935 703	3 214 408	3 863 223	**4 445 426**
Garantia	630 554	772 497	1 069 847	1 634 103	**1 881 705**
Seguros vencidos	574 658	820 908	903 087	998 290	**1 769 603**
Investimentos	4 129 898	4 919 523	5 230 752	7 402 233	**7 784 627**
Títulos	2 029 698	2 071 661	2 073 982	2 138 622	**2 066 759**
Imóveis	1 906 291	2 632 765	2 786 700	4 864 719	**5 144 293**
Empréstimos	193 909	215 097	370 070	398 892	**573 575**
Resultado	15 825	24 578	23 800	45 387	**6 939**

* Não se incluem valores da Alentejo e Açoreana (Continente e Madeira).

O Técnico de Contas: José Cardoso Lameiras

O Director Financeiro: Luís António Salgado Rodrigues

O CONSELHO DE GESTÃO

Porfírio de Assunção Moreira - Presidente
Dr. António Carlos Ahrens Teixeira Esteves - Vogal
Dr. Gonçalo Calapez Borges - Vogal
Dr. Tomé Pinho Gil - Vogal

A COMISSÃO DE FISCALIZAÇÃO

Alfredo Fontes A. Falcão - Presidente
Manuel Maria Allua Simas - Revisor Oficial de Contas
António Ferreira - Representante dos Trabalhadores

AO SEU SERVIÇO

IMPÉRIO

a sua seguradora

A BARCA SEM OS CORVOS

Submarino nuclear português

Aquele barco que está à frente da Ribeira das Naus, de borco, parece que é para ficar.

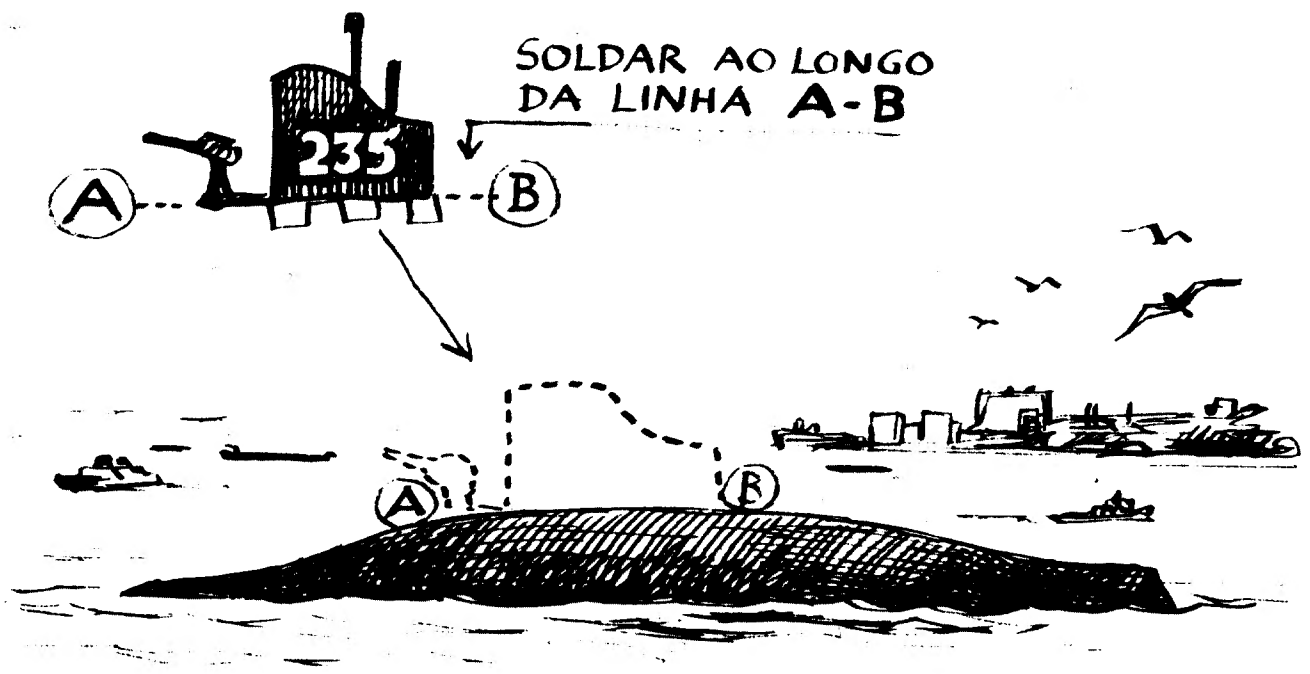
Vai gastar-se um dinheirão para continuar a tentar safá-lo, a tal ponto que quando se conseguir (se se conseguir), já nem compensa.

Bem mais interessante seria dar-lhe um fim útil, assim, a partir da situação concreta em que está.

Pôr-lhe um restaurante típico e panorâmico, em cima? É pouco seguro, apesar de que a CML certamente gostaria, porque isso de instalar restaurantes é muito com ela. Uma plataforma de prospecção de petróleo? Talvez; porque não? quem é que garante que ali não há petróleo – o que até tinha muita graça se acontecesse?

Eu proponho outra coisa.

Proponho que se faça dali um submarino atómico, soldando-lhe uma peça de chapa e uns tubos, como indico no boneco.



Ora bem, sei perfeitamente que há umas coisas a esclarecer. Vamos lá por partes, então, rebatendo um a um os argumentos que estou mesmo a ver que irão ser postos:

a) **Não é submarino, nem é atómico.** Olha a novidade. Todos sabem que era um navio porta-contentores, afundado, de barriga para o ar. Mas argumentar assim é não perceber a verdadeira beleza da questão. Repare-se: toda a gente sabe de antemão que não é um submarino atómico, mas basta a convicção em afirmar que **é**, aliada à inatacável lógica de que «se fosse um submarino atómico era – o mesmo»; «sendo-o, sê-lo-ia sem dúvida» e portanto nada obsta a que «se o pudesse ser, certamente seria!» Com muito menos do que isto se constroem por aí todos os dias realidades políticas e militares muito menos saudáveis.

b) **Não navega, e como arma é nulo.** Ora isso mesmo é que é simplesmente admirável. Que maravilhoso símbolo para um País, que, sem abdicar do direito a possuir como os outros as armas mais horríveis, o faz apenas simbolicamente, dando ao Mundo o duplo exemplo de pacifismo militante e de concreta abstenção de aumento das despesas militares que arruinam as nações, ao mesmo tempo que demonstra o melhor senso ecológico antinuclear e pratica a reciclagem industrial!

c) **Está em mau sítio.** Não está. Está ali mesmo ao pé do Terreiro do Paço, no centro simbólico do Poder Executivo, como silencioso guardião da liberdade e da soberania, discreto e firme - não se poderia ter escolhido melhor, depois do fiasco da Fragata D. Fernando (que, para quem não saiba, era Navio Almirante da Esquadra Portuguesa, ora toma lá! e este pelo menos é incombustível. Convém aos grandes símbolos nacionais ser incombustíveis, senão, é o que se tem visto...)

Se o Ministério da Marinha quiser, eu faço o desenho do acrescento de chapa (torre e periscópio) que copiei dum destes que vem nas caixas para os miúdos colarem, de plástico moldado.

Podia-se mandar fabricar na Lisnave, aproveitando restos de chapa usada de petroleiro. Pintava-se de cinzento, com grandes letras brancas: UX-235.

J.P.Martins Barata

comunicação social

Conferência Geral da Unesco

Admitida a participação do Instituto Internacional de Imprensa

O Comité de Liberdade da Imprensa Mundial e o Instituto Internacional de Imprensa vão ser convidados a participar na Conferência Geral de UNESCO que este ano aprovará o programa da organização sobre Comunicação Social para o período entre 1984/1989.

Uma recomendação nesse sentido foi agora aprovada pela Comissão Executiva da UNESCO, tendo agora de ser apreciada na reunião da Conferência Geral, prevista para Novembro/Dezembro, cujos membros decidirão se admitirão ou não representantes daquelas duas organizações internacionais de Comunicação Social.

Alguns membros do Comité Executivo da UNESCO opuseram-se à presença, no encontro, do Comité de Liberdade da Imprensa Mundial e do Instituto Internacional de Imprensa, organizações que têm desempenhado um papel activo na preparação do programa da UNESCO em prol da «circulação livre da informação» e do desenvolvimento das comunicações no sector, nomeadamente a partir dos países do Terceiro Mundo para os países industrializados.

O director-geral da UNESCO, Amadou Mahtar M'Bow, pronunciou-se a favor da admissão das duas organizações, tendo a Comissão Executiva recomendado que enviem observadores à Conferência Geral.

«Humor» britânico: ministro atira com o microfone...

Em Brighton, na passada terça-feira, registou-se um incidente jamais visto nos anais jornalísticos britânicos entre um dos mais célebres apresentadores da Televisão, «sir» Robin Day, e o ministro da Defesa, John Nott, quando este atirou com o microfone e interrompeu bruscamente a entrevista que lhe estava a ser feita, após um discurso que pronunciou no Congresso do Partido Conservador, sobre a instalação de mísseis nuclares «Tridente».

Nott foi-se mostrando cada vez mais irritado e, quando o jornalista o ...ticou de «político em trânsito», a propósito da intenção que anunciou recentemente de abandonar a política antes das próximas eleições, atirou com o seu microfone para cima da mesa e abandonou o estúdio.

«Obrigado, senhor Nott, é a primeira vez que me atiram um microfone» – disse ironicamente o entrevistador.

«Sir» Robin Day, jornalista muito conhecido na Grã-Bretanha há mais de trinta anos pelas suas entrevistas e a sua arbitragem em debates, foi feito cavaleiro o ano passado.

A cadeia nacional de Televisão (BBC/1) difundiu horas depois a entrevista integralmente, incluindo a súbita partida do ministro da Defesa.

Chile: jornalistas reclamam liberdade de imprensa

O Conselho Metropolitano do Colégio de Jornalistas, em Santiago do Chile, enviou um telegrama à Sociedade Interamericana de Imprensa (SIP), no qual lhe solicitava que «reclame» ao regime militar chileno «o restabelecimento da liberdade de Imprensa».

A petição foi apoiada pela Comissão de Defesa da Liberdade de Expressão da Sociedade de Escritores do Chile.

O telegrama enviado à SIP refere que a revista independente «Actualidade Internacional» acaba de ser encerrada, facto qualificado de «atentado à liberdade de Imprensa e expressão».

Do mesmo modo (lê-se ainda no telegrama) registaram-se recentemente vários impedimentos à emissão de programas jornalísticos das emissoras «Chilena» e «Agricultura» de Santiago.

Outro facto enunciado no telegrama dos jornalistas enviado à SIP é a censura à edição de um livro com reprodução de artigos de Imprensa da editorial «Aconcaguai».

A concluir, os jornalistas e escritores solicitam à SIP que «reclame junto das autoridades chilenas o restabelecimento de uma ampla liberdade de Imprensa e de edição».

Anonimato para publicações da CIA

O Supremo Tribunal dos Estados Unidos decidiu que os títulos e nomes dos autores de publicações financiados pelos serviços secretos (CIA) podem permanecer em segredo.

Há anos que o director da revista «Action», Victor Navasky, pedira informações sobre as mais de mil obras financiadas ou apoiadas pela CIA e distribuídas nos Estados Unidos e no estrangeiro.

Em Novembro passado, um tribunal de apelo rejeitou o pedido, alegando que a divulgação de tais dados prejudicaria a segurança nacional, decisão que segunda-feira última foi ratificada pelo Supremo Tribunal.

A CIA começou em 1961 a publicar livros e folhetos destinados a combater a propaganda e publicações editadas pela URSS, sobretudo nos países em vias de desenvolvimento.

Segundo um relatório do Senado norte-americano, aproximadamente 22 por cento das mais de mil obras financiadas pela CIA estão redigidas em inglês.

Frequentemente, os autores dos livros desconheciam a intervenção da CIA no financiamento das suas obras – suxlinha o relatório.

Espanha: comenda para IPI

O rei de Espanha concedeu a comenda de Isabel a Católica ao director-geral do Instituto Internacional de Imprensa (IPI), Peter Galliner, e ao ex-presidente da organização, Cushrow Irani.

A distinção imposta por Juan Carlos a estas duas personalidades, premiou o seu trabalho na organização e a preparação da XXXI Assembleia Geral da IPI que se realizou há meses em Madrid, e no decurso da qual foi debatido o tema da liberdade de Imprensa.

Peter Galliner, de nacionalidade britânica, vai receber a comenda no decurso de um seminário técnico-profissional sobre «O terrorismo e a informação», que a secção espanhola da IPI se propõe organizar em Toledo durante o próximo mês de Dezembro.

Cushrow Irani, de nacionalidade indiana e director do periódico «The Statesman», de Nova Deli, foi presidente do Instituto até à reunião de Madrid.

África do Sul: mais de 50% de censura

Os censores sul-africanos proibiram a circulação de mais de metade do material que lhes foi apresentado em 1981 – revela um relatório publicado em Pretória.

De um total de 1021 publicações, os censores declararam que 565 eram «indesejáveis».

De 337 filmes visados, 26 foram proibidos e 129 aprovados com cortes e restrições etárias.

France Presse: presidente reeleito

Henri Pigeat foi reeleito presidente da Agência France Presse, para um segundo mandato de três anos.

Pigeat, de 42 anos, recebeu os necessários 12 votos, entre os 15 membros do Conselho Administrativo da agência, para assegurar a sua reeleição.

Com uma longa carreira na gerência de organizações noticiosas, Pigeat foi nomeado vice-director-geral da FP em 1976 e três anos depois foi eleito presidente.

Promotores do Sindicato da PSP afirmam-se "rigorosamente independentes"

A Comissão Promotora do Sindicato da PSP difundiu ontem um comunicado no qual se afirma completamente alheia à intenção anunciada pela UGT de formar um Sindicato próprio naquela corporação, de acordo com uma notícia veiculada por um matutino de Lisboa. Para a referida Comissão, embora afirmando que a UGT tem o direito de tomar as posições que entender, o Sindicato a formar na PSP «será rigorosamente independente das centrais sindicais, dos partidos políticos, da Administração Publica e das organizações religiosas».

Referindo emanar «dos sentimentos mais puros e profundos de todos os elementos da corporação», a Comissão sublinha que o seu objectivo final é «criar um sindicato democrático, apartidário, independente, com capacidade jurídica própria e capacidade legal para a defesa dos interesses profissionais, materiais e morais dos agentes policiais».

Por outro lado, a mesma fonte revelou que já estão a funcionar grupos de trabalho pró-sindicais, encontrando-se em preparação os estatutos do futuro sindicato e estando prevista a realização da assembleia constituinte do Sindicato da PSP para princípios de 1983, «de forma a que Portugal siga o exemplo de todos os países da Europa Ocidental, onde os agentes policiais já se encontram organizados sindicalmente».

O que (não) se come em Portugal

Santarém vai mostrar a gastronomia que temos

A fataça na telha que alguns privilegiados comerão no primeiro jantar do II Festival e Seminário Nacional de Gastronomia, já no próximo dia 23, na Casa do Campino, é um daqueles pratos tipicamente ribatejanos que fazem dançar os estômagos mais cediços, capazes de pôr ou deixar um sujeito a chorar por mais.

A Câmara Municipal de Santarém e algumas regiões do País apostam a sério e a fundo neste II Festival e Jornadas Gastronómicas que o ano findo arrancaram na Casa do Campino com várias comparticipações do Governo e um notível investimento da edilidade. O certame deste ano, que abre no dia 23 e se prolonga até 1 de Novembro, cresceu bastante em relação a 81. Bastará para tanto referir que as tasquinhas regionais assaram de 24 a 52 e os pavilhões de artesanato de 17 a 35. A Secretaria de Estado do Turismo e o Ministério da Cultura e Investigação ajudam este II Festival e Seminário, para o qual a CM uma vez mais verteu maquia que a seu tempo será recuperada.

Se o jantar de 23 aguça o apetite, não se ficando pela fataça na telha (há mais na ementa: sopa de peixe, fruta da época, doces e vinhos de Alcanhões), o almoço, horas antes, não perde nessa luta gastronómica. Uma sopa de pedra (à Almeirim) é aliciante que poucos perdem se por aqui passam, e carneiro guisado à moda de Alpiarça também não é prato à mão de semear.

Mas note-se: come-se bem por estas paragens, mas é-se mal servido. O representante da Câmara Municipal nesta iniciativa, Carlos Abreu, admitiu-nos isso mesmo, há dias, no edifício dos Paços do Concelho, quando lhe perguntáramos se a região virá a beneficiar de certames deste tipo. O vereador socialista de Santarém está disso capacitado e entende que da própria iniciativa lucrará o País, uma vez que as ementas a apresentar neste festival serão todas compiladas e editadas em livro para distribuir por todo o território.

Matança do porco: Barcelos presente!

A fataça na telha, que muitos portugueses retêm na memória de um programa televisivo chamado «Sopa de Pedra» que um dia assentou arraiais nos arredores desta cidade, mais propriamente nas Caneiras (Sttau Monteiro era um dos responsáveis pelo dito e apareceu a comer uma suculenta sopa de favas e um coelho assado na terra que poucos sabem confeccionar) não é o único «grande prato» do festival.

Um tanto à laia de cada terra com seu prato (como cada roca com seu fuso). Évora vai apresentar-nos uma sopa de panela (com borrego e peru) que fará inveja a muitos dos participantes, do mesmo modo que o cabrito à moda da serra que a Estrela já anunciou. Enguias fritas à salineira e sopa aldrabada à marrafeira são as «ameaças» da Figueira da Foz, enquanto Barcelos adianta que mostrará como se mata um porco para os lados onde dizem ter nascido Gil Vicente e que saboroso paladar pode ter umas papas de sarrabulho, prato que com cozido à portuguesa e sarrabulho é parte substancial da chamada «boda de casamento». Talvez assim se perceba por que se come tanto lá para aqueles lados minhotos...

Isto não é tudo: o «dia» da região de Setúbal ficará na língua de todos pelo mexilhão na caçarola, depois de uma sopa rica de peixe com cotovelinhos. Para quem não souber, nesse dia haverá vinho da região de Almada e, vinte e quatro horas depois, um almoço à algarvia que também não é de deitar fora: cataplana de ameijoas, doces de amêndoa e vinhos de Lagos, Lagoa e Tavira. Viseu exibirá as suas virtualidades culinárias no dia 28, e desde já dá o tom: sopa saloia, bacalhau com broa à Trave Negra e feijoada à lavrador da Beira, entre outros pratos. Vinho do Dão e Lafões (verde).

«Mau Cozinhado»: vá lá provar

Além dos «dias» do Ribatejo, Évora, Serra da Estrela, Setúbal, Algarve, Viseu e Figueira da Foz, por esta ordem, teremos também como se cozinha e o que se come (se não se come, bem seria de comer...) de mais típico nos Açores e na Madeira.

Os açorianos vão deliciar-nos com uma sopa de peixe à insular, atum assado no forno e assado misto: os madeirenses apresentar-se-ão com açorda de segurelha e bife de atum com milho frito, para além de carne de vinho e alhos.

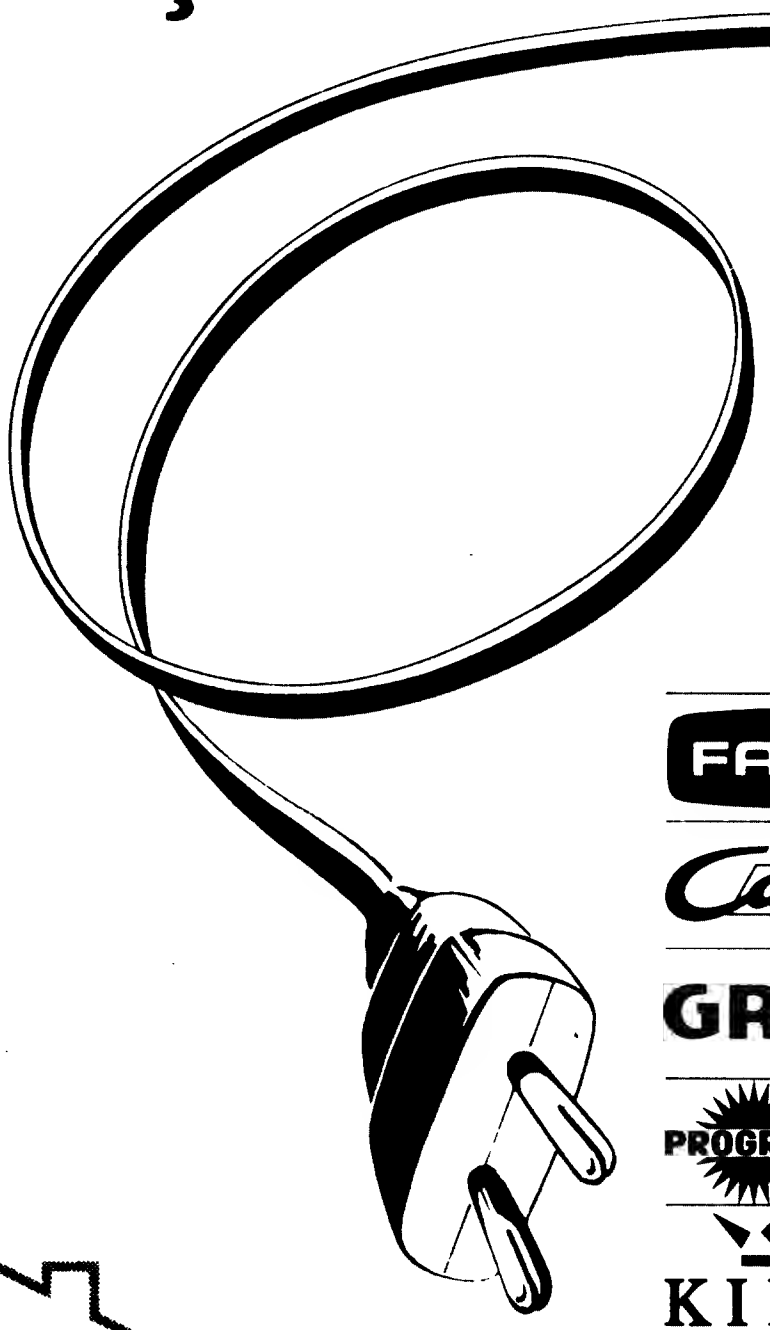
Perante isto um sujeito banza-se, qualquer estômago dá de si. Foi por isso que a CM ribatejana desta cidade há dias convidou alguns bons garfos para o «Mau Cozinhado» onde o nome, como se comprovou, não se adequa ao que lá se come, bem perto da Casa do Campino. Quem lá foi saiu deliciado com a sopa de cação, uma pequena amostra das potencialidades desta cidade. E todos foram, ao que nos afirmaram, bem servidos, isto é, atenciosamente atendidos.

É claro que face a toda esta gama a questão que logo se coloca é esta: quanto custa um almoço? E um jantar? Carlos Abreu, o vereador encarregado desta superior tarefa gastronómica, já disse: 500 escudos o almoço (dois pratos), 350$00 o jantar (menos um prato). O jantar constituirá uma homenagem a vários concelhos do distrito de Santarém, que servirão pratos típicos e vinhos da região. Não nos perguntem a razão por que Tomar não participa nesta iniciativa. O próprio Carlos Abreu não no-lo soube dizer. Mas será que a regionalização turística vai separar Santarém de Tomar, o Tejo do Nabão?

Júlio Rodrigues

NACIONAL RÁDIO

LIGAÇÃO AO CONFORTO



O JOGO DO NOME
Jogo 6

UMA LETRA BÓNUS oferta da NACIONAL RÁDIO

Se esta letra for necessária para completar a sua linha de 7 letras, recorte este quadrado pelo ponteado e cole ou agrafe ao seu cupão de concorrente. **Atenção:** só serve para o Jogo 6

E

FAGOR

Candy

GRUNDIG

PROGRESS

KING

Quando o televisor, a arca frigorífica, o fogão, o frigorífico ou o aspirador são Grundig, Candy, King, Fagor ou Progress então o conforto é Nacional Rádio.
A Nacional Rádio é uma empresa com uma experiência de mais de 50 anos no sector electrodoméstico.
A alta tecnologia dos produtos comercializados pela Nacional Rádio assegura-lhes mais qualidade aliada à maior economia de utilização.

NR

A NACIONAL RÁDIO APOSTA NO FUTURO

REPRESENTANTES EM PORTUGAL. SUL-NACIONAL RÁDIO-RUA BENTO DE JESUS CARAÇA, 17-CRUZ QUEBRADA-1495 LISBOA-OU APARTADO 2096-1102 LISBOA CODEX

Sob o imperativo da paz

RDA comemora hoje o 33.º aniversário da sua fundação

A República Democrática Alemã comemora hoje o 33.º aniversário da fundação do seu Estado. Para a RDA, a grande conquista que este Estado representa é o «facto de, pela primeira vez, existir em solo alemão um Estado socialista, no qual, e também pela primeira vez em toda a história, o bem-estar do povo é o supremo imperativo».

No final destes 33 anos, a classe operária e o seu partido (PSUA), aliados aos camponeses das cooperativas, aos intelectuais e às demais camadas trabalhadoras do país, conseguiram levar a cabo uma obra de que toda a população se sente justamente orgulhosa: a melhoria fundamental das condições de vida e a garantia da paz.

No plano económico, a República Democrática Alemã, que este ano conheceu dificuldades e pressões externas mais agravadas, conseguiu, apesar de tudo, um desenvolvimento estável e contínuo. Segundo números oficiais, o PNB aumentou em relação ao anterior, 3 por cento; a produção industrial, 4 por cento, a produtividade no trabalho industrial, 3,4 por cento. Os rendimentos líquidos da população em dinheiro aumentaram dois mil milhões de marcos, ou seja, mais de três por cento.

Neste momento, os trabalhadores desenvolvem todos os esforços para levarem a cabo as tarefas e ultrapassarem as metas assinaladas para o ano de 1982, em especial nos principais sectores que garantem uma perspectiva segura e um desenvolvimento dinâmico ao país.

A RDA, fundada com o imperativo supremo da salvaguarda da paz, prossegue hoje os mesmos objectivos. A ideia da paz está inculcada nas massas, que, como, mais uma vez, o demonstraram no dia 1 de Setembro deste ano (Dia Mundial da Paz), estão tão empenhadas, como os dirigentes, em impedir que o solo alemão volte a ser ponto de partida para guerras de destruição, como o foi nas I e II Grandes Guerras deste século.

A salvaguarda da paz é programa político comum do Governo, de todos os partidos, de todas as organizações de massa, de todas as classes, de todas as camadas, dos cidadãos que professam diversos credos religiosos e ideologias.

Num comentário feito ao aniversário da RDA, a agência «Panorama DDR» diz, a este propósito: «Por isso, a RDA apoiou, com todas as suas forças, as últimas iniciativas da URSS, nomeadamente o seu compromisso solene de nunca ser o primeiro Estado a recorrer à arma nuclear.» Referindo-se às relações com a República Federal da Alemanha, diz o mesmo comentário: «A RFA assume uma grande responsabilidade. Esse outro Estado alemão poderia desempenhar um papel ainda mais importante na solução dos problemas da segurança europeia. As suas relações de boa vizinhança com os Estados socialistas, incluindo a RDA, estão ameaçadas pela instalação dos mísseis («euromísseis»), porque não se podem estabelecer relações de boa vizinhança à sombra de mísseis atómicos suplementares de uma nova geração, instalados pelos EUA».

Morte e pilhagem de Israel no Líbano

Exército libanês faz prisões em Beirute

O Exército libanês anunciou ontem que prendera 200 pessoas e confiscara o conteúdo de quatro depósitos de munições, numa operação de busca de dois dias, em Beirute Oeste.

Os jornais referem, contudo, mais de 400 prisões.

O Exército disse que 35 dos presos eram libaneses, procurados por crimes de delito comum, e os restantes eram estrangeiros ilegalmente residentes no Líbano.

O exército isolou antigos redutos de guerrilheiros palestinianos nos subúrbios de Beirute Ocidental, e soldados efectuaram buscas casa a casa.

A operação seguiu-se a uma acção semelhante, em grande escala, que se desenvolveu terça-feira no centro de Beirute Ocidental, e em que tropas francesas da Força Multinacional desempenharam um importante papel de cobertura.

Diplomatas notaram que se verificara algum mal-estar em círculos governamentais do Ocidente devido ao envolvimento francês, e nas operações de quarta-feira tropas italianas estacionadas na área, recusaram-se a participar.

Muitos dos detidos como residentes ilegais são palestinianos, o que origina problemas delicados, que provocaram já preocupação às três nações que contribuem com tropas para a Força de Dissuasão de Beirute – Estados Unidos, França e Itália.

Enquanto isto, a Caritas anunciou ontem que entre 25 e 50 mil pessoas foram mortas ou feridas no Líbano, desde o início da invasão israelita, em Junho passado. Numa conferência de Imprensa realizada em Paris, Samir Mazloum, presidente da Caritas libanesa, indicou que, além das baixas referidas, a sua organização calcula entre 400 mil e 500 mil o total de pessoas ainda desalojadas.

Mazloum, que lançou na capital francesa um apelo mundial à concessão de fundos para a obra da Caritas libanesa, esclareceu que os totais mencionados correspondem a todo o país.

Anteriormente, o governo libanês referira, só para Beirute, um total de 30 mil mortos e feridos.

Por sua vez, a Organização Árabe para a Educação a Cultura e as Ciências (ALECSO) acusou o exército israelita de haver «pilhado» as instituições culturais de Beirute.

Em comunicado divulgado em Tunes, sede da Organização, a ALECSO dirigiu um apelo ao director-geral da UNESCO, às organizações culturais internacionais e aos intelectuais «para que seja promovida a devolução aos seus proprietários legítimos de todas as obras culturais roubadas pelo exército de Israel quando da ocupação de Beirute».

A ALECSO pensa que «o ocupante sionista violou duma forma jamais vista na História Humana a imunidade das universidades e dos estabelecimentos escolares e furtou manuscritos e documentos inéditos, nomeadamente os do Centro de Investigação Palestino».

Arafat no Líbano

Arafat chegou ao campo palestino de Abu Hamad, perto da localidade de Jdita (30 km a Leste de Beirute).

Importantes medidas de segurança foram tomadas no sector de Bekaa, próximo da cidade de Chtaure, antes da chegada de Yasser Arafat, indicaram também de fonte informada.

O líder da OLP deixou o Líbano, na 4.ª feira, à tarde para Damasco e depois Bagdade, precisou a mesma fonte.

Os reponsáveis oficiais libaneses foram informados da visita de Arafat na 4.ª feira ao princípio da noite, acrescentou a fonte.

A posição do ministro da Defesa israelita Ariel Sharon está cada vez mais comprometida dentro do Governo de Menahem Begin, e todas as propostas recentemente feitas por ele em Conselho de Ministros têm sido contestadas e rejeitadas pelos seus pares, indica a Televisão israelita.

A Rádio estatal, citando ontem um oficial superior israelita cuja identidade não revelou, indicou que «Sharon fez constantemente subir as paradas durante a guerra do Líbano. Ao dcidir penetrar em Beirute Ocidental, depois da partida da OLP, perdeu duma só vez tudo o que tinha ganho. Agora tem de pagar».

O «Haaretz» indicava ontem que o ministro dos Negócios Estrangeiros, Yitzhak Shamir, irá provavelmente suceder ao Sharon, se este se demitir após o termo dos trabalhos da Comissão de Investigação Sobre os Massacres de Saxra e Chatila (a qual se reunirá hoje pela primeira vez, deve estudar questões processuais).

O «Maariv», recorda ser de encarar a possibilidade do afastamento da coligação dos deputados do Partido Nacional Religioso (seis lugares) e do Partido «Tami» (dois).

PE sobre este pano de fundo que a direcção da oposição trabalhista vai decidir hoje se apresentará ou não uma moção de desconfiança contra o Governo na próxima semana.

Luta armada

As operações contra Israel vão continuar a partir de países vizinhos, apesar da retirada da Organização para a Libertação da Palestina de Beirute Ocidental, declarou ontem um dos principais comandantes militares da OLP.

«Prosseguiremos a nossa actividade a partir da Síria e da Jordânia, assim que voltem a estar reunidas as condições necessárias», disse Abu Iyad ao jornal «Al-Anba», do Koweit.

«Essas operações realizar-se-ão sem o conhecimento dos Governos sírio e jordano», disse o número dois da Al Fatah, principal grupo de guerrilha da OLP.

Abu Iyad, nome de código pra Salah Khalaf, disse também que o presidente egípcio Hosni Mubarak, prometera aos dirigentes da OLP congelar os seus laços com Israel, em sinal de protesto contra a invasão israelita do Líbano.

Avisou que as futuras operações militares não se limitariam a operações contra Israel, sobretudo depois do massacre dos milhares de civis palestinos. «Ninguém pode impedir que aqueles cujos filhos, mulheres e parentes foram assassinados, levem a cabo acções extremistas em qualquer parte do Mundo».

Boicote a Israel

A Líbia solicitou ontem a expulsão de Israel, da Assembleia Geral das Nações Unidas, e o boicote económico mundial contra o Estado judaico.

O ministro líbio dos Negócios Estrangeiros, Abdulati Al-Obeidi, ao discursar na Trigésima Sétima Sessão da Assembleia da ONU, exortou à abolição do poder de veto no Conselho de Segurança.

Tal serviria, disse, para impedir o abuso desse poder, nomeadamente por parte dos Estados Unidos, que assim, tem evitado as punições ao regime de Telavive.

Entretanto, a União Internacional de Telecomunicações reunida em Assembleia Geral em Nairobi, analisará uma proposta de expulsão de Israel da Associação.

A resolução, apresentada pela Argélia, é também subscrita por Cuba, Kuwait, Paquistão, Zimbabwe e Iémen do Norte e Sul, invoca os recentes massacres em campos de refugiados palestinos como tendo sido uma violação ao direito internacional, pelo que solicita a imediata expulsão de Israel.

Polónia

Forças políticas e sociais comentam lei sobre sindicatos

Na véspera da apresentação ao Parlamento polaco, «Dieta», de um novo projecto de lei sobre a organização sindical, as diversas forças intervenientes no processo – Governo, partidos e Igreja – marcam as suas posições.

Para o governo do general Jaruzelski esta medida é considerada como uma das traves-mestras de uma nova articulação entre as estruturas sindicais e o poder. Como sublinham fontes governamentais em Varsóvia, uma organização sindical independente e autogerida, mas sem, segundo a expressão oficial, «a tentação política do Solidariedade», poderá desenvolver-se na Polónia.

Para os diversos partidos que se encontram na «Dieta», excepção feita ao Partido Operário Unificado Polaco, a perspectiva da ilegalização do «Solidariedade» e o fim prático dos acordos de Gdansk, encontram ressonâncias diversas.

Assim, e segundo relatos publicados na Imprensa acerca das reuniões da passada terça-feira dos grupos parlamentares, os deputados do Partido Democrático limitaram-se a salientar que «o mais importante para a Polónia será sair do estado de sítio e superar a crise». Os deputados do pequeno partido não dedicaram nenhuma palavra à apreciação do projecto de lei sindical.

Por seu lado, o presidente do Partido Camponês, Roman Malinowski pôs em relevo o papel da «Dieta» na resolução dos problemas políticos polacos, uma forma indirecta de, segundo afirmam os observadores, marcar as suas distâncias em relação à aprovação do projecto.

As mesmas reservas foram expressas pelo grupo católico «Pax» que refere a necessidade de os seus deputados apoiarem medidas «para criar condições sociais e políticas que permitam o levantamento do estado de sítio».

Para a Igreja polaca, o projecto de lei sobre a organização sindical é «perigoso», pois pode motivar uma resposta do «Solidariedade» e o aumento da tensão no país. Por isso, o primaz da Polónia, monsenhor Josef Glemp adiou uma viagem que devia fazer ao Vaticano e aos Estados Unidos. Significativa é também a posição do Vaticano. Falando ontem para cerca de 15 mil polacos concentrados na Praça de São Pedro, João Paulo II exortou os polacos a reatarem o diálogo, e acusou o governo de «pretender destruir as liberdades».

Governo de Bona hostilizado pelos sindicatos

— *Novo Partido Liberal estará na forja*

Dias depois de ter entrado em funções o novo governo da República Federal da Alemanha, e após uma ofensiva no domínio da política externa, encontra na frente sindical as suas primeiras dificuldades. Por outro lado, a perspectiva da criação de um novo partido, oriundo da ala esquerda dos liberais, poderá restringir a margem parlamentar de que dispõe actualmente o novo chanceler de Bona.

A perspectiva de um congelamento salarial, defendida pelo novo ministro democrata-cristão da Economia, Norbert Bluem, provocou de imediato acesa resposta da Federação dos Sindicatos (DGB) e da oposição social-democrata.

A proposta governamental visaria o congelamento salarial por um período de seis meses e o adiamento da subida das pensões sociais, como a de viuvez. Por outro lado, e numa tentativa de reduzir a taxa de desemprego, o ministro Bluem considerou a hipótese de redução da semana de trabalho para 35 horas, ideia desaprovada pelos dirigentes patronais que apoiam a nova coligação.

Segundo o ministro das Finanças, Gerjard Stoeltenberg, o desemprego aumentará consideravelmente nos próximos meses, afectando muito mais de dois milhões de pessoas durante o Inverno.

Para o dirigente da Federação sindical DGB, Ernest Breit, um congelamento salarial nos moldes apresentados pelo Governo é «totalmente inegociável».

Falando à imprensa, após um encontro com o chanceler Khol, o dirigente sindical acusou o ministro do Trabalho de não tomar em consideração as repercussões que essas medidas poderiam ter sobre o desemprego crescente no país, ao reduzir drasticamente a procura dos consumidores.

Os responsáveis do DGB mostram-se particularmente inquietos com os dados nas últimas estatísticas que indicam que as encomendas recebidas até Agosto pela indústria alemã federal, atingiram o seu total mais baixo dos ultimos cinco anos, ao mesmo tempo que a taxa de desemprego, que era de 7,4 por cento, subiu para 7,5 em Setembro.

Os analistas políticos em Bona consideram que as boas relações laborais mantidas pelo anterior governo social-democrata e liberal, serão doravante, apenas uma recordação do passado.

Após o congresso poderá surgir novo partido liberal

Em meios próximos da ala esquerda do Partido Liberal, é encarada a hipótese da constituição de um novo partido, caso no próximo congresso do partido, a realizar no dia 5 de Novembro, em Berlim, os adversários de Hans Dietrich Gensher saírem vencidos, observadores dão muita importância aos resultados de uma conferência que reuniu 50 deputados e responsáveis locais do FDP e da esquerda do partido, na semana passada em Bebra, no Hesse, cujas conclusões foram ontem conhecidas em Berlim.

Os participantes do colóquio afirmaram, com efeito, numa declaração comum, que «o Partido Liberal só pode continuar crível na sua forma actual se reconhecer, em Berlim, que o novo governo Khol-Gensher é o seu inimigo político e se declarar a coligação CDU-FDP dissolvida». O mesmo texto sublinha que «os membros do comité director responsáveis pela mudança de aliança em Bona, devem ser demitidos das suas funções».

Por outro lado, «o argumento liberal da Baixa Saxónia», associação de liberais descontentes fundada no passado fim-de-semana em Hanôver considerou que «é possível uma cisão no seio do FDP se a tendência Gensher-Lambsdorff se impuser no Congresso de Berlim».

Também a ala juvenil do Partido, «Judos» de Bade-Wurtemberg, deu um novo passo nesse sentido, ao fazer saber, através do seu presidente, que tenciona criar um novo partido «social-liberal».

Avião espião dos EUA abatido na Líbia

— *anuncia a agência Jana*

A Líbia, anunciou ontem ter derrubado em Setembro um «avião espião norte-americano» sobre o seu território.

O comunicado emitido pela agência líbia JANA afirmava que «a defesa aérea derrubou, em 2 de Setembro, um avião espião norte-americano sobre a região de Benghazi. O avião foi enviado pela VI Esquadra norte-americana em direcção a Benghazi, pelo corredor aéreo internacional, que salvaguarda os aparelhos civis do perigo».

A JANA explicou depois que este anúncio «não foi imediatamente tornado público, para, que os restos, do avião pudessem ser estudados, e a sua identidade verificada».

Mark Foutch, porta-voz do Departamento de Defesa.

A Líbia é alvo de atenta vigilância por parte dos Estados Unidos. Unidades da VI Esquadra americana operam frequentemente ao largo das costas líbias, utilizando o Pentágono as suas bases na Grécia e na Itália para efectuar periodicamente voos de reconhecimento na proximidade desse país.

Pentágono desmente

O Pentágono desmentiu ter perdido um avião espião na Líbia.

«Não costumamos comentar assuntos relativos às informações militares, mas não perdemos nenhum avião», declarou à France Presse o tenente coronel

O Japão terá em 1988 mísseis apontados à URSS

Um diário de Tóquio anunciava ontem que o Japão vai instalar, a partir de 1988, mísseis solo-mar que poderão atingir as ilhas soviéticas a Norte de Hokaido.

Segundo o «Yomiuri Shimbun», que cita fontes da Defesa, tais mísseis os «SSM1», de fabrico japonês e com o alcance de 150 km, podem ser igualmente utilizados como míssil solo-solo.

O Japão nunca dispôs de mísseis que possam atingir solo soviético, porque a posse de mísseis balísticos intercontinentais e de bombardeiros de longo raio de acção é incompatível com o carácter unicamente defensivo do Exército Nipónico.

Testes nucleares

A União Soviética apelou hoje à Assembleia Geral das Nações Unidas para a inclusão na sua agenda de um debate sobre a imediata cessação e proibição do uso de armas nucleares.

O ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Andrei Gromyko, comentou numa carta dirigida ao secretário-geral da ONU, Perez de Cuellar, que «nada é mais importante do que afastar-se da humanidade a ameaça de guerra nuclear e alcançar-se o fim da corrida às armas nucleares».

Caso seja aceite a inclusão do debate na Agenda da Trigésima sétima Assembleia Geral da ONU do seu termo em 21 de Dezembro, o número de temas propostos elevar-se-á para 138.

O futuro da Namíbia

Reagan acusado de chantagem por uma revista do Zimbabwe

O presidente norte-americano comunicou aos Estados da Linha da Frente que a independência da Namíbia depende da retirada das tropas cubanas de Angola – revela hoje um jornal do Zimbabwe.

O mensário «Moto» acusa o presidente norte-americano de intervir, pessoalmente, nas negociações para a independência daquele território, ao lado da África do Sul.

Pretória condicionou, durante algum tempo, a independência da Namíbia à retirada dos efectivos cubanos de Angola.

Um porta-voz norte-americano desmentiu uma ligação específica nas negociações, mas considerou que a retirada dos soldados sul-africanos e cubanos são questões paralelas.

O «Moto» diz que Ronald Reagan fez aquela declaração numa carta enviada aos dirigentes do Zimbabwe, Angola, Botswana, Moçambique, Zâmbia e Zimbabwe.

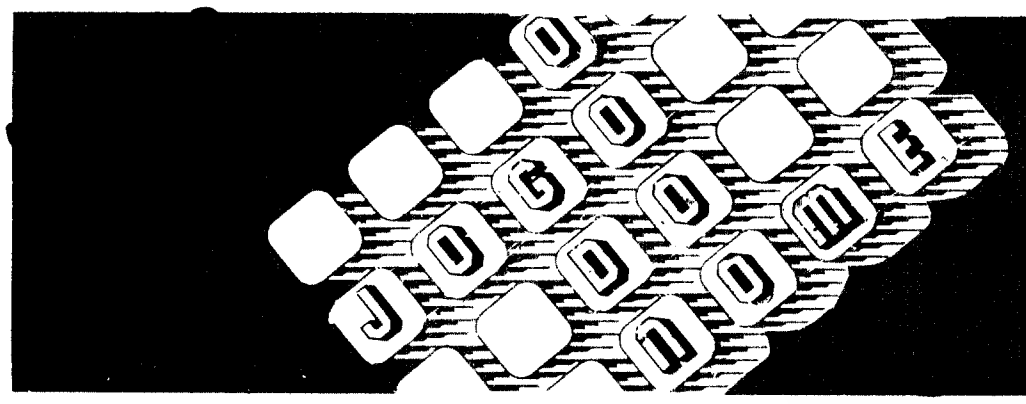
Fontes diplomáticas ocidentais confirmaram que Reagan escrevera aos dirigentes daqueles países, mas disseram ignorar o tema da missiva.

O jornal considera a carta do presidente norte-americano como uma chantagem.

«O que o presidente Reagan está a dizer aos nossos presidentes é que se querem a Namíbia independente, então Angola tem de perder o direito de escolher os seus aliados» – afirma o «Moto».

Sugerimos que envie as suas participações pelo correio, **mas se quiser, pode entregá-las pessoalmente** nas dependências do «DL» sitas na Rua Luz Soriano, n.º 15, em Lisboa (horas de expediente) até às 17 horas do dia do sorteio de cada jogo.

O leitor para participar no Jogo 6 deverá enviar **apenas cupões deste mesmo jogo** (e não do Jogo 5, já terminado e **indicar bem claramente no exterior do envelope o número** do Jogo do Nome a que está a concorrer.



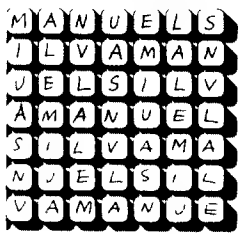
LETRAS DO JOGO 6

H D W

QUINTA-FEIRA 7 DE OUTUBRO

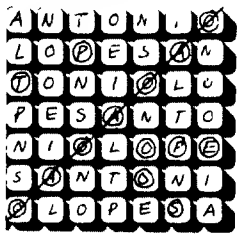
RESUMO DO REGULAMENTO

1 **Inscreva o seu primeiro nome e o seu último apelido, em contínuo, na grelha publicada ao lado (7X7 quadrados em branco) dentro do cupão** – uma única letra maiúscula por quadrado – até preencher completamente a grelha. Suprima todas as pontuações apóstrofos, cedilhas, traços de união (exemplo 1). Use rigorosamente e apenas o seu primeiro nome e o último apelido, tal como figuram no bilhete de identidade actualizado ou cédula pessoal



(exemplo 1)

– Manuel Cristóvão
Marques da Silva
Primeiro nome MANUEL
Ultimo apelido SILVA



(exemplo 2)

2 **Compare todos os dias as letras sorteadas e publicadas no «Diário de Lisboa» e as da sua grelha.** Quando uma letra publicada figurar na sua grelha marque-a com um círculo. Se a letra aparecer várias vezes na sua grelha (o que com certeza acontecerá) só poderá marcar uma delas. Por exemplo: se o nome é «Manuel Silva» e uma das letras publicadas é um «L» só poderá marcar com um círculo um só dos «L» da grelha. Como as letras são tiradas à sorte podem sair repetidas no mesmo dia. Neste caso o leitor pode marcar com um círculo duas letras iguais (ou mais, se saírem três letras repetidas). ATENÇÃO: as letras publicadas só contam para o jogo a que correspondem.

3 **Quando conseguir completar uma linha de 7 letras**, na vertical na horizontal ou em diagonal (exemplo 2), **preencha o cupão e envie-o para o «Diário de Lisboa»** dentro de um envelope dirigido a **O Jogo do Nome e apenas com um cupão em cada envelope. Atenção:** se houver mais de um cupão no envelope sorteado esses cupões serão todos anulados.

O Jogo do Nome desenrola-se em 6 jogos de duas semanas cada independentes uns dos outros e cada um com uma lista de magníficos prémios das marcas Grundig, Candy, Fagor e Progress, representados por Nacional Rádio SARL. O leitor está convidado para participar em todos os Jogos e traga a sua família.

Os cupões com as grelhas vencedoras deverão estar no «Diário de Lisboa» até às 17 horas do dia do sorteio que será sempre na quinta-feira seguinte à sexta-feira em que termina o Jogo. Portanto **é conveniente que, se tiver conseguido uma linha vencedora, o leitor meta no correio a sua carta o mais tardar até à segunda-feira que antecede o sorteio.**

Veja junto ao cupão as indicações das datas para cada jogo.

4 **As cartas contendo as grelhas vencedoras de cada jogo serão introduzidas num tambor e submetidas a um sorteio por extracção manual**, de tantas cartas quantos os prémios de cada jogo, verificando-se então se estão nas condições previstas no Regulamento sem o que serão anuladas. No caso de ao mesmo concorrente ser atribuído mais de um prémio será anulada a extracção do prémio de menor valor. **Este sorteio será feito na primeira quinta-feira seguinte ao termo de cada jogo** e os resultados serão publicados no DL do dia seguinte sendo ainda feita uma comunicação postal do facto a cada premiado.

5 **Haverá um prémio especial de três libras de ouro para o premiado que tiver conseguido obter a sua linha vencedora mais cedo.** Para isso há um local no cupão que deverá ser preenchido pelo leitor com a indicação do dia em que conseguiu obter a sua linha vencedora, dia que será verificado pelas entidades fiscalizadoras do passatempo O Jogo do Nome. No caso de vários premiados terem terminado a sua linha vencedora no mesmo dia, proceder-se-á a um mini-sorteio, também por extracção manual, entre esses premiados para determinar a quem serão entregues as três libras!

6 O cupão contendo a grelha de participação será publicado todos os dias durante as doze semanas abrangidas pelos 6 jogos e **o leitor pode a qualquer momento entrar no jogo.** Basta ler o «Diário de Lisboa» e comprar um (apenas um) exemplar que lhe proporcionará o cupão necessário para concorrer a cada jogo.

7 Os trabalhadores da Renascença Gráfica, SARL («Diário de Lisboa») não podem participar no passatempo **O Jogo do Nome.** Nenhuma correspondência será trocada sobre o concurso para além das cartas que após cada sorteio, serão enviadas aos premiados. **As letras sorteadas não serão em nenhum caso comunicadas por telefone ou por escrito, e serão publicadas apenas uma vez no «Diário de Lisboa», no seu dia respectivo.**

8 Em princípio **as letras sorteadas serão: 5 letras aos sábados, 8 letras nos restantes dias da semana** (excepto o domingo, em que o «Diário de Lisboa» não se publica). Os jogos começam sempre a um sábado e terminam sempre na segunda sexta-feira seguinte.

1975, 1976-Ken Hecht
Sob UCC-1975 1976-Ken Hecht
International Copyright Secured
Reservados todos os direitos

Amanhã, 3 novas letras

Jogo 6

CONSEGUI COMPLETAR A LINHA VENCEDORA DE 7 LETRAS NO DIA _____

NOME . . . . . .

MORADA . . . . . .

. . . . . (TEL. . . . . .)

Preencha cuidadosamente este cupão com o seu nome exactamente como figura no Bilhete de Identidade ou na Cédula Pessoal, bem como morada, telefone . Indique também o dia em que conseguiu completar a linha vencedora de 7 letras para se habilitar ao «Prémio Especial» e **ENVIE O MAIS CEDO POSSÍVEL, MAS SEMPRE DE FORMA A CHEGAR ÀS NOSSAS MÃOS ANTES DAS 17 HORAS DO DIA DO SORTEIO DO JOGO.**

SÓ UM CUPÃO EM CADA ENVELOPE

ENVIE PARA
«Diário de Lisboa»
«O Jogo do Nome»
Rua Luz Soriano, 44
1200 LISBOA

PRÉMIOS em Marcas que valem ouro!

GRUNDIG Candy FAGOR PROGRESS

Representante Oficial NR NACIONAL RÁDIO, S.A.R.L.

Jogo 6 – datas a fixar

INÍCIO ..... 2 de Outubro
TERMO ..... 15 de Outubro
DIA DO SORTEIO ..... 21 de Outubro
DIVULGAÇÃO DOS PREMIADOS ..... 22 de Outubro

Bolívia - a esquerda vai governar

Combate à recessão económica e aos traficantes de coca

Herman Siles Suazo, confirmado anteontem pelo Congresso presidente da Bolívia, declarou ontem em Lima que formará um Governo de unidade nacional encarregado de aplicar uma «economia de guerra», a fim de dominar a recessão, e conduzir o país para a via do desenvolvimento. O novo Governo lutará ainda contra o tráfico de droga. A «economia de guerra» consistirá numa luta total contra a corrupção, a fome e a especulação; o sector público será reforçado.

Numa conferência de imprensa na capital peruana, onde está exilado desde há dois anos, o presidente eleito indicou que pediu a todos os componentes da sua coligação a União Democrática Popular (UDP) para figurarem no Governo. Trata-se do seu próprio partido, o Movimento Nacionalista Revolucionário de Esquerda (MNRI), o Movimento da Esquerda Revolucionária (MIR) e do Partido Comunista da Bolívia (PCB).

Herman Siles Suazo acrescentou que a Confederação Operária Boliviana (COB) terá também vários membros no Governo, e que a Democracia Cristã (centro-direita) aceitou cooperar com ele. Lamentou que o Movimento Nacionalista Revolucionário (direita) de Paz Estenssoro tenha decidido continuar na oposição.

Entretanto, a Central Operária Boliviana divulgou uma declaração em que afirma que todas as organizações sindicais manterão a sua independência de classe frente ao Governo e aos partidos políticos, adoptando uma atitude que não será apolítica, mas «emancipadora dos objectivos históricos do povo oprimido».

A declaração da central anuncia que o proletariado manterá a sua hegemonia dentro do movimento sindical boliviano, como factor de unidade, «para anular as acções divisionistas dos Governos antioperários e antipopulares e dos inimigos de classe».

Também o vice-presidente eleito, Jaime Paz Zamora, dirigente do MIR, disse ontem à Imprensa que a inflação e a recessão económica são os dois problemas básicos que o próximo Governo deverá solucionar.

Paz Zamora referiu, em particular, que a UDP não tenciona cortar com o Fundo Monetário Internacional. Mas o Governo, que deverá renegociar a dívida externa boliviana, assumirá uma atitude digna e sem submissão para com esta organização financeira, precisou ele.

Por outro lado, Paz Zamora sublinhou que o problema da cocaína deverá ser considerado do ponto de vista boliviano e não norte-americano. Segundo o vice-presidente da Bolívia, o tráfico dos estupefacientes levanta graves problemas económicos ao país, corrompe certos meios militares e tenta progressivamente influir no Governo. Por todas estas razões, devemos esforçar-nos por o eliminar, acrescentou.

Por fim, Jaime Paz Zamora considerou que, se existirem no Exército boliviano aventureiros desejosos de recuperar o poder, não passarão duma minoria. Para Paz Zamora, a tendência que representam foi afastada pela maioria actual das forças militares, que deseja participar no esforço de reconstrução nacional.

Colômbia: «M-19» ne legalidade

O movimento de guerrilha colombiano do 19 de Abril, «M-19», proclamou, ontem à noite, a sua legalização perante a Comissão Constitucional do Senado em Bogotá.

Sete membros do «M-19», entre os quais Andres Almarales, número quatro da hierarquia do movimento, recentemente libertado da prisão, tomaram lugar no Senado e Almarales leu um documento anunciando o carácter legal do «M-19».

Os guerrilheiros, como anunciara o chefe do movimento, Jaime Bateman Cayon, declararam que aceitarão a amnistia oferecida pelo Governo para que deponham as armas. Os guerrilheiros abandonaram o Senado pacificamente.

Quinze outros membros do «M-19» tomaram lugar nas tribunas reservadas aos observadores.

Foi a primeira vez que os guerrilheiros se apresentaram de rosto descoberto.

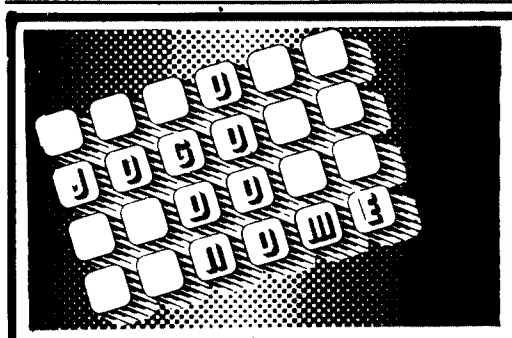
Genocídio continua em El Salvador

O Boletim do Socorro Jurídico Cristão, de El Salvador, anunciou ontem que as execuções sem julgamento de 3059 civis não-combatentes, nos seis primeiros meses de 1982, foram na sua maioria perpetradas «por agentes governamentais». Membros do Exército, da Guarda e da Polícia Nacional cometeram a quase totalidade destas execuções que visaram uma «população civil sem defesa», em particular camponeses acusados pelas forças governamentais de serem «colaboracionistas ou simpatizantes da oposição armada». Este balanço não inclui a morte de três centenas de camponeses (homens, mulheres e crianças) das localidades de Los Amates e Santa Anita, próximas da fronteira com as Honduras, que em 30 de Maio último fugiam para este país vizinho, perseguidos peo Exército salvadorenho.

UNITA massacra

Centena e meia de habitantes da localidade de Bunjei, na província de Huila (sul do país) foram chacinados pelas forças da UNITA (União Nacional, para a Independência total de Angola), anuncia a agência ANGOP.

Uma centena de contra-revolucionparios da UNITA, equipados com armas sul-africanas, atacaram na noite de 14 de Agosto último a localidde de Bunjei (110 km ao sul de Huambo), que conta 5 mil habitantes e mataram 150 pessoas, incluindo mulheres e crianças, precisa a agência oficial angolana.



ESTES SÃO OS SENSACIONAIS PRÉMIOS JOGO 6

Concorra ao 6.º Jogo do Nome: vai ser o último deste ano e valiosos prémios esperam por si!

Candy FAGOR

das Conceituadas Marcas ...que valem ouro!

PROGRESS GRUNDIG

3.º prémio do Jogo 6
Uma máquina de lavar roupa CANDY P6.41 no valor de 37 500$00

Cuba oval, ritmos e programas de lavagem adequados aos tipos de tecidos e de sujidade, capacidade de lavagem para 5 kg, consumo máximo de 2200 W, compartimentos para detergentes e aditivos, remoção dinâmica da sujidade entranhada, indicadores de funcionamento, baixo desperdício de detergente, dimensões 85 de altura, 60 de largura e 50 de profundidade.

PRÉMIO ESPECIAL PARA O PREMIADO MAIS RÁPIDO

De entre os 25 premiados, o mais rápido a completar a linha vencedora receberá três libras de ouro, no valor aproximado de 25 contos. É um prémio especial que lhe oferece a NACIONAL RÁDIO! (Veje o n.º 5 do Regulamento na página anterior)

Representante Oficial NR NACIONAL RÁDIO, S.A.R.L.

3 LIBRAS DE OURO!

JOGO 6 – LISTA DE PRÉMIOS

1.º – Um COMBINADO FAGOR C365	53 200$00
2.º – Um TELEVISOR GRUNDIG A310, a cores	42 250$00
3.º – Uma MÁQUINA DE LAVAR ROUPA CANDY P641	37 500$00
4.º – Um ASPIRADOR PROGRESS P93 PLUS	19 700$00
5.º – Um RÁDIO DE MESA GRUNDIG RF 740	9 350$00
6.º a 10.º – Um RÁDIO RELÓGIO GRUNDIG CS 800 cada	6 600$00
11.º a 15.º – Uma FIAMBREIRA PROGRESS K62EL cada	5 000$00
16.º a 25.º – Um RÁDIO GRUNDIG Portátil PARTY BOY 700 cada	4 100$00

exclusivo

Grécia

A emancipação sem ruptura

☐ Bernard Brigouleix ■ «Le Monde»

ERA sem dúvida no domínio da diplomacia que se esperava – não sem apreensão no campo ocidental – as alterações políticas mais nítidas e mais espectaculares por parte do novo poder grego. Papandreou e os seus amigos não tinham feito a campanha contra a aliança atlântica e a Comunidade Económica Europeia, quer uma quer outra acusadas de fazerem sombra à independência nacional e de limitarem a margem de manobra de Atenas? De facto, nessa época, o chefe do PASOK tinha neste campo, como em muitos outros, uma linguagem sensivelmente mais gradativa, do que a maior parte dos seus partidários. Hábil manobrador, o futuro primeiro-ministro, parecia desejoso de orientar o futuro e de guardar toda a liberdade de acção. A sua ambição, na realidade, visava mais alto, era mais «gaulleana» do que se tivesse consistido simplesmente em abandonar espectacularmente a Aliança Atlântica ou o Mercado Comum. Panagoulis acaba de demitir-se das suas funções de Secretário de Estado do Interior porque pensa que o primeiro-ministro, neste campo, não manteve as suas promessas. Se tivesse sido necessário, Papandreou não excluia a hipótese de ter lá chegado, mas seria mesmo assim um meio e nunca um fim.

A verdadeira grande ambição da nova linha diplomática de Atenas é, muito simplesmente, dar à Grécia um papel internacional apreciável, superior de qualquer forma ao que a esquerda herdou quando da sua chegada ao poder em Outubro do ano passado. Com razão ou sem ela, o que é um facto é que muitos gregos acreditam que os governos anteriores não souberam, apesar do abandono, aliás provisório da organização militar da NATO, fazer sentir de forma suficientemente forte a voz da Grécia, frente aos americanos e frente aos turcos, em especial no caso de Chipre. Mesmo sem aderir aos slogans antiamericanos do partido comunista do «exterior», retintamente pró-soviético, boa parte da opinião pública nutria em relação aos Estados Unidos um sentimento que não estava longe da humilhação um pouco raivosa e com o qual os socialistas souberam perfeitamente jogar.

O contencioso com Ankara

As relações entre Atenas e os Estados Unidos complicam-se devido ao problema particular levantado com a Turquia, aliada dos Estados Unidos e parceira na NATO. O diferendo não é novo. Caramanlis, quando era o chefe do governo, já tinha tido que o enfrentar. A Grécia sabe-se de há muito indispensável ao dispositivo de defesa do Mediterrâneo ocidental e não aceita que seja apenas Ankara a retirar os benefícios vindos de Washington, pela sua situação geo-estratégica. Como o seu predecessor Papandreou conta com a ameaça de um eventual abandono da Grécia da Aliança para incitar os Estados Unidos a fazerem pressão sobre a Turquia a fim de que esta evacue Chipre ou, no mínimo, inicie uma desmobilização militar. É também para que ela abrande as suas posições sobre um certo número de pontos do interminável contencioso grego-turco. Em particular, a delimitação das águas territoriais e do espaço aéreo no Mar Egeu.

Com esta determinação objectiva de que, à escolha, se pode gabar a habilidade ou denunciar o cinismo, a nova diplomacia grega esforça-se alternadamente por estabelecer o quente e o frio nas suas relações com Ankara, continuando sempre a manter a pressão psicológica sobre Washington a propósito da NATO. Não se trata já do problema da saída mas a Grécia não perde qualquer ocasião para se distanciar, particularmente quando se trata de manobras ou de reuniões comuns aos países da Aliança.

A natureza do actual regime da Turquia não pode deixar de favorecer a posição da Grécia. Não que o poder militar se tenha finalmente mostrado mais compreensivo do que o poder civil, como se poderia ter esperado. Mas porque a repressão com que os generais turcos têm acompanhado a luta contra o terrorismo, lançou uma sombra sobre as relações de Ankara com os seus aliados, nomeadamente europeus. A verdade é que, há pouco mais de um mês, foi acordada uma moratória grego-turca no sentido de suspenderem todas as iniciativas mutuamente hostis entre os dois países a qual deverá favorecer um certo recomeçar do diálogo.

É certo que a argumentação desenvolvida em Maio último por Haig, então chefe do Departamento de Estado, quando da sua visita à Grécia e à Turquia para convencer os seus interlocutores a acabarem com a «chantagem» sobre o encerramento das bases americanas, pode ter contribuido para esta decisão. Tanto mais que no principal domínio do contencioso – a situação em Chipre – Papandreou esbarrou com uma dificuldade inesperada na evolução do presidente Ciprianou para a solução preconizada pelo partido comunista de Nicósia, na sequência da sua aliança com este último com vista às próximas eleições presidenciais. Mas ao fazer uma viagem triunfal a Chipre, o primeiro-ministro afirmou solenemente que a procura de uma solução ao drama que devasta a ilha desde o Verão de 1974, constituia para ele uma prioridade absoluta.

Uma «Ostpolitik» à Grega

Em circunstâncias diferentes a nova diplomacia grega vincou a sua distância não somente em relação à aliança atlântica julgada demasiado complacente em relação à Turquia ou demasiado intervensionista em relação aos gregos, mas também, e claramente, em relação ao conjunto do campo ocidental. Não que Papandreou possa ser seriamente suspeito da mínima tentação pró-soviética. Mas a Grécia ambiciona desempenhar nas relações Leste-Oeste um papel original, um pouco à maneira da França do general De Gaulle ou da RFA de Willy Brandt. Esta tentação, de resto, não é nova e já Caramanlis tinha sonhado com uma «Ostpolitik» à grega. Papandreou levou mais longe a sua concretização, como se viu em particular no caso da situação na Polónia.

A Grécia nesse momento adoptou uma atitude muito menos severa em relação a Moscovo e ao regime militar de Varsóvia, do que os seus parceiros dos Dez, por exemplo. Aliás Atenas distingue-se na arte de exprimir «reservas significativas» quando a solidariedade ocidental lhe é solicitada, mesmo que seja de uma forma puramente verbal. É verdade que Papandreou, além das suas ambições diplomáticas em direcção à Europa de Este, tem pelo menos duas outras boas razões para não se fixar de outra forma com o Ocidente.

A primeira, é o seu desejo de abrir ainda mais a sua política ao mundo árabe. As amizades orientais da Grécia são aliás muito mais antigas e sólidas do que geralmente se pensa fora das suas fronteiras; a sua frota mercante contribuiu largamente para tal. Um «tiro falhado» espectacular aconteceu no entanto este ano com a visita, anunciada e depois cancelada por razões um pouco obscuras, do coronel Qadhafi a Atenas. Um encontro que teria sido tanto mais interessante quanto Tripoli contesta sempre à Grécia a soberania sobre Creta. Mas Atenas, apesar deste erro, espera vir a desempenhar um papel mais activo no Oriente e empenhou-se notoriamente na guerra do Líbano.

A segunda razão que deve levar Papandreou a cultivar as boas relações com o campo socialista é a esperança de um certo relançamento da política balcânica de Atenas. Este é um terreno em que todos os intervenientes se movem com extrema prudência. O primeiro-ministro grego fez em Maio passado uma visita oficial a Belgrado cujo calor foi notável e que lhe permitiu evocar com os dirigentes jugoslavos a eventualidade de uma desnuclearização total dos Balkans. Tema que teria sido também abordado, parece com Ceausescu quando da sua visita a Atenas. No entanto, nem a Jugoslávia nem a Roménia acolheram no seu território armas nucleares, e esta iniciativa seria muito mais convincente se incluísse a Bulgária. Não há discussão e à Grécia compete mesmo melhorar as suas relações com este vizinho: sem falar no velho diferendo sobre a Macedónia, a cordialidade das relações entre Sofia e a Grécia sofre actualmente de certos «gestos» búlgaros em direcção à Turquia.

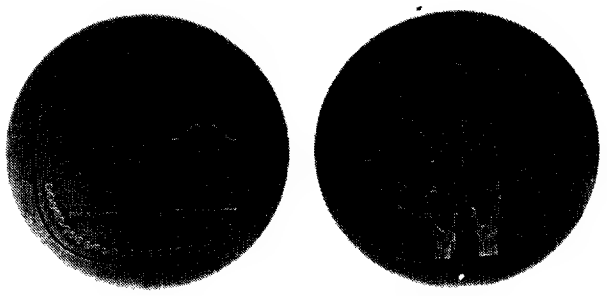
A subtileza tradicional das alianças e das intrigas balcânicas e euro-orientais não deve fazer esquecer que, acima de tudo, a Grécia quer ser «um país do sul da Europa». Ao mesmo tempo que procura obter no seio da Comunidade o máximo de vantagens possível, não deseja de forma nenhuma, como Papandreou recentemente o recordou a Mitterrand e Schmidt, romper com as ligações com os oeste-europeus. E que estes possam também contribuir para o prestígio internacional e a imagem moderna da Grécia de hoje. ■

Andreas Papandreou ao vencer as eleições no seu país

Papandreou e Olaf Palme no aeroporto de Atenas

pessoas & factos

Medalha comemorativa do centenário da Figueira



Da autoria do artista figueirense Franciso Simões, foi lançada no mercado uma nova medalha comemorativa do centenário da Figueira da Foz como cidade.

Uma das faces é dedicada ao «Dia do Figueirense» (19 de Setembro), enquanto a outra é inteiramente alusiva ao centenário.

A edição desta medalha é de apenas 500 exemplares, dos quais metade já se encontram vendidos.

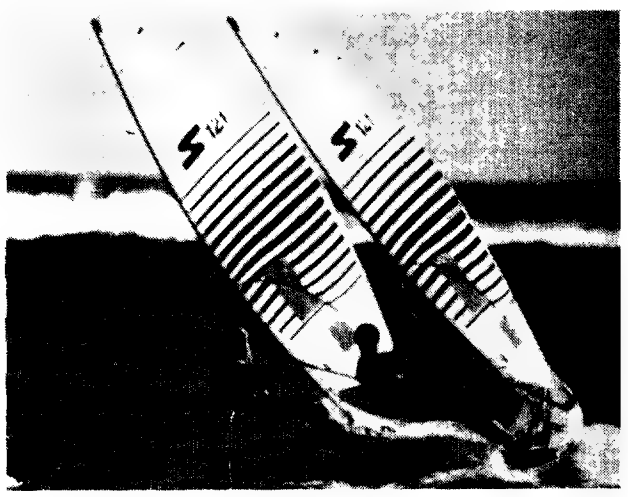
Ford Lusitana tem novo presidente

Udo J. Kruse é o novo presidente do conselho de administração da Ford Lusitana, substituindo Jean Nicolas Ludwig que vai ocupar o lugar de presidente do conselho de administração da Ford Suiça.

O novo presidente da Ford Lusitana tem 40 anos de idade e entrou para a Ford Alemanha em 1961 como especialista em treino exercendo posteriormente várias funções em vendas e «marketing» não só na Alemanha como na Ford Europa. Trabalhou para a Ford naquele país, nos Estados Unidos, Bélgica e Inglaterra.

Na Ford Europa foi responsável pelas vendas de frotas internacionais, contratos «leasing» e aluguer e ainda pelo desenvolvimento e implementação do programa promocional da Ford Fiesta. Foi igualmente responsável por todas as actividades relacionadas com a venda de veículos na Ford Médio Oriente e África provenientes do Brasil, Estados Unidos e Europa.

Antes de ser nomeado para Portugal, estava encarregado de todas as operações Ford no distrito de Munique.



Dois "surfistas" alemães deram a volta aos Barbados

Utilizando pranchas de um tipo especialmente sólido, formadas por duas peças ocas de plástico coladas e espumadas com Baytherm, uma espuma de poliuretano à base de matérias-primas da Bayer, dois jovens surfistas alemães deram a volta à ilha de Barbados, no mar das Caraíbas.

Foram os primeiros a realizar esta aventura,percorrendo cerca de 60 km num mar fustigado por ventanias e ondas alterosas.

Morbey Rodrigues despediu-se a apresentou o seu sucessor

Cerca de três centenas de convidados do sector público e privado e representantes dos órgãos de Comunicação Social assistiram ao «cocktail» que o dr. Morbey Rodrigues, administrador - delegado da Philips Portuguesa ofereceu ao seu sucessor, Ype G. Bouwkamp.

Morbey Rodrigues, antigo assistente do prof. Bento de Jesus Caraça, entrou para a Philips em 1 de Outubro de 1947. Em 1950, foi nomeado director comercial da empresa, tendo nos últimos 12 anos exercido o cargo de administrador - delegado.

O seu sucessor, Ype G. Bouwkamp, encontra-se ao serviço da Philips há 21 anos. Exerceu funções similares em diversos países. Antes de ser designado para Portugal desempenhou o cargo de administrador - delegado das companhias Philips no Brasil.

Conferência sobre regionalização e desenvolvimento

Centralismo é o tema fundamental do confronto político

— *defende Salgado Zenha, na Gulbenkian*

«Quanto mais descentralizado for o regime democrático, mais ele estará enraizado no coração do povo, o que será a melhor garantia da sua indestrutibilidade». A afirmação é de Salgado Zenha e foi proferida, esta manhã, na sessão inaugural da Conferência sobre Regionalização e Desenvolvimento que teve lugar na Fundação Gulbenkian, em Lisboa.

A conferência decorre durante o dia de hoje e de amanhã, e é uma iniciativa do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento que elaborou anteriormente um estudo para a Presidência da República sobre «Regionalização e Poder Local em Portugal».

À sessão inaugural desta manhã esteve presente o Presidente da República, assim como diversos membros do Governo e um grande número de especialistas nacionais e estrangeiros, empresários e sindicalistas.

Na sua intervenção de apresentação da conferência, Salgado Zenha referiu-se à proibição da constituição de partidos regionais em Portugal como um exemplo da força que o centralismo ainda tem no nosso país.

Em seu entender, essa situação decorre do facto de o centralismo da vida administrativa fazer com que o tema fundamental do confronto político consista na luta pelo Governo Central. «Daí que tanto os partidos que o ocupam como os que a ele aspiram considerem com temor algo ou aqueles cuja actividade possa escapar à sua alçada».

Resistências dessa ordem explicam também que «depois do 25 de Abril de 1974, ainda se não tenham efectuado quaisquer progressos significativos no processo de descentralização regional».

Considerando que «empreender e vencer a batalha da descentralização regional será uma revolução pacífica mas uma grande e verdadeira revolução», Salgado Zenha sublinhou porém «que ninguém julgará que na regionalização se encontrará a panaceia milagrosa para a solução de todos os nossos problemas».

De qualquer modo, disse a terminar, «a descentralização regional permitirá dar um grande impulso ao desenvolvimento democrático do nosso país e será de grande valia, com certeza, para o nosso povo enfrentar e vencer a mais grave crise económica que o Mundo tem enfrentado nesta segunda metade do século XX».

Seminário sobre «Inovação tecnológica»

Logo que concluída esta Conferência sobre Regionalização, o Instituto de Estudos para o Desenvolvimento organiza nos próximos dias 11, 12 e 13 na Fundação Calouste Gulbenkian, um Seminário sobre «Inovação Tecnológica, Formação e Emprego».

O Seminário tem o apoio da UNESCO (I.I.P.E. – Paris), da Comissão Nacional da UNESCO (Lisboa) e do Ministério da Educação. Entre os vários temas inseridos no programa citam-se «Desenvolvimento e Inovação Tecnológica em Portugal», «Formação de Quadros Médios e Superiores e Emprego» e «Estrutura do Ensino Superior e Formação Contínua».

A sessão dedicada ao «Intercâmbio Tecnológico e Formação de Quadros no espaço da Língua Portuguesa» contará com a participação das Universidades de Luanda e Maputo.

Intervirão directamente neste Seminário entre outros: João Cravinho, Gouveia Portela, Laginha Serafim, Arantes de Oliveira, Carlos Portas, Mendes Mourão, Veiga Simão, Sousa Lobo, Sousa Franco, Sá Machado, Lourdes Pintasilgo, Marçalo Grilo, Alfredo Jorge Silva, Teresa Ambrósio, além de diversas individualidades estrangeiras.

Segundo a Comissão de Trabalhadores

Governo quer destruir a EPAC antes da colheita de 1983

Em reunião efectuada no passado dia 27 no Ministério da Agricultura, com a participação de Basílio Horta, do Secretário de Estado do Comércio, do Conselho de Gerência da EPAC e representantes das associações patronais agrícolas e dos industriais de moagens o ministro terá prometido a liberalização do comércio interno de cereais antes da colheita do próximo ano e, posteriormente, alargaressa liberalização às importações.

A informação foi prestada à Imprensa pela Federação dos Sindicatos do Comércio e Serviços, a partir de factos do conhecimento da Comissão de Trabalhadores que vê nesta ova tentativa de liberalização do comércio de cereais mais um ataque do Governo à Empresa Pública de Abastecimento de Cereais, que no ano passado não conseguira destruir.

Segundo a Comissão de Trabalhadores, os próprios industriais de moagem e o patronato agrícola não teriam chegado a acordo nessa reunião embora apontem, todos, para o desiderato de destruir a EPAC no mais curto espaço de tempo, em consonância com o Governo. A CAP (Confederação da Agricultura) pretenderia a imediata liberalização do comércio interno, com a manutenção das importações sobre controlo do sector público pois quer escoar primeiro os «stocks» dos seus associados enquanto os industriais moageiros apostariam a fundo na liberalização e privatização do comércio externo de cereais que lhe proporcionaria chorudos negócios cambiais e outros.

A ser levada avante a destruição da EPAC, isso significaria, para além de uma e orme saída desnecessária de divisas em proveito individual dos industriais, a perda de muitos dos postos de trabalho no sector.

Notícias esta manhã divulgadas apontam no entanto para uma certa relutância do Ministério das Finanças em apadrinhar, para já as intenções liberalizantes do Ministério da Agricultura.

A excepcional colheita de trigo realizada este ano estaria na base dessas hesitações do Ministério das Finanças pois muito da produção interna pode substituir qualidades de trigo mais caras que os industriais pretendem importar para uma intenção incial de 780 mil toneladas de trigo o Ministério das Finanças só deverá autorizar entre 610 a 620 mil. Também deverão ser importadas menos 200 e tal mil toneladas de trigo o que reduzirá substancialmente o previsto dispêndio de divisas.

Sem a acção da EPAC apontada prioritariamente para a distribuiçãoe utilização dos vereais nacionais, tal não seria possvel.

Pessimismo em França

Descida do produto interno bruto, estagnação do investimento, diminuição do poder de compra, são as perspectivas pessimistas tornadas públicas pelos peritos oficiais franceses.

O estudo de prospecção, elaborado pelo Instituto Nacional de Estudos Estatísticos, e divulgado quarta-feira em Paris, afirma que a situação económica do país não melhorará em 1982, embora não exclua uma lenta reactivação para o próximo ano.

O PIB aumentará 1,70 por cento em 1982, o que implica uma baixa na produção durante o segundo semestre.

Paralelamente, os investimentos só aumentarão 0,90 por cento, o que traduz uma «tendência duradoura para a estagnação».

No que se refere ao comércio externo, o INSEE prevê um elevado défice na balança de pagamentos.

O desemprego continuará a aumentar, segundo os peritos, e o número de desempregados pode alcançar no final deste ano os 2,17 milhões de pessoas.

Sublinha-se, de qualquer modo, que se prevê uma estabilização, consequência lógica da política de emprego desenvolvida pelo Governo.

Por último, no que se refere a preços e rendimentos, as medidas de congelamento deveriam permitir uma redução sensível do índice de inflação, mas comportarão uma quebra paralela do poder aquisitivo de 0,40 em média anual.

Melhoraram as reservas hidráulicas

A situação das reservas hidráulicas melhorou na semana compreendida entre 24 e 30 de Setembro em relação à anterior, informou ontem a Electricidade de Portugal (EDP).

Os valores verificados são de mais 4,8 milhões de quilovátios/hora com os níveis unitários mais elevados nas barragens de Vilarinho das Furnas (7,8) e Alto Rabagão (7,1).

Em relação ao mesmo período de 1981, a participação da produção hidráulica no total de energia produzida foi, contudo, inferior.

Para um total, durante a semana considerada de 239,3 milhões de quilovátios/hora, a produção hidráulica contribuiu com 60,6 (25 por cento), enquanto para de 222,2 em período idêntico do ano anterior participou com 985,6 milhões de quilovátios/hora (39 por cento).

Bancos britânicos baixam taxa de juro

Os quatro grandes bancos britânicos, Midland, Lloyds, National Westminster e Barclays, reduzirão em meio ponto a sua taxa de juro, que passará para 10 por cento – foi ontem anunciado em Londres.

O anúncio desta nova taxa de juro bancária, que entrará em vigor a partir de hoje, foi bem recebido pela Confederação da Indústria Britânica, uma vez que, disse o seu director-geral, Terence Beckett, reduzirá os encargos das empresas em 125 milhões de libras esterlinas.

Estados Unidos

Taxa de desemprego mais alta desde a Grande Depressão

A taxa de desemprego nos Estados Unidos deve ter atingido em Setembro o nível mais alto desde a Grande Depressão, mas a maior parte dos economistas continua a acreditar que a conjuntura está prestes a mudar.

Os números dos desempregados em Setembro, que devem ser publicados sexta-feira, deverão ser os últimos divulgados antes das eleições para o Congresso, em Novembro, e muitos legisladores republicanos receiam que disputadas nestas condições económicas, aquelas signifiquem a sua morte política.

O presidente Reagan, admitiu na sua última conferência de Imprensa o que os analistas da economia afirmam há semanas: o desemprego, agora a 9,8 por cento, poderá atingir provavelmente números acima de 10 por cento em Setembro.

O número de desempregados aumentou em quase três milhões desde que Reagan assumiu a presidência.

POUPE COMBUSTÍVEL

Partilhe o seu automóvel com outras pessoas que façam habitualmente o mesmo percurso.

Loiças de Sacavém

Sala da CT foi novamente assaltada

A sala da comissão de trabalhadores da Fábrica de Louças de Sacavém foi novamente destruída por «homens-de-mão da administração», denuncia, em comunicado, a direcção do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Cerâmica, Cimentos e Similares. «Continuando a senda de terror, semeando o medo, praticando o crime, os homens sem rosto da administração, tentam, num esforço derradeiro destruir a Fábrica de Louças de Sacavém e despedir todos os seus trabalhadores», prossegue o documento.

Segundo aquele sindicato, este acto não está desligado dos salários em atraso, da repressão imposta na empresa, da «calúnia torpe» e da «divisão fomentada» pelo que a destruição «fascista» da sala da CT terá efeitos contrários aos premeditados pela administração.

Cimentos

Os trabalhadores da Cimpor e da Secil paralisaram ontem novamente e podem voltar à greve amanhã, caso se mantenha o impasse nas negociações de revisão do contrato colectivo de trabalho.

A reunião que as partes mantiveram ontem resultou infrutífera, e os representantes dos trabalhadores acusam os gestores daquelas empresas de não terem aceitado negociações durante o fim-de-semana por forma a encontrar o mais rapidamente possível solução para um conflito que tanto prejuízo está a causar ao país.

Alco

Trabalhadores preocupados com o futuro da empresa

Surpreendidos com a notícia de que a participação do sector público no capital social da ALCO – Algodoeira Comercial e Industrial, SARL, iria ser vendida em leilão pelo IPE (Instituto de Participações do Estado) no sector privado, os cerca de 250 trabalhadores daquela empresa, reunidos em plenário, manifestaram a sua preocupação, não só quanto ao futuro da empresa mas igualmente quanto ao futuro dos seus postos de trabalho.

Segundo um comunicado emitido pela CT da Alco, a empresa é praticamente nacionalizada, pois a participação do Estado é de 99,7 por cento, faz parte de um sector básico da economia (produção de óleos vegetais), sendo o seu activo de um milhão de contos. Em 1981, por exemplo, teve lucros altíssimos, na ordem de largas dezenas de milhar de contos e no mesmo ano pagou em impostos e contribuições, mais de 40 mil contos, «tendo em dia os seus compromissos com o Estado. Trata-se, portanto, de uma empresa «altamente rentável» e a comissão de trabalhadores afirma que «não se descortina qualquer pretecto do Governo para vender esta grande empresa».

Plenário dos trabalhadores do Baía

Realiza-se esta tarde, a partir das 15 horas, um plenário dos trabalhadores do Hotel Baía com o objectivo de eleger os representantes dos trabalhadores à comissão paritária, criada no âmbito do acordo firmado para normalização da situação laboral naquela unidade hoteleira.

Desta forma, cada uma das partes – trabalhadores e comissão de gestão interina – deverá designar dois representantes à comissão paritária para resolver conflitos existentes.

Em comunicado agora divulgado, a Federação dos Sindicatos da Hotelaria acusa a comissão de gestão interina nomeada pelo secretário de Estado do Turismo, Nandim de Carvalho, de tentar impor a presença dos «gorilas» no plenário bem como de impedir a participação de alguns trabalhadores da empresa.

A propósito, o mesmo organismo sindical recorda que qualquer tentativa de impedir a participação de trabalhadores do hotel no plenário representa uma violação da plataforma acordada no dia 25 de Setembro.

Esta manhã

Trabalhadores da Lisnave impedem entrada de administradores

• *Três directores que já se encontravam nos estaleiros, impedidos de sair*

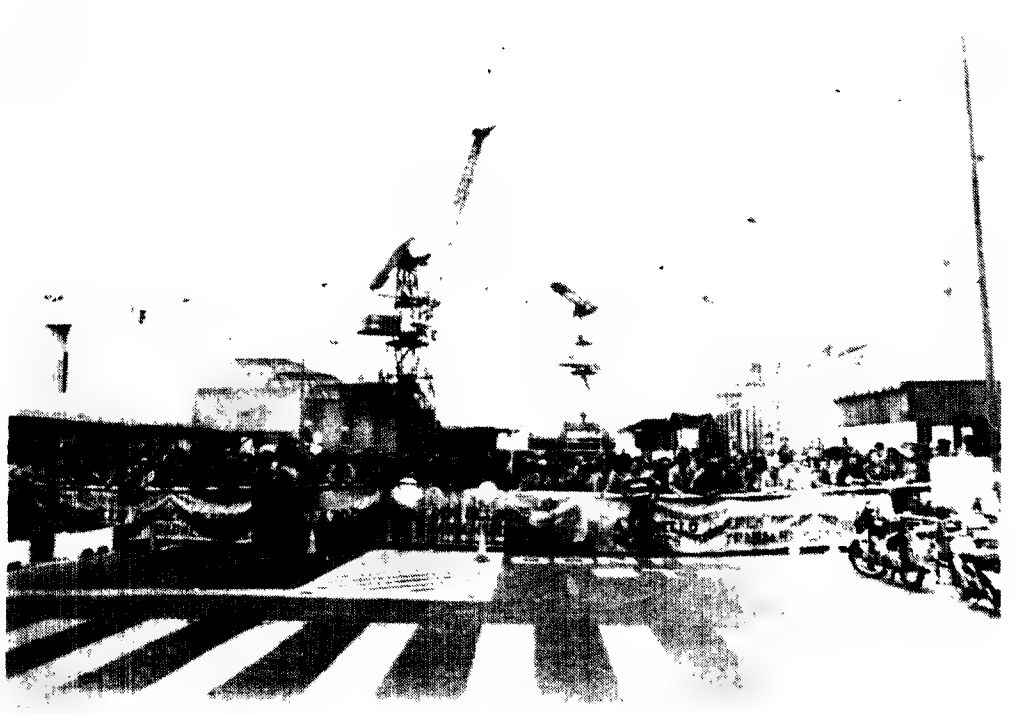
Desde esta manhã, os trabalhadores da Lisnave estão concentrados à porta do estaleiro da Margueira, impedindo a entrada dos administradores e directores na empresa.

Esta atitude faz parte das decisões aprovadas pelos trabalhadores na assembleia geral reunida de emergência às oito horas de hoje.

Quando esta resolução foi tomada já se encontravam no interior do estaleiro três directores, a quem foi dado o prazo de meia hora para abandonarem as instalações. Como se recusaram a fazê-lo, a sua saída é também impedida, segundo afirmou ao «DL» um membro da comissão de trabalhadores.

O porta-voz da CT afirmou que esta situação vai manter-se até que sejam recebidos pelos administradores para tratar da retirada do «pacote de medidas laborais que a administração pretende impor e que são lesivas dos interesses dos trabalhadores».

Recorde-se que entre essas medidas figuram o aumento do preço das refeições em cerca de 500 por cento e o corte de prémios em 50 por cento.



A demissão de José de Mello

A resolução aprovada pela assembleia geral de trabalhadores desta manhã exige também a demissão do presidente do conselho de administração, José Manuel de Mello.

A demissão do Governo é também exigida na resolução, porque este «não assume as suas responsabilidades como principal accionista da empresa».

Os trabalhadores da Lisnave, cerca de 8300, efectuaram uma acção idêntica em meados de Setembro, como forma de luta contra os planos da administração, os quais, segundo os sindicatos, visam «apossar-se dos estaleiros da Setenave e Parry & Son» e o despedimento, nas três empresas, de mais de oito mil do total de cerca de 16 mil trabalhadores.

Administração recua

«A luta firme e determinada dos trabalhadores – sublinha o documento hoje aprovado – já levou a administração a recuar, tendo-se já conseguido os retroactivos e o aparecimento dos avisos de pagamento».

Com efeito, e de acordo com o mesmo informador, a administração, que cerca das 15 horas de ontem havia afirmado desconhecer a data em que poderia pagar a parte dos vencimentos em atraso, uma hora depois fez sair um aviso que fixa os dias 12 e 13 para aquele efeito.

Este recuo surgiu na sequência de uma reunião dos órgãos representativos dos trabalhadores, durante a qual foi decidido convocar o pessoal da Lisnave para a assembleia geral que esta manhã ali decorreu.

Em Julho e Agosto

Cerca de 200 mil estiveram em greve

Em Julho e Agosto últimos verificou-se um certo decréscimo do movimento grevista em relação aos meses precedentes, registando-se contudo um número de lutas superior ao normal em idênticos meses de anos anteriores, segundo um balanço elaborado pela ANOP e agora tornado público.

Em Julho registaram-se greves em cinco sectores e 36 empresas que empregam no seu conjunto cerca de 150 mil trabalhadores, saldando-se pela perda de bastante mais de dois milhões de horas de trabalho.

Em Agosto paralisaram 12 empresas e dois sectores, com mais de 30 mil trabalhadores, registando-se mais de meio milhão de horas de laboração perdidas.

Os cinco sectores que paralisaram em Julho empregam cerca de 100 mil trabalhadores e nas 36 empresas cerca de 50 mil.

Os dois sectores que pararam em Agosto, empregam cerca de 17 mil trabalhadores, enquanto as 12 empresas empregam mais de 13 mil trabalhadores.

Entre as empresas que estiveram em greve, cabe destacar a Cambournac, que desde Novembro de 1981 se encontra paralisada, exigindo os seus trabalhadores o pagamento de salários em atraso e a demissão de um administrador.

Os trabalhadores dos Serviços de Transportes Colectivos do Porto paralisaram em Julho vários dias por reivindicações contratuais, tendo obtido a satisfação das suas pretensões.

Também as empresas cimenteiras Cimpor e Secil estiveram paralisadas em Julho para exigir o início imediato das negociações de revisão do acordo colectivo de trabalho (ACT).

Nas empresas de construção e reparação naval registaram-se várias lutas de empresas e sector pela resolução de problemas daquela indústria ou por reivindicações específicas. De assinalar a greve simultânea no dia 16 de Julho em dez empresas do sector.

Também os trabalhadores da Bertrand paralisaram e empreenderam outras acções em defesa da manutenção da empresa e dos seus postos de trabalho.

De destacar ainda em Julho a greve da indústria metalúrgica e metalomecânica por reivindicações contratuais.

Ainda em Julho a CGTP-Intersindical efectuou uma manifestação no dia 15, em Lisboa, frente à Assembleia da República (AR), em que pela primeira vez aquela central exigiu a dissolução daquele órgão de soberania para além da demissão do Governo, que já vinha reivindicando.

Em Agosto, os trabalhadores da Comunicação Social paralisaram em defesa do sector público da Comunicação Social e contra os planos governamentais de extinção da ANOP, tendo o Sindicato dos Jornalistas anunciado que a greve tinha tido a maior adesão de sempre na classe.

Os trabalhadores do Hotel Baía iniciaram em Agosto uma greve por tempo indeterminado, exigindo a entrada ao serviço de todos os trabalhadores, arquivo dos processos disciplinares e respeito pelas leis que regulam a autogestão. A 10 de Agosto, as empresas hoteleiras de Cascais efectuaram uma paralisação de 15 minutos em solidariedade com a luta do Hotel Baía e em Agosto realizaram-se várias concentrações de apoio àquela luta.

Ainda em Agosto, os trabalhadores da hotelaria do Algarve efectuaram cinco dias de greve para exigir aumentos salariais idênticos aos da hotelaria do Centro-Sul.

Os mais de 70 mil trabalhadores da agricultura e pecuária dos distritos de Évora e Beja efectuaram em Agosto concentrações em várias localidades, para exigirem a concretização das negociações para a revisão da convenção colectiva de trabalho do sector.

Naqueles meses foram desconvocadas greves em mais de duas dezenas de empresas e sectores, geralmente por os trabalhadores terem visto satisfeitas as suas reivindicações.

Várias lutas foram acompanhadas por concentraçõe e manifestações ou recusa à prestação de trabalho extraordinário.

Os dados utilizados basearam-se em números recolhidos pela ANOP, geralmente de fonte sindical, e não têm em conta percentagens de adesão à greve, nem casos em que a paragem da produção é muito superior ao número de horas de greve efectivas.

Petrogal

CG despede um trabalhador e suspende quatro

A Federação sindical da indústria química acusa o conselho de gerência (CG) da Petrogal de despedir um delegado sindical e de suspender sem vencimento mais quatro trabalhadores numa atitude que qualifica de «revanchista, ilegal e repressiva».

As sanções foram divulgadas por um despacho do CG da Petrogal, que decidiu suspender sem vencimento dois delegados sindicais, Manuel Freire Pires doRosário e Francisco Rosa Paixão, e dois trabalhadores, Carlos Gonçalves Cordeiro e Manuel Gomes Correia Pestana. Os delegados sindicais estão suspensos por 18 e seis dias, respectivamente, e os dois trabalhadores por nove dias. O mesmo despacho determina também o despedimento, sem compensação ou indemnização, do delegado sindical, António Manuel Ferro.

Depois de sublinhar o facto de as sanções terem sido aplicadas após sete meses de suspensão curiosamente interrompida para gozo de férias daqueles cinco trabalhadores, aquela Federação sindical adianta que uma tal decisão «além de afundar ainda mais o CG no atoleiro da ilegalidade e da prepotência, vem provar que, faltando-lhe fundamentos legais e argumentos válidos, este só por **artes mágicas** pode ter conseguido **descobrir** infracções passíveis de punição».

Por isso, para os sindicatos, fossem ou não provadas as culpas imputadas aos trabalhadores, «o CG tinha de justificar e encontrar **razões** para a suspensão que impôs aos trabalhadores, porque os objectivos que desde logo a animaram eram, indiscutivelmente, intimidar os trabalhadores, quebrar e enfraquecer a sua unidade, afrontar os seus direitos fundamentais».

Desta forma, aquele organismo sindical reafirma a sua disposição «de continuar a luta que vem travando até que seja reposta a legalidade neste processo, respeitados na Petrogal os direitos legais e constitucionais dos trabalhadores e para pôr fim à repressão e à prepotência».

DESPORTO

Portugal-Polónia

Até que a hora chegue: só falta ganhar!

Resolvido a contento o «impasse Oliveira», Otto Glória (e por tabela, todos os aficionados do chuto desta terra) está de novo confiante. «Só falta ganhar, de resto tudo está a correr bem» – afirmou o técnico brasileiro, ontem, durante mais uma sessão de trabalho dos seleccioados para os jogos dos próximos sábado e domingo com a Polónia.

Além da confirmação de Oliveira (que depois de uns dias no Porto regressou muito a tempo de se integrar nos trabalhos preparatórios) também a realização do jogo principal no estádio da Luz constituiu um factor psicológico considerável a favor dos nossos jogadores, que como se sabe são da casa numa percentagem superior a metade da equipa que alinhará inicialmente.

Só falta ganhar, não é? Pois que assim seja...

Ribeiro de Magalhães (dirigente federativo ligado directamente à selecção principal) e Otto Glória

Hora de unidade a todos os níveis: João Alves é cumprimentado por um «puto» sportinguista

Havelange contra 'Mundial-86' na Colombia

O presidente da FIFA, João Havelange, manifestou-se contrário à realização na Colômbia do campeonato mundial de futebol de 1986.

Em entrevista concedida ao matutino «El Tiempo», de Bogotá, Havelange refere que «a Colômbia teve o direito de realizar a prova, mas é lamentável verificar que, ao fim de oito anos, ainda não tenha apresentado um programa».

Para Havelange, o país que tencione organizar o «Mundial» terá de cumprir o mesmo caderno de encargos que a FIFA apresentou à Colômbia.

O matutino informa que o Canadá estaria disposto a organizar o «Mundial-86» e adianta que os Estados Unidos e o Brasil estão também na corrida para sede da competição.

O governo colombiano tem afirmado repetidas vezes que só autoriza a realização do «Mundial» se não for necessário desembolsar dinheiros do Estado, questão que choca frontalmente com as exigências da FIFA.

Kubala: no rasto dos petrodólares

O antigo seleccionador espanhol de futebol, Ladislau Kubala, aceitou um contrato para orientar durante uma temporada o Halal Sporting Club, da Arábia Saudita – revelaram meios desportivos em Madrid.

A agência noticiosa espanhola EFE afirmou que Kubala rejeitou ofertas de clubes espanhóis e do Sporting de Lisboa, porque «nenhuma o satisfazia quer no campo desportivo, quer económico, como a do clube árabe».

Kubala, adiantou a EFE, receberá cem mil dólares (cerca de nove mil contos), além de uma vivenda, um automóvel e oito viagens de avião para Espanha.

Kubala viajou na última semana para Paris, onde assinou o contrato, que os dirigentes sauditas pretendiam por três anos.

O técnico parte em Novembro para Riade, para iniciar a preparação da temporada, que começa em Dezembro, com a esperança de poder cobrir com um futebolista espanhol o lugar que o futebol árabe autoriza para um jogador estrangeiro.

Árbitros jugoslavos recebiam «luvas»

Treze árbitros e dois antigos responsáveis do Clube de Futebol Maribor (segunda divisão jugoslava) foram incriminados ontem por um tribunal de Maribor (Eslovenia), no âmbito do caso das «caixas negras» (luvas), indicou a agência jugoslava Tanjug.

Segundo o auto de acusação, Bojan Ban, secretário daquele clube esloveno antes de Junho de 1981, e Stanislav Kramberger, funcionário do mesmo clube, seriam culpados de terem constituído, durante três anos, uma «caixa negra», prejudicando assim o Estado jugoslavo. O montante destes fundos ilícitos era avaliado em Junho de 1981 em 855 000 dinares. Os 13 árbitros incriminados teriam aceite «luvas» de um valor de 510 000 dinares.

Estas 15 pessoas poderão ser condenadas a penas de prisão de 3 anos no máximo.

Jogos da Comunidade: novo código contra o «apartheid»

A Federação dos Jogos da Comunidade Britânica adoptou um novo código de conduta com a finalidade de serem cancelados todos os contactos desportivos com a África do Sul.

Os países da Comunidade Britânica poderão ser suspensos caso estabeleçam contactos com países que pratiquem o «apartheid».

O novo código foi escrito há dez dias numa reunião da Federação dos Jogos da Comunidade e agora aceite sem alterações, com pouca discussão pelos membros.

Os únicos países que não votaram foram a Inglaterra e a Nova Zelândia que sofreram várias ameaças de boicote de uma digressão à África do Sul.

Xadrez

Mestre da RDA dá lição no Porto

Na sequência de um acordo firmado entre a Associação de Amizade Portugal-RDA e a Associação de Xadrez do Porto, o grande mestre internacional Lothar Vogt, da República Democrática Alemã, encontra-se na capital nortenha onde, de há uns dias a esta parte, tem ministrado ensinamentos a largas dezenas de jovens xadrezistas.

Meste Lothar Vogt, que veio a expensas da Associação de Amizade Portugal-RDA, começou por participar numa «simultânea» com 33 jogadores, na qual perdeu três jogos e empatou cinco. «Simultânea» que teve por cenário um dos salões do Clube Fenianos Portugueses e na qual colaboraram apenas jogadores do distrito do Porto.

Entretanto, Lothar Vogt presidiu ontem, à noite, na Casa do Desporto, à cerimónia de distribuição de prémios, referentes à época de 1981-82, tendo, em seguida, participado num colóquio que registou larga participação.

Aliás, um colóquio que possibilitou um intercâmbio de conhecimentos, dado o interesse manifestado, sobretudo, pelos jovens xadrezistas presentes. Lothar Vogt falou da orgânica do xadrez na RDA, da forma como se chega a mestre, do elevado número de praticantes e da expansão que o xadrez tem na Europa de Leste. A propósito destes temas, Lothar Vogt referiu que só um estudo profundo e um trabalho intenso podem possibilitar a ascensão a um lugar de destaque no mundo do xadrez.

Antes de deixar o Porto, mestre Lothar Vogt participará, ainda em mais duas «simultâneaas»: uma hoje e a outra amanhã, ambas, porém, à mesma hora (21.30) e no mesmo local (Fenianos).

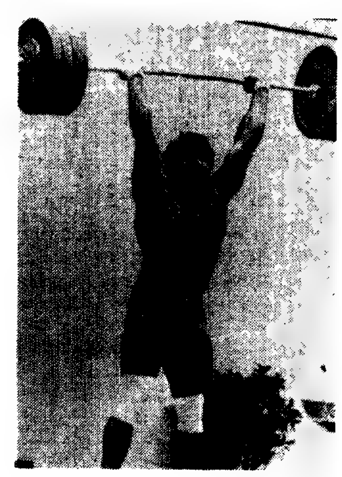
MN

Anatoli Pissarenko: um homem de força

O soviético Anatoli Pissarenko estabeleceu novo recorde mundial de halterofilia, na categoria de superpesados (mais de 110 quilos), ao conseguir 455 quilos no total dos dois movimentos, tendo batido, também, o máximo mundial no movimento do arremesso, com 258 quilos. A proeza foi alcançada durante a «Taça de Amizade», que decorreu na capital da República da Kirguízia (Frunze), na URSS. A este halterofilista pertence (igualmente) a melhor marca mundial no movimento do arranque, com 201,5 quilos.

Pissarenko é tenente do Exército soviético e estudante universitário por correspondência, habitando a sua terra natal: a capital da República da Ucrânia (Kiev). Integrado no Dínamo de Kiev e na selecção nacional soviética, conta 25 anos, mede 1,85 e pesa 124 quilos, sendo o mais leve dos halterofilistas que actuam na sua categoria.

Segundo o próprio Pissarenko, em breve será possível atingir os 460 quilos. O halterofilista começou a praticar desporto de competição aos sete anos: primeiro, natação; depois, ginástica; mais tarde, atletismo; em seguida, luta greco-romana (durante dois anos) e luta livre (durante três). Finalmente, com a idade de 15 anos, «chegou» à halterofilia, não mais abandonando a modalidade.



Anatoli Pissarenko

assim vai o TOTOBOLA

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N. 58 DE 10 OUTUBRO 1982

Clube do Ar: 111 111 1X1 1111; Rádio Totobola: 111 211 1XX 1XX2; O Diário: X12 X12 X21 1X12; Correio do Vouga: 112 111 X11 111X; Jornal «A Defesa»: 111 1X1 11X 1111; Diário do Porto: 111 11X 111 1111; O Jornal de Felgueiras: 111 X11 X1X 11X2; O Jornal da Lixa: 11X 211 11X 1X12; Jornal de Sintra: XX1 XX1 111 X212; Notícias de Évora: 111 XX1 111 XX12; Notícias de Felgueiras: 11X 2X1 X2X 12XX; Reconquista: 112 111 1XX 1221; Ritmo e Amizade: 111 111 111 1112; ·RDP/Seção Desportiva: 11X 212 1X2 11X2; RDP/Centro – Desporto em Análise: X12 1X1 X1X 1112; A Voz do Domingo/Coluna Desportiva: 111 111 111 1112; RDP/Tempo Desporto: X1X 211 X11 11X2; Grafanola Ideal: X2X 222 X22 1X1X; O Mensageiro: 2X1 1X1 X12 1X12; Música e Não Só: 112 X12 1X2 111X; Ponto de Encontro: 112 X2X 1X2 1XX2; Pátio das Cantigas: 111 X1X X21 X1X2; Café com Leite: X11 2X2 1X2 1112; Equipa Desportiva: 11X 2XX 1X2 1X1X; Alvo Desportivo: 111 1X1 1X1 112X; O Comércio de Leixões: 11X X11 1X2 111X; Estúdio 64: 112 2X1 2X2 1X12; Jornal de Gaia: X1X 1X2 11X 1XX2; Jornal da Graça: X22 2XX 122 X112; Manchete Desportiva: 111 X11 2X1 1X12; Penalty: 111 111 X11 X11X; O Primeiro de Janeiro: 112 X1X 112 211X; Quadrante Norte: 21X 111 1XX 1112; Rádio Alvo: 111 X1X 2XX 12X1; Repórter do Dia: 112 211 111 X112; Resenha Desportiva: X11 X11 X12 XXXX; A Voz dos Ridículos: 11X 112 12X 1X11; Jornal o Porto: X11 2XX 22X 12XX; Jornal a Voz do Ave: 111 X21 111 1111; Rádio Placard: 111 111 111 1111; Diário de Lisboa: 11X 212 XX2 1111.

1. [illegible] - [illegible]	[illegible]	[illegible]	2	[illegible]		[illegible]
2. [illegible] - POLÓNIA ([illegible])	[illegible]	[illegible]	2	1[illegible]	1	[illegible]
3. [illegible]LGUEI[illegible] - ESTORIL	[illegible]	11	10	[illegible]	[illegible]	[illegible]
4. [illegible] - [illegible]	[illegible]	[illegible]	1[illegible]	4	[illegible]	4
5. BAYER[illegible] - [illegible]		[illegible]	3	7	[illegible]	1
6. FRANC[illegible] - [illegible]T[illegible]GARDA	[illegible]	[illegible]	8	8	[illegible]	2
7. BI[illegible]LEFELD - [illegible]ERT[illegible]A B.		[illegible]	4	8	3	1
8. [illegible]OCH[illegible] - M'[illegible]LAD[illegible]ACH	[illegible]	[illegible]	7	[illegible]	4	[illegible]
9. EVERTON - MANCHESTER [illegible]	[illegible]	[illegible]	13	4	4	4
10. IPSWICH - ARSENAL	[illegible]	[illegible]	1	9	2	1
11. SUNDERLAND - SOUTHAMP	[illegible]	[illegible]	[illegible]	7	4	1
12. W. BROMWICH - NOTTINGH	28	[illegible]	2	8	3	1
13. WEST HA[illegible] - LIVERPOOL		[illegible]	21	2	3	7

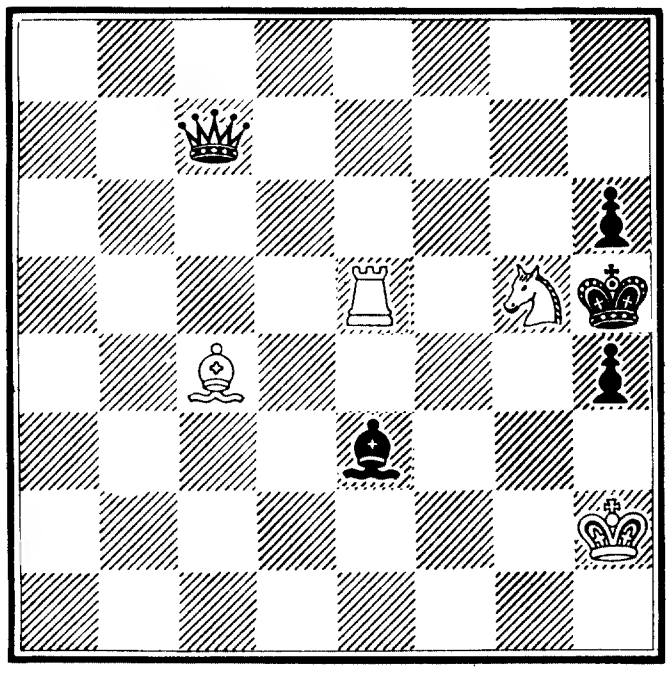
a) - Nos termos do Art.º 14º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A "CHAVE" LÓGICA SERÁ:

111 111 111 1112

Problemas de Xadrez

Todas as peças brancas estão atacadas além da T estar pregada. Uma série de xeques-cruzados, e o bando mais fraco salva-se.



E. B. Cook
«Illustrated London News» 1856
(brancas empatam)

SOLUÇÃO
1. Bf7+, Rg4 2. Be6+, Rf4 e a T fica desprotegida. 3. Tf5+, Rg4+ 4. Te5+, Rh5 5. Bf7+ perpétuo.

MINISTÉRIO
DA HABITAÇÃO, OBRAS
PÚBLICAS E
TRANSPORTES

SECRETARIA DE ESTADO DAS OBRAS PÚBLICAS
DIRECÇÃO-GERAL DOS RECURSOS E APROVEITAMENTOS HIDRÁULICOS

CONCURSO PÚBLICO PARA
ARREMATAÇÃO DA EMPREITADA
DE CONSTRUÇÃO DOS ACESSOS

À

BARRAGEM DA
MARATECA

ANÚNCIO

Anuncia-se que se encontra aberto concurso público para arrematação da empreitada acima designada.

Preço base ..... 36 800 000$00
Caução provisória ..... 920 000$00

Alvarás exigidos:
— IV categoria ou 1.ª subcategoria da IV categoria e classe correspondente ao valor da proposta.

As propostas deverão ser apresentadas na Direcção-Geral dos Recursos e Aproveitamentos Hidráulicos, Rua de S. Mamede (ao Caldas) n.º 23, até às 17 horas e 30 minutos do dia 9 de Novembro de 1982.

O acto público do concurso realizar-se-á pelas 15 horas do dia 10 de Novembro de 1982, naquele mesmo local onde o processo se encontra patente em todos os dias úteis e nas horas de expediente.

LISBOA, em 29 de Setembro de 1982.

Pelo ENGENHEIRO DIRECTOR-GERAL
(Carlos Coutinho de Azambuja Martins)

Alack Sinner

Banda Desenhada de Muñoz e Sampayo

68

C OPYRIGHT Muñoz e Sampayo/Quipos/ADS

continua

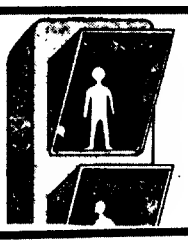
INSTITUTO DE LÍNGUAS DE ALGÉS

Av. dos Bombeiros Voluntários, 29-2 ° – ALGES
Telefone 210 29 10

INGLÊS – FRANCÊS – ALEMAO
PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS

MATRICULAS ABERTAS DAS 10 AS 12 H.
E DAS 17 AS 22 H., EXCEPTO AOS SABADOS

UMA BOA AJUDA PARA QUEM ESTUDA



NAS PASSADEIRAS
Os peões e os condutores têm de respeitar a sinalização luminosa

Circular e viver

À CLASSE MÉDICA
Somos especializados em BATAS profissionais
TINTURARIA GUANABARA – Dep de Confecçoes
Av Joao XXI, 5-D – 1000 (Metro Areeiro)
Rua Infantaria 16, 55-G – 1300 LISBOA

DAMA DE COMPANHIA

PRECISA-SE

Para França, entre 45/50 anos, boa saúde, para se ocupar de senhora idosa, conhecendo cozinha, falando francês e um pouco de serviço doméstico.

OFERECE-SE:
— Ordenado de 28.000 escudos
— Estadia e alimentação
Resposta a M. Torre Hotel Campo Dell Oro, Plage Du Ricanto, BP 127 — 20177 AJACCIO CEDEX

quarteto HOJE ESTREIA
QUALIDADE — INT. MEN. 13 ANOS
PALMA DE OURO - CANNES 82
um filme de YILMAZ GÜNEY

Licença Precária
Uma história de amor gritante
realização de SERIF GÖREN
com TARIK AKAN HACIL ERGÜN NECMETTIN ÇOBANOĞLU

Ela ensinou-lhe tudo o que sabia -acerca da paixão e do crime.

NOITES ESCALDANTES
-BODY HEAT-

TERMINAL 2.ª SEMANA QUARTETO
NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 18 ANOS

crónica de touros

SOLILÓQUIO

O que é tourear?

Praça de Touros de Sevilha. Domingo, 26 de Setembro de 1982. Touros de Joaquim Barral para Manolo Vasquez, Roberto Dominguez e Paco Ojeda.

Maestranza de Sevilha. Desfilam as quadrilhas. Pelas bancadas cresce o aplauso da esperança, aplauso que a muita gente de San Lucar faz estremecido, no fervor que de lá trouxe, da foz do Guadalquivir, dando ânimo ao seu toureiro, nas palmas por bulerias se reconhecerá entre os seus. O Sol espreita pelo meio das nuvens, que se puseram altas, suspenderam a chuva de que a terra andaluza andava sequiosa, para que com o «veranillo de San Miguel» possa ser feliz o ocaso da temporada. Os matadores avançam, pela arena de ouro, seus passos vagarosos. O da esquerda, por maior antiguidade, é Manolo Vasquez. Atrás dele, à cabeça da quadrilha, vai Rafael Torres, seu bandarilheiro de confiança, contra o costume é o peão bem mais moço do que o maestro. As voltas que o mundo dá. Rafael lembra talvez a tarde da alternativa, Domingo de Páscoa do ano 70, em que naquela mesma arena desfilou na frente, ao lado de Curro Romero, do padrinho de quem ia receber os «trastos», e com eles brindar a seu apoderado a morte do Urquijo, «Entretenido» se chamava. As voltas que o mundo dá: agora, uma dúzia de anos volvidos, ali vai Rafaelito atrás de Manolo Vasquez, do seu apoderado feito outra vez matador, e ele de matador se tornou peão de confiança: da confiança que pode sentir merecida, pois está Rafael um dos grandes, bandarilheiro de ir à cara e levantar os braços, e de os descer com galhardia, e sem perder tempo neles retomar o capote, atento, oportuno, ágil, toureiro que de Sevilha continua, de prata vestido.

★ ★ ★ ★

Também de prata se veste agora Antonio Ortega, toureiro de Madrid, do bairro de Embajadores. Mas por igual o aplaudiu Sevilha, ao destapar-se Orteguita naquele par, imponente desde que andando se foi ao touro, até que andando dele saiu. E nesses e noutros detalhes se foi vencendo a tarde, a tarde e a encastada mansidão dos touros de Barral, que por difíceis desmentiam a suavidade prometida, essa que fez famosos e desejados os Nuñez, cujos ferros ainda ostentam. Mas também nos touros difíceis pode a inspiração dos toureiros abrir clareiras: como sucedeu no tercio de quites do segundo, touro que logo à saída se pôs reservado, a escarvar, e com que Roberto Dominguez esteve toureiro em tudo quanto fez, até no descabelo. «Este muchacho no és de aqui, pero que muy bueno», dizia-me um sevilhano, desses para quem um toureiro de tal sabor, nascido em Valladolid, muito para cima de Despeñaperros, só acontece por engano da natureza. Mas voltando ao tal tercio de quites: belas tinham sido as verónicas pela esquerda de Roberto. À saída da primeira vara, tardou o touro em acudir aos cites do matador, que depois dum só lance o levou garboso ao cavalo. No segundo quite, entendeu Ojeda a tardança do Nuñez, e plantado na arena lhe adiantou com os braços o capote, embarcado nele o foi trazendo e levando, nuns lances pausados que puseram a praça às avessas. Não tardaria a endireitar-se, silenciosa, quando passada a terceira vara se abriu,nos médios, o capote de Manolo Vasquez. Foram dois lances luminosos, com os pés juntos; e, depois da escultura da meia-verónica, ficou o de San Bernardo ali, a dois passos das finas hastes se demorou, no garbo toureiro do desplante, a saborear o clamor da gente.

★ ★ ★ ★

Em tais alegres fulgores, e no ofício dos toureiros, ante inimigos que ao luzimento resistiam, breve se pôs a tarde, mal tínhamos dado por ela quando saltou à arena o sexto, «Foguete» de seu nome: e a dizer com ele acometeu nas primeiras arrancadas, derrotando em tábuas como os outros não haviam feito. Antes que no picador derretesse os ímpetos, abriu a presidência excepção, atendeu ao pedido de Ojeda para que por uma vara se ficasse. E pôs-se a praça silenciosa ao tomar o de San Lucar a muleta, e com ela a espada de verdade, oxalá que o hábito não perca, quando das praças se fizer amo. Faltavam quinze minutos para as sete da tarde. Como entre as nuvens se pusera o Sol, acenderam-se os focos da Maestranza. Acto desnecessário, que a luz da arena ia bastar. O touro era nobre. E mais nobre o fez parecer o toureiro, com aquela quietude, aquela maneira de ligar os passes aos remates, e entre uns e outros aquelas sapatilhas sem se moverem um milímetro: mesmo quando não víamos espaço por onde o touro se pudesse revolver, seguir o engano que na despedida o trazia afinal de regresso, viagem sem escalas que não lhe consentiam uns braços que o faziam ir, e voltar, e tornar a ir, e tornar a voltar, sempre em redor dum corpo que dir-se-ia sem alma, e afinal tinha lá dentro a dum toureiro grande. Quando chegou a hora de matar, pinchou duas vezes: porque na sorte suprema parece a muleta de Ojeda cansada de toureio, sem forças para fazer a cruz. E assim fica o matador na cara, não deixa ao estoque o caminho da mortal trajectória. Só à terceira entrada se afundou a lâmina: mas não houve mesmo assim outro remédio senão dar a Paco Ojeda uma das orelhas que para ele a praça inteira pedia, os que tinham vindo de San Lucar e os outros – todos por igual rendidos ao assombro dum toureiro que, sem sair das regras imutáveis, nos deixa a sensação do nunca visto.

Afinal, ainda e sempre, o mistério da Festa, da pergunta de Corrochano, que por palavras não encontra resposta: «Que é tourear?». Talvez seja isso: alguém que chega, lá de longe em longe, trazendo consigo esse mistério, e que, como dizia «El Gallo», numa arena se põe a contá-lo.

crítica de teatro

CARLOS PORTO

O "boulevard" em crise

«PAI PRECISA-SE», de Júlio Mathias. Tradução e Adaptação: Marques Correia. Encenação: António de Cabo. Cenografia: Juan Soutullo. Interpretação: Dulce Guimarães, Luís Mata, Laura Alves, Rosa do Canto e Júlio César. Produção: Vasco Morgado. Teatro Monumental. Estreia: 30-9-1982.

Não se pode comparar a crise da revista com a crise – esta também óbvia – do chamado teatro de «boulevard», expressão espúria que se utiliza para classificar o teatro de características comerciais cujas peças são adaptadas do francês, inglês ou espanhol do mesmo género (são poucas as tentativas nacionais) que por sua vez representam a degenerescência do «vaudeville» dos finais do século passado.

Enquanto a crise da revista é mitigada por lampejos que explicam a sua resistência, a crise do «boulevard» é, pode dizer-se, estrutural, já que se trata de um produto abastardado que funciona, normalmente mal, à custa do carisma de uma ou outra vedeta, embora aquele e estas estejam mergulhados numa onda de inexorável decadência.

Tem sido possível observar, mesmo assim, uma curva acentuadamente descendente no género, com incursões políticas que têm constituído um caso escandaloso de fascização do nosso teatro. A esse declínio de um género, cujo estado de saúde deixou sempre a desejar, não é alheio, como se escreveu, a crise por que passam os seus intérpretes, e o caso de Laura Alves parece ser o mais paradigmático e também o mais lamentável. Comediante que se autodestrói na fogueira sacrificial do empresarismo privado e cumulativamente (e para cúmulo!) familiar, e do militantismo direitista, Laura Alves, que continua a ter, mais do que admiradores, fanáticos (interesseiros) de um talento já inexistente, mostra-se cada vez mais bloqueada por processos de representação repetitivos, sem qualquer chama de criatividade, agravados por uma falta de memória que obriga a actriz a fazer, com pena o escrevo, tristes papéis.

Claro que a história da peça está feita, como a de todas as do género, só que esta em pior, e se não saí a meio não foi por pudor nem por me sentir obrigado a ver aquilo até ao fim pelo facto da empresa me ter facultado a entrada (que é escrúpulo que não me assalta por razões que nem sequer vale a pena esmiuçar já que toda a gente as entende), se permaneci até ao fim foi apenas pelo facto do jogo de um actor (Júlio César) me ter minimamente interessado, o bastante ao menos para aguentar a estopada. Não é que Júlio César seja um grande actor (prefiro-o entre linhas e entre gentes) mas consegue criar algumas situações de gozo que bastam para justificar o seu trabalho, tanto mais que procura fazê-lo menos pelo lado da «palhaçada» do que pelo da inteligência. Também alguns apontamentos de Rosa do Canto me pareceram dignos de atenção.

Pergunto a mim mesmo se se justifica que um crítico de teatro veja espectáculos como este. E só uma espécie de contrato moral com os leitores, com essa entidade abstracta que é o conjunto da actividade teatral, e comigo mesmo, me impõem estes dramas. Parece-me pouco sério o truque de um jornal considerado como o «Monde» que às vezes destaca críticos, que não os habituais, para dizer bem, ou assim-assim, de espectáculos de «boulevard». Mesmo assim consideravelmente menos maus do que estas «chanchadas», «chachadas», ou o que lhes queiram chamar que eu já estou cansado.

NÃO FUMÉ
EM RECINTOS FECHADOS

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

Parem com o Popeye!

Por favor, parem com o Popeye dentro da minha cabeça!

Pode não haver nada, Popeye há sempre. Falta o leite, o arroz, a paciência, a vergonha? Popeye não falta. Freitas vai a Bona, Balsemão vai ao Canadá, Soares vai a Israel? Popeye fica. Insubstituível, substitui tudo. Ao preço a que estão os espinafres, nem fica nada caro. Todos os dias, a qualquer hora: Popeye.

Por favor, parem com o Popeye dentro da minha cabeça!

Basta, para me dar cabadia dos nervos, a imagem de Mário Soares, tão dilecta do telejornal. Ontem, a propósito de (o quê, não sei) a reportagem foi vê-lo e dá-lo em Alenquer. O que ele disse, ignoro. Escutei, mas não ouvi. Estava arranjado da minha vida se fosse a ouvir tudo quanto me dizem. Crítico honrado não tem ouvidos.

Basta esse. Despeçam o Popeye e seus músculos enlatados, seu cachimbo fumegante, seu sailorismo de água doce. Não o aguento mais.

Basta o António Capucho, o porta-voz da táctica do PSD, no porta-a-porta diário da TV. Transpira um ódio calculado na mesa baixa da bisca lambida dos bastidores. Lá esteve ele ontem, uma vez mais, no Telejornal acusando os comunistas de, censurando os socialistas porque, enaltecendo a AD que. Propaganda eleitoral com todos os matadores, a três meses de distância, bonito, hem? E ainda agora é agora...

Como se não bastasse, o Popeye. Constantemente à mão. Popeye resolve todos os problemas videoterápicos. Um estalo, hop!, ei-lo mais a sua trupe a correr em auxílio dos enrascados. Mais que um boneco: um símbolo. Mais que uma história, um mito. Mais que um passatempo: um monumento. Popeye, nossa transpiração de todos os poros, puríssimo biberão das nossas frustrações: chega!

Fica-nos por companhia a encantadora figura de Reagan cujos olhos são rampas de mísseis, o Weinberger, novo estratego da nova guerra-fria, o Begin escaravelho das misérias mais sujas, o Botha aparthado de toda a humanidade, o Savimbi cabeçudo e títere grotesco e fica-nos, não sei ainda por quanto tempo, o Milton Friedman.

Vocês sabem, o palhaço economista, anjo maldito do mais austero e desvairado capitalismo. A exprimir, em violenta linguagem de televisão, opiniões que, em Portugal, nem no **Dia**, no **Diabo** ou no **Telejornal**, seríamos capazes de encontrar.

Segundo ele, herdam-se com a mesma fatalidade os dons da natureza como os benefícios sociais. Nem todos podem ser ricos? Claro. Como nem todas as mulheres podem ter as pernas bonitas da Marlene Dietrich...

Por que razão – prossegue ele – devem os governos estabelecer pensões, subsídios, assistência? Dir-se-á que é para compensar carências materiais graves. O que é injusto e insensato.

Dá um exemplo. Vejam esta «escola yehudi Menhuin». Nela só entram jovens altamente dotados. A seguir-se o critério da assistência, o ensino aqui seria ministrado aos menos aptos, exactamente para compensar as carências de talento...

Não é justo ser pobre, miserável, desempregado? Pois não – conclui o Friedman paranóico – também não é justo ser cego e há quem seja cego de nascença...

Avança para outro exemplo: a roleta. Quem ganha, ganha, quem perde, perde. Se, no fim, se distribuísse o dinheiro por todos igualmente, a roleta deixava de ter interesse, ninguém jogaria mais...

Para ele, só há um incentivo: o dinheiro. As pessoas só trabalham para ganhar mais. Mostra-nos um sujeito que descobriu o processo de absorver o petróleo derramado no mar. Ele está-se marimbando para os benefícios do invento, para o seu significado social: o que ele quer é ganhar dinheiro, aquilo vai dar-lhe um balúrdio de dólares!

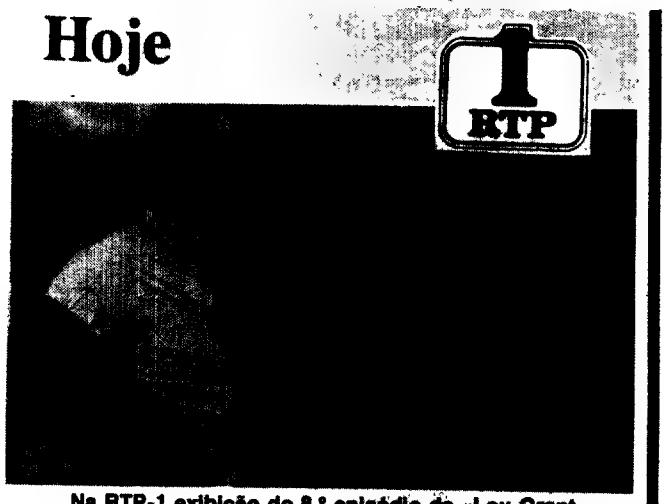
Reparem neste jovem. Quer ser jogador de golfe, mas não tem dinheiro: emprega-se num clube de golfe, onde o trabalho é muito duro, mas onde poderá jogar nas horas vagas. As facilidades, a protecção dos talentos, o valor social do trabalho? Férias, «isso é na Rússia». O ideal de vida é nos Estados Unidos e em...Hong-Kong...

Reparem também nos países do Terceiro Mundo: os mais prósperos são aqueles onde se instalou...o capitalismo. Ninguém lhe cita Cuba, mas citam-lhe o Chile. Diz ele que no Chile agora, sob a Junta, se vive muito melhor...

Não, não é demasiado. Como se não bastasse, lá vem o Popeye dar uma ajuda preciosa à desgraça mental, o Popeye, a toda a hora o Popeye, a toda a hora de todos os dias, de todos os meses, o Popeye, o Popeye e os espinafres e a Olívva Palito e o Brutus e o cachimbo e o «sailor man», o Popeye rouco e os popeyezinhos esganiçados, o Popeye socorrista da RTP, o Popeye, ah, pelo amor de Deus, parem com o Popeye dentro da minha cabeça, se não...

Se não, como uma porção de espinafres e vai tudo raso.

Hoje



Na RTP-1 exibição do 8.º episódio de «Lou Grant»

17.00 **Taça dos Campeões Europeus Femininos de Basquetebol** – transmissão directa do Pavilhão da Tapadinha do jogo da 1.ª mão da 1.ª eliminatória entre o CIF e Southgate College.
18.30 **Tempo dos Mais Novos**
19.00 **País, País**
19.25 **«Pantera Cor-de-Rosa»**
19.45 **TV Motor**
20.25 **O Tempo**
20.30 **Telejornal** – noticiário alargado.
21.00 **Direito de Antena** – Movimento dos Pequenos e Médios Comerciantes e Industriais.
21.05 **Benny Hill** – bom humor e muitas canções.
21.55 **«Lou Grant»** – 8.º episódio. Intérpretes: Linda Kelsey, Cliff Potts, Edward Asner e Mason Adams. Realização: Roger Young.
22.45 **Último Jornal** – breve resumo noticioso.

António Lopes Ribeiro (na foto), apresenta esta noite na rubrica Museu do Cinema o filme «O Destino»

19.00 **País, País**
19.25 **Museu do Cinema** – «O Destino».
19.55 **«Sítio do Picapau Amarelo»**
20.30 **Informação/2**
21.00 **«Histórias de Gangsters»** – intérpretes: Walter Matthau e Carol Grace. Realização: Walter Matthau.

Amanhã

13.00: Primeiro Jornal; **13.30**: «Veterinário da Província»; **14.30**: Animais do Mundo; Das 15.00 às 17 Ciclo Preparatório TV; **18.30**: Tempo dos Mais Novos; **19.00**: País, País; **19.30**: Desenhos Animados; **20.00**; Gato por Lebre; **20.25**. O Tempo; **20.30**: Telejornal; **21.00**: Direito de Antena – com a Associação dos Professores de Alemão; **21.05**: Superestrelas – com Baryshnikoff; **22.00**: «A Balada de Hill Street»; **23.00**: Último Jornal.

19.00: País, País; **19.30**: Estúdio Aberto; **20.00**: O Homem Aranha; **20.30**: Informação/2; **21.00**: Imagem das Letras; **21.30**: «Fantomas» – último episódio; **23.00**: Concerto – com o pianista Cláudio Arran.

CÚSCUS
E
OUTRAS ESPECIALIDADES
12 - 15 h. 20 - 23 h.
CAVÔ
BAR RESTAURANTE
RUA PROF. GOMES TEIXEIRA, 11-C
TELEF. 600481

COMUNA TEATRO DE PESQUISA
sexta e sabado às 21,30h
A VIAGEM 7.º MÊS
TEXTO HELDER COSTA
ENCENAÇÃO JOÃO MOTA
sexta e sabado às 23.30 h
NAO FUI EU... FORAM ELES! 3.º MÊS
no espaço de
CAFE-TEATRO
· SERVIÇO DE BAR ·
praça de espanha
tel. 76 26 24
ÚLTIMAS ★ ATÉ FIM DE OUTUBRO

CRISTINA SOUSA DE MENEZES MARCELLIN CHAMBICA DE AZEVEDO GOMES

CONFORTADA COM OS SACRAMENTOS DA SANTA MADRE IGREJA

Os filhos Ana Maria, Fernanda Benedicta, Maria do Carmo, António Manuel e João Paulo, Nora, Genros, Netos, Bisnetos e Cunhada, cumprem o doloroso dever de anunciar o passamento com a veneranda idade de noventa e um anos de sua Mãe, Sogra, Avó, Bisavó e Cunhada, Viúva da saudosa Figura do democrata, Prof. universitário e ministro da I República Mário de Azevedo Gomes. Por sua intenção será celebrada missa do 7.º dia na Igreja Paroquial da Parede, sexta-feira 8 pelas 18h 30.

GRUNDIG
a segurança de um grande nome seleccionou para si...
1 RTP «Lou Grant» (21.55)
2 RTP «Histórias de Gangsters» (21.00)
...e sugere para hoje
1 RTP
LOU GRANT
8.º episódio
Billie vai fazer uma reportagem e apaixona-se pelo jogador de «baseball» sobre quem estava a escrever um artigo referindo a sua fraca temporada.
Entretanto, no «Tribune», surgem uma série de problemas a par de uma notícia relacionado com um escândalo que envolve uma poderosa empresa...
Argumento de Michele Gallery. Realização de Roger Young. Personagens e Intérpretes: Lou Grant Edward Asner; Joe Rossi, Robert Walden; Billie Newtman, Linda Kelsey; Charlie Hume, Mason Adams; Ted McCoovey, Cliff Potts; Clare Eve McVeagh.
ASSISTÊNCIA TÉCNICA GRUNDIG
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça, 17 Cruz Quebrada Telef. 2112871

roteiro cultural

Música

As III Jornadas de Música Antiga, promovidas pela Fundação Gulbenkian, têm hoje início, às 18.30, no Palácio da Ajuda, com um recital do cravista Gustav Leonhardt. No programa: música francesa dos séculos XVII e XVIII. Amanhã à mesma hora, no Grande Auditório, Gustav Leonhardt interpreta um programa inteiramente dedicado a João Sebastião Bach.

Teatro

A mostra de teatro amador «XII Aniversário da CGTP-IN», que tem estado a decorrer no Auditório do Sindicato do Comércio e Serviços (R. Almirante Barroso, 3, em Lisboa) prossegue amanhã, às 21 horas, com a apresentação de «A Visita de Sua Excelência», de Luís Francisco Rebelo, pelo Grupo de Teatro Amador da Sociedade Portuguesa de Autores. No sábado, às 15 horas, o TÁSIA-Teatro Amador de Santa Iria da Azóia – representa a peça «Povoação vende-se», de Andres Lizarraga; às 21 horas, será a vez do GOTA – Grupo Oficina de Teatro Amadores – apresentar «Os Emigrantes», de Slawomir Mrozec. O programa de domingo compreende, às 11 horas, a peça infantil «Ti Mestre Pinguinhas», de Fernando Lobo, pelo Grupo de Teatro do Centro Cultural Roque Gameiro, e às 17 a peça «Soldados», de Fernando Reys, pelo GOTA.

Geraldo Tuché em «Agora vou mostrar-te o hipopótamo», espectáculo que estreia hoje na Comuna

«Agora vou mostrar-te o hipópotamo» é o título do espectáculo que nesta 5.ª feira fará a sua estreia na sala dois da Comuna, com interpretação de Geraldo Tuchê, e que foi criado em parceria com José António Gouveia. Hoje, amanhã e no sábado, às 22 horas, e no domingo às 18.30 serão as sessões de «lançamento». Depois manter-se-á todas as quintas, sextas e sábados às 22 horas no mesmo local.

Cinema

A Cinemateca Portuguesa está a organizar semanalmente, às quintas-feiras, um «Econtro com o Cinema Português», que tem lugar na sala Dr. Félix Ribeiro, anexa à sua sede, (R. Barata Salgueiro, 39), pelas 18 horas. O calendário do mês em curso é o seguinte: hoje, «A Canção da Terra» (1938), de Jorge Brum do Canto; dia 14, «Mulheres da Beira» (1921), de Rino Lupo; dia 21, «Maria» (1979), de João Mário Grilo; dia 28, «Nazaré» (1952), de Manuel Guimarães.

No AR.CO começa hoje um cilco de cinema francês que se prolongará até 11 de Dezembro, com sessões às 21.45 horas. Neste fim-de-semana (hoje, amanhã e no sábado) será exibido «Les Dames du Bois de Boulogne» (1944) de Robert Bresson.

Exposições

Manuel Baptista inaugurou ontem na Galeria de Arte Moderna da Sociedade Nacional de Belas Artes uma exposição de pintura/colagem que ficará patente ao público até dia 17.

Uma exposição de desenhos denominada «Casas com molduras», do arquitecto Manuel Graça Dias foi ontem inaugurada, numa das salas da cooperativa de actividades artísticas «Árvore», do Porto.

O certtame, que apresenta 20 desenhos, é organizado pela «Árvore» e poderá ser visitado até ao dia 20. Nascido em 1953, em Lisboa, Graça Dias licenciou-se em arquitectura pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa, onde também cursou pintura. Mais tarde, tirou o curso de cinema no Conservatório Nacional, colaborou em diversas publicações e participou em mostras nacionais e estrangeiras. A partir de 1978, e durante três anos, chefiou o departamento gráfico do Atelier de Arquitectura de Macau. Simultaneamente, numa outra sala da «Árvore» continua patente até ao dia 17, uma exposição de Renée Gagnon, denominada «Musseques». Ainda naquela cooperativa, poderá ser visitada até ao dia 12, uma mostra com cerca de 40 desenhos de cinema de animação belga. No âmbito desta exposição, serão exibidos a partir do dia 8 (à tarde e à noite) filmes de animação da Bélgica, cedidos pelo Ministério da Cultura daquele país, alguns dos quais recentemente apresentados no Festival de Cinema da Figueira da Foz.

Melício, jovem escultor, pintor, ceramista e desenhador expõe na Sala Camões da Sociedade de Língua Portuguesa uma colecção de trabalhos que intitula «desenhos à pena, esculturas em ferro». A mostra encerra amanhã e pode ser visitada das 13 às 19.30.

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA E EXPORTAÇÃO

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Sardoal, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República» o projecto apresentado, pela Federação de Municípios do Ribatejo, a que se refere o Processo 8/44 162, Arquivo 9101, para o estabelecimento, no Concelho de Sardoal, da linha aérea a 6kV com 1887 metros, do poste n.º 10 da linha para o Posto de Transformação 5 de Casal Velho ao Posto de Transformação 16 de Venda Nova.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 20 de Agosto de 1982.

PI'o DIRECTOR DE SERVIÇOS

António Martins Carvalho

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
BANCO FUNDADO EM 1864
PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DAS NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	69$70	74$70
ALEMANHA FED. (marco)	34$50	35$60
ÁUSTRIA (xelim)	4$80	5$00
BÉLGICA (franco)	1$616	1$816
BRASIL (cruzeiro)	$146	$396
CANADÁ (dólar – notas de 1 e 2)	70$85	72$85
(notas de 5 a 1000)	71$35	73$35
DINAMARCA (coroa)	9$85	10$25
ESPANHA (peseta)	$729	$829
EUA (dólar – notas de 1 e 2)	87$80	89$80
(notas de 5 a 1000)	88$30	90$30
FINLÂNDIA (marka)	17$30	17$90
FRANÇA (franco)	12$20	12$90
HOLANDA (florim)	31$55	32$55
INGLATERRA (libra)	149$40	153$40
IRLANDA (libra)	118$10	122$10
ITÁLIA (lira)	$056	$066
JAPÃO (iene)	$291	$326
NORUEGA (coroa)	12$50	13$00
SUÉCIA (coroa)	13$90	14$50
SUIÇA (franco)	40$05	41$15
VENEZUELA (bolivar)	18$20	19$20

Observações:
1 – **No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.**
2 – **Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.**

STAR TURISMO VIAGENS
UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO
Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimão Madeira e Açores

rádio

Antena Um

17.00: Ovo de Colombo; **19.00**: Música; **20.00**: Programa da noite; **20.15**: «Os Emigrados», de Judith Navarro; **21.00**: A viver também se aprende; **21.30**: Livre e directo; **23.00**: Actualidade – travessia; **23.30**: Último jornal. Noticiários intercalares às **16.00**, **17.00**, **18.00**, **21.00** e **22.00** horas.

Programa 2

15.30: Que quer ouvir?; **17.00**: Os olhos férteis; **17.30**: Sinfonia n.º 7, em si bemol maior, de Schubert; **18.05**: Requiem, em ré menor, K. 626, de Mozart; **19.00**: Para além da leitura; **19.45**: Solos de viola dedilhada; **20.10**: Música de tecla; **21.00**: Mesa-redonda; **22,30**: Sinfonia «Romeu e Julieta», op. 17, de Berlioz; **00.10**: Quinteto, op. 39, de Prokofieff; **00.30**: Intérpretes portugueses; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

Rádio Comercial (283, 290 e 397m)

14.03: Matinéa; **15.45**: Teatro trágico; **17.03**: Ora hora; **20.03**: Tempo de espectáculos; **20.30**: Quando o telefone toca; **22.30**: Tempo de desporto; **23.03**: 24.ª hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

16.03: Rock em stock; **18.03**: Círculo em FM; **19.03**: Em órbita; **20.03**: Discoteca; **21.03**: Abandajazz; **22.03**: Café concerto. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
OM e FM de Lisboa

16.00: Aqui e agora; **17.00**: Jornal da mulher; **18.15**: Igreja em notícia; **18.20**: Palavra do dia; **18.30**: Transmissão do terço; **19.03**: Programa da LAR; **20.00**: Dê no vinte; **21.00**: Quando o telefone toca; **21.30**: Pentagrama; **22.00**: Diálogo e vida; **22.30**: Máquinas ao vivo; **23.55**: Meditando. Noticiários intercalares às **16.00**, **17.00**, **21.00** e **22.00** horas.

Onda Média de Muge e Porto

Programa igual ao de OM e FM de Lisboa, excepto nos seguintes casos: **16.00**: Todos à uma; **21.00**: Programas culturais, **21.30**: Via Láctea

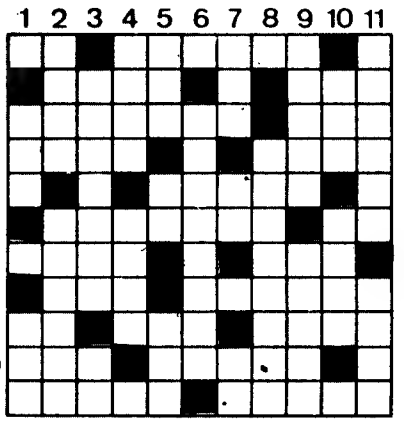
Tiragem media diária do mês anterior: **43 493** exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 13 546

HORIZONTAIS:

1 Artigo definido. Descendentes.
2 Rio dos Estados Unidos. Cidade dos Países Baixos.
3 Carimbasse. Lista.
4 Pernadas de sobreiro. Roo.
5 Poisa no mar (o avião).
6 Península da Rússia meridional, no mar Negro, ligada à parte continental pelo istmo da Perécope, entre o mar Negro e o mar de Azov. Post-scriptum.
7 Cantiga. Piedosa.
8 Tempo do verbo ir. Conduziria para cá.
9 Manuscrito. Preposição. Morada.
10 Joeira. Queimar.
11 Pequenos barcos de recreio. Guarneceis de asas.



VERTICAIS:

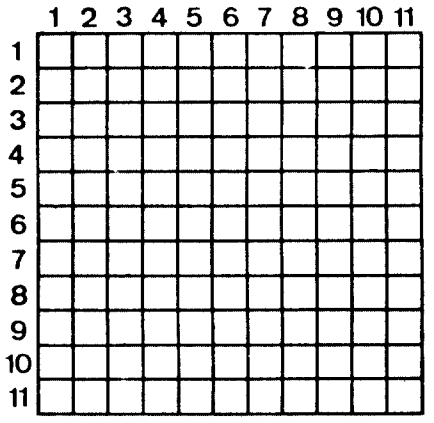
1 Saudável. Artigo definido. Muito.
2 Costumar. Penacho.
3 Satisfação. Antigo Testamento.
4 Vendes a crédito. Uma das mais antigas divindades da Índia, deus da justiça e da morte.
5 Uma das Cíclades. Antes do meio-dia. Bigorna de aço sem astes.
6 Causas. (fig).
7 Língua banto, falada na região N. E. do lago Niassa. Nesse lugar. Apelido.
8 Burlas.
9 Trabalha de noite. Indignara.
10 Combinação da preposição de com o artigo ou pronome os os. Progenitores.
11 Nome de frutos. Árvore cuja casca é empregada como adstringente.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9406

HORIZONTAIS:

1 Cap. do Alasca. Filho de Jacó e de Raquel.
2 Cidade da URSS. Variedade de granada, que é pedra preciosa. (pl).
3 Relata. Tempo do verbo haver.
4 Espaço de doze meses (inv). Crimonosa. Aqui.
5 Pronome pessoal. Que têm calos.
6 Venerados.
7 Guarneço de asas. Prefixo de negação. Letra grega.
8 Naipe das cartas de jogar. Botequim.
9 Letra grega. Abreviatura de Santíssimo. Nota musical.
10 Tabernas. Preposição e artigo.
11 Rezas. Cidade de Itália.



VERTICAIS:

1 General francês ajudante-de-campo de Bonaparte que tomou Lisboa em 1807. Parte do Mediterrâneo que se estende entre o sul da Itália e a Grécia.
2 Soberba.
3 Cidade do Japão. Caraça.
4 Casebres.
5 Pomposas.
6 Interjeição designativa de dor, espanto, surpresa ou repugnância. Rei de Israel. Centiare.
7 Detestáveis.
8 Político norte-americano que foi presidente dos EUA depois de o assassínio de J. F. Kennedy. Abreviatura de Santíssimo Sacramento.
9 Capa sem mangas. Ósmio (sq).
10 Isolado. Césio (s.q). Gigante da última geração, casado com Estige. (pl. Mit).
11 Pronome demonstrativo. Tempo do verbo vir.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 545

HORIZONTAIS:
1 PREGAR NO
2 Sorrias. Apá.
3 Iara. EE. Ué!
4 Samarra. Rs.
5 Tapam Ada
6 Ecara Ardil
7 Sento Ida
8 Em Mão Or.
9 Refogaram.
10 Ta Siret. Bo
11 Osa Oásicos.

VERTICAIS:
1 Psi. DESERTO.
2 Roas. Mães.
3 Erratas.
4 Gramaremos
5 Aí. Apanágio
6 Raer Toara.
7 SERMÃO Res
8 Bati
9 Oau Adi
10 PERDIDO Bo
11 Aa Salários

SOLUÇAO DO PROBLEMA N.º 9405

HORIZONTAIS:
1 Delfim. CMII.
2 Elias. Árido.
3 La Marmotos.
4 Cobaia.
5 Ta! Seus. Cod.
6 Real Tosse
7 Dais Com
8 Ema. Sinal.
9 Lê Maroto
10 Os Al. Sinos.
11 Atol Ras

VERTICAIS:
1 Delft. Deios.
2 Ela. Arames
3 Li. Eia!
4 Famosas Mat
5 Isabel. Calo.
6 Rau.
7 Amistosos.
8 Croa Omitir
9 Mit. Cs Nona.
10 Idosos Os
11 Dellys

Provérbio: PREGAR NO DESERTO, SERMÃO PERDIDO.

cartaz de cinemas e teatros

abCINE 803055
Centro Comercial de Alvalade

SALA A

Às 14.30, 16.30, 18.30, 21.30 e 23.45
– Int. men. 13 a.
OS AMIGOS DA ONÇA

SALA B

Às 14.45, 17.30, 21 e 23.30
– Int. men. 13 a.
VOANDO SOBRE UM NINHO DE CUCOS

ALVALADE 897480
Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

FESTIVAL DISNEY DE VERÃO
9.ª Semana
– Para Todos

APOLO 763319
Av. Júlio Dinis, 10-A
Às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24
– Int. men. 13 a.
MISSING (DESAPARECIDO)
c/ Jack Lemmon, Sissy Spacek e Melanie Mayron
7.ª Semana

AVIS 547163
Av. Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
RAIVA SILENCIOSA
1.ª Semana

BERNA 776098
Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
A GUERRA DO FOGO

CALEIDOSCÓPIO 795093
Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Para Todos
JERRY, PRIMEIRO TURISTA NO ESPAÇO

CASTIL 530194
Rua Castilho

As 15.30, 18.30 e 21.30
UM PENDURA DOS DIABOS
2.ª Semana
Amanhã às 24
OS PROFISSIONAIS

CINE 222 579460
Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)
Às 14, 16.30 e 21.30
ESPLENDOR NA RELVA
– Int. men. 13 a.
10.ª Semana
As 24
TRÊS DIABOS

CINEBOLSO 573407
R. Actor Taborda, 27-B

Às 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– Int. men. 18 a.
CARIMBE-ME SR. CARTEIRO
Às 24 – Int. men. 13 a.
O UIVO DA FERA

CINE BLOCO 556824
Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
AS CONFISSÕES DE WANDA MASOCH
Às 24
A FRONTEIRA

CINE CAMÕES 324194
Rua do Loreto, 15

Às 14, 16.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
A FORÇA DA RAZÃO

CONDES 322523
Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
CONAN E OS BÁRBAROS

EDEN 320768
P. dos Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
A GUERRA DO FOGO

ESTÚDIO 555134
Alam. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30
A ESPADA E O FEITICEIRO
6.ª Semana

ESTÚDIO 444 779095
Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30 e 21.30
UM PENDURA DOS DIABOS

IMPÉRIO 555134/5
Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30
CONAN E OS BARBAROS
– Int. men. 13 a.
2.ª Semana

LONDRES 801313
Av. de Roma, 7-A
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
A CASA DO LAGO
13.ª Semana
Sábado às 24
O EXPRESSO DE CHICAGO

LUMIAR 79 52 96
Calçada de Carriche, 38

Encerrado para férias em 1/6/82

MONTECARLO 681117
Av. Pedro Alvares Cabral, 37

Às 15.30 e 21.30 – Para Todos
OS DOIS MISSIONÁRIOS

MONUMENTAL 555131
P. Duque de Saldanha

Às 15.15, 18.15 e 21.30
– Int. men. 13 a.
O DRAGÃO DO LAGO DE FOGO
2.ª Semana

NIMAS 574362
Av. 5 de Outubro, 42-B
Às 14, 16.15, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
OS ANOS DE CHUMBO
Um filme de Margarethe Von Trotta
Às 23.45
FRANCESCA

ODEON 328283/4
R. Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
OS 3 INDOMÁVEIS MALUCOS

PATHE 821933
R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
JUVENTUDE DE UMA RAINHA

ANNEMARIE DURINGER numa cena do filme «A SAUDADE DE VERONIKA VOSS» realizado por FASSBINDER, a exibir brevemente no QUARTETO.

QUARTETO 771378
R. Flores de Lima, 16

SALA 1

Às 15, 17, 19, e 21.30
EXIT 7
– Int. men. 13 a.

SALA 2

Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
– Int. men. 13 a.
TRAGÉDIA DE UM HOMEM RIDÍCULO
de Bernardo Bertolucci

SALA 3

Às 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
– Int. men. 13 a.
ATLANTIC CITY, USA
de Louis Malle

SALA 4

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
NOITES ESCALDANTES

ROMA 887778
Av. de Roma, 14 M-N

Estreia às 15, 17 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
CAMPEÃO DE LOTARIA
1.ª Semana

ROXY 548560
Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

– Int. men. 13 a.
A TURMA DOS MALANDROS
5.ª Semana

S. JORGE 579144-579344
Av. da Liberdade, 175

S. JORGE SALA 1

Às 15.15, 18.30 e 21.30
– Int. men. 13 a.
ROCKY III
c/ Sylvester Stallone e Talia Shire
5.ª Semana

S. JORGE SALA 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.45
– N. ac. men. 13 a.
A AMANTE DO TENENTE FRANCÊS
c/ Meryl Steer e Jeremy Irons
41.ª Semana

S. JORGE SALA 3

Às 13.45, 17.30 e 21.15
REDS
c/ Warren Beatty e Diane Keaton
27.ª Semana

SATÉLITE 562632
Av. Fontes Pereira de Melo, 61

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
NIJINSKY
2.ª Semana

7.ª ARTE 730715
Av. República, à Est. de Entre Campos Junto ao n.º 68

Às 14.45, 17, 19.10, 21.30 e 23.30
– N. ac. men. 13 a.
ROCKY III
2.ª Semana
Domingo às 11.15
FESTIVAL PANTERA

STAR 804210
Av. Guerra Junqueiro, 14-C
Às 15, 18.15 e 21.30
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
– N. ac. men. 13 a.
5.ª Semana

TERMINAL 371573
Estação do Rossio

Às 21.30 e 23.30 – N. ac. men. 18 a.
NOITES ESCALDANTES
4.ª Semana

TIVOLI 570595
Av. da Liberdade, 188

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
PORKY'S
Int. men. 13 anos
11.ª Semana

VOX 880808
Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

Às 14.30, 18 e 21.30
UNS E... OS OUTROS
– N. ac. men. 13 a.
51.ª Semana

XENON 368480
Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.45, 19 e 21.30

NIJINSKY
2.ª Semana

outros cinemas

Lisboa

ALFA 1 – «Porky's», às 21.30 (13 anos)
ALFA 2 – «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.30 (13 anos)
ALFA 3 – «Missing», às 21.30 (13 anos)
2000 – «O Quebra- Ossos», às 21.30 (13 anos)
POLITEAMA – «Raiva Silenciosa», às 21.30 (18 anos)
CITY CINE – «Táxi Driver», às 21.30 (18 anos)
MUNDIAL – «A Guerra do Fogo», às 21.30 (13 anos)
CAPITÓLIO – «Sexo Infernal», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
RESTELO – «Os Novos Monstros», às 21.30 (13 anos)
OLÍMPIA – «A Magia do Prazer», sessões permanentes (18 anos)
PÁTRIA – «Empresta-me a Tua Mulher», às 21.30 (18 anos)
PROMOTORA – «O Pacto da Aventura», às 21.30 (13 anos)
ROYAL – «O Boxeur de Xangai», às 21.30 (18 anos)

Linha de Cascais

PAREDE – Royal-Cine – «E a Recompensa Chegou», às 21.15 (13 anos)
ESTORIL – Casino – «Porky's», às 17.00 e 21.15 (13 anos)
CASCAIS – Oxford – «O Regresso do Carocha», às 21.30 (13 anos)

Linha de Sintra

DAMAIA – D. João V – «O Mestre do Kung Fu», às 21.30 (18 anos)
AMADORA – Cine-Plaza – «Porky's», às 21.30 (13 anos)
AMADORA – Lido – «Frutos da Paixão», às 21.30 (18 anos)
AMADORA – Cinestúdio – «Blue Jeans» (Parte II) (18 anos)
CACÉM – Cine-Estúdio Flores – «Keoma», às 21.30 (13 anos)
SINTRA – Carlos Manuel – «Sempre Te Amei», às 21.30 (13 anos)
MEM MARTINS – Cine-Chaby – «Motos Diabólicas», às 21.30 (18 anos)

Outra banda

ALMADA – Cine-Almada – «As Novas Diabruras de Herbie», às 21.30 (6 anos)
ALMADA – Incrível – «Soldados e Garotas», às 21.15 (13 anos)
TRAFARIA – Pavilhão Jardim – «24 Horas em Munique», às 21.15 (13 anos)
COSTA DE CAPARICA – Silcine – «Bye, Bye, Brasil», às 21.45 (18 anos)
SETÚBAL – Júpiter – «Os Repetentes em Férias», às 21.15 (13 anos)

Porto

TERÇO – «O Avarento», às 21.30 (13 anos)
VALE FORMOSO – «Festival Disney de Verão», às 21.30 (6 anos)
BATALHA – «Banana Joe», às 21.45 (13 anos)
RAIONE – «Par ou Impar», às 21.30 (13 anos)
PEDRO CEM – «A Homenagem», às 21.30 (13 anos)
ESTÚDIO – «Kinara», às 21 30 (13 anos)
OLÍMPIA – «Os Traidores», às 21.30 (18 anos)
SÁ DA BANDEIRA – «Casais Infiéis», as 21.30 (18 anos)
COLISEU – «A Guerra do Fogo», às 21.30 (13 anos)
SÃO JOÃO – «O Dragão do Lago de Fogo», às 21.30 (13 anos)
JÚLIO DINIZ – «O Terror do Far-West», às 21.30 (13 anos)
PASSOS MANUEL – «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.45 (13 anos)
RIVOLI – «O Conan e os Bárbaros», às 21.30 (13 anos)
TRINDADE – «Os Amigos da Onça», às 21.30 (13 anos)
BEBÉ – «Rocky III», às 21.45 (13 anos)
CHARLOT – «Conan e os Bárbaros», às 21.30 (13 anos)
FOCO – «Missing», às 21.30 (18 anos)
SÁ DA BANDEIRA – «Caixinha de Prazeres», às 21.30 (18 anos)
ÁGUIA – «Os Cinco Lutadores de Shaolin», às 21.30 (18 anos)
LUMIÈRE-A – «A Mulher do Lado», às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE-L – «Os Repetentes em Férias», às 21.45 (13 anos)

farmácias

Lisboa

PERMANENTE

ALCÂNTARA: Probidade, R. de Alcântara, 15-A-B (T. 638589); **AMOREIRAS – ESTAÇÃO CARRIS: Ivone**, R. Silva Carvalho, 232-C (T. 650760); **AVENIDA ALMIRANTE GAGO COUTINHO: Estados Unidos**, Av. Estados Unidos da América, 16-B (T. 885859); **CHILE – ARCO CEGO: São Jorge**, L. do Leão, 3-A-B (T. 534027); **GRAÇA: Almeida Dias**, L. da Graça, 38-39 (T. 862909); **LARGO DO CAMPO PEQUENO: Miranda**, L. Campo Pequeno, 36-B-C (T. 770776); **LUMIAR: Central do Lumiar**, Al. das Linhas de Torres, 254-B (T. 798063); **OLIVAIS VELHO: Olivais**, R. Alves Gouveia, 19 (T. 311237); **PALHAVÃ: Curie**, Av. Madame Curie, 15-A (T. 778439); **RESTELO - ALGÉS: Ocidental**, R. D. Jerónimo Osório, 18-D (T. 610256); **ALGÉS: Cabrita**, Parque Residencial Miraflores, lote 12 (T. 2101486); **BRANDOA: Brito**, R. do Colégio, lote 32-B (T. 993351); **ODIVELAS - PATAMEIRAS: Amaral**, R. Antero de Quental, 8-8-A (T. 925455).

REFORÇO

AJUDA: Lopes Ribeiro, R. do Cruzeiro, 117 (T. 633288); **ALAMEDA - FONTE LUMINOSA: Ibéria**, R. Barão de Sabrosa. 235-235-A (T. 888277); **ALVALADE: Alvalade**, Av. da Igreja, 18-A (T. 892070); **ANJOS - LISBOA GINÁSIO CLUBE: São José**, R. dos Anjos, 41-A (T. 570730); **BAIXA: Internacional**, R. do Ouro, 228-230 (T. 360203); **BENFICA - CHARQUINHO: Macedo**, R República da Bolívia, 69-C (T. 703697); **ESTRELA - POSSIDÓNIO DA SILVA: Tagus**, R. Possidónio da Silva, 162-A (T. 669485); **LAPA - SANTOS: Eduardo A. César**, R. das Trinas, 102-A (T. 662631); **MADRE DE DEUS - POÇO DO BISPO: Grijó**, R. do Grilo, 25 (T. 385264); **SALDANHA: Cruz Nunes**, P. Duque de Saldanha, 14-15 (T. 41845); **PONTINHA: Cruz Correia**, E. Santo Elói, 41-A (T 992453); **BURACA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. Açores,11-A (T. 910305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. Prioras (T. 2519939).

Linha de Cascais

TIRES: Guimarães, L. Duartes, lote A-r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. João P. Correia, 40-B (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**. Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Trindade Brás**, R. Costa Pinto, 184 (T. 2432034). Permanente; **OEIRAS: Godinho**, R. Cândido dos Reis, 98 (T. 2430090). Até às 22 horas; **CARCAVELOS: Vilar**, Av. Maria da Conceição, lote 8 (T. 2470777) Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, Av. Sabóia, 29-B (T. 260085). Até às 22 horas; **PAREDE: Brandão**, Av. da República, 77-C (T. 2471054). Permanente; **MURTAL: Primavera**, R. das Parreiras, 2 (T. 2472278). Até às 22 horas; **SASSOEIROS: Amaral Sembiano**, Quinta das Encostas. Até às 22 horas; **MADORNA: Madeira**. Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anj. (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Ostende**, R. de Espinho, 1 (T. 260391). Até às 22 horas; **CASCAIS: A. Costa**, R. Freitas Reis, 24-C (T. 280214). Permanente.

Linha de Sintra

AMADORA: Jardim, Av. Conde de Oeiras, 120, Reboleira (T. 938424). Permanente; **Confiança**, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (T. 938149). Até às 22 horas; **DAMAIA: Confiança**, R. Bartolomeu Dias, lote D (T. 9710231). Até às 22 horas; **QUELUZ: Serra & Pinto**, Av. D. António C. Sá, 50-GE (T. 957619). Até às 22 horas; **CACÉM: Araújo e Sá**, E. de Paço de Arcos, lote 1-B (T. 2940781). Permanente; **MEM MARTINS: Miranda Garcia**, E. Mem Martins, 173 (T. 2914103). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 2915275). Das 9 às 13 e das 15 às 21 horas; **RIO DE MOURO: Riomouro**, Av. Óscar Monteiro Torres, 8 (T. 2960194). Das 9 às 23 horas; **SINTRA: Misericórdia**, Vila (T. 2930391). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 299088).

Outra banda

ALMADA: Cristo Rei, Av. do Cristo Rei, 31 (T. 273498). Até às 22 horas; **COVA DA PIEDADE: Cerqueira**, L. 5 de Outubro, 18 (T. 270254). Permanente; **LARANJEIRO: Feijó** (T. 2490911). Até às 22 horas; **COSTA DE CAPARICA: Higiénica**, Av. da República (T. 2400020). Até às 19 horas; **BARREIRO: Higiene**, R D. Manuel I, 176 (T. 2073217). Permanente; **SETÚBAL: Bonfim**, Av. Rodrigues Manito. 12. Permanente; **Marques**, R. Arronches Junqueiro, 109. Até às 22 horas.
SESIMBRA: Lopes, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028); **AMORA: Nobre Guerreiro**, R. Dr. Emídio G. Mendes, 214 (T. 2212923); **SEIXAL: Alves Velho**, L. Camões, 27, Torre da Marinha (T. 2211132). Até às 22 horas; **MONTIJO: Moderna**, R. Bulhão Pato, 60 (T. 2310156); **MOITA: Silva Rocha**, P. da República, 16 (T. 239029); **ALHOS VEDROS: Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 204250); **ALCOCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137).

LOURES: Seraiva, Av. da República, 86 (T. 2530027). Permanente; **MOSCAVIDE: Santa Bárbara**, R. Francisco M. Beato, 75 (T. 2518918). Até às 22 horas, **SACAVÉM: Lourenço**, R. Almirante Reis, 31 (T. 2518151). Permanente, **CAMARATE: Batalha** (T 2518669). Até às 19 horas.

Porto

DE DIA E SÓ ATÉ ÀS 22 HORAS

HERCULANO, R. Alexandre Herculano, 384; **TERREIRO**, R. da Reboleira. 21; **BARROS**, R. do Bonjardim, 1292; **VITÓRIA**, R. de São Roque da Lameira, 756; **MAIA**, R. do Campo Alegre, 192

DE DIA E TODA A NOITE

PEREIRÓ, R. da Preciosa, 35; **ORDEM DA TRINDADE**, R. Heróis e Mártires de Angola; **CARNEIRO BARBOSA**, R da Firmeza, 99-A; **DA AREOSA**, R. D Afonso Henriques, 1-5, Areosa; **MIRA PAULO**, R. Castelo de Numão, 37.

Coimbra

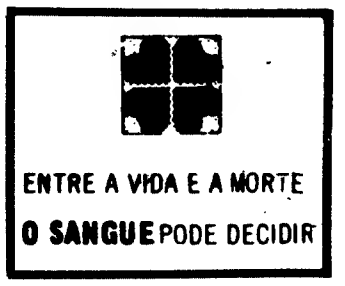
DAS 9 HORAS ÀS 9 DO DIA SEGUINTE

FIGUEIREDO, R. da Sofia, 107-109 (T. 22837); **DIAS FERREIRA**, Bairro da Solum (T. 72120)

teatros

Lisboa

MONUMENTAL – «Pai Precisa-se», às 21.30 (13 anos)
TEATRO ABERTO – «Oiçam como Eu Respiro», às 21.30 (18 anos)
MARIA VITÓRIA – «Sem Rei Nem Rock», às 20.30 e 22.45 (18 anos)
MARIA MATOS – «O Meu Rapaz é Rapariga», às 21.45 (13 anos)
BAIRRO ALTO – «A Gaivota», às 21.30 (13 anos)



PORTE PAGO

PROPRIEDADE, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Serviços Técnicos e Publicidade:
RUA LUZ SORIANO, 44 – 1200 LISBOA
Telefones: 321154/5 – 320271/2/3
Publicidade: 368740
Agentes, Assinaturas e Contabilidade
Rua Castilho, 165-1.º – 1000 LISBOA
Telefones: 654531/2/3

Serviço de noite (depois das 21)
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3
Mensagens gravadas: 320229
Endereço telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL
Delegação do Porto:
Rua do Almada, 30-2.º – 4000 PORTO
Telefones: 20934/5

O TEMPO
MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
4.53	4,1 m	10.34	0,9 m
17.14	4,1 m	22.54	1,0 m
Dia 7			
5.33	4,0 m	11.17	1,1 m
17.58	3,9 m	23.38	1,2 m

TEMPERATURA DO AR ÀS 9 HORAS

V. DO CASTELO	14°
BRAGANÇA	10°
VILA REAL	10°
PORTO	13°
P. DOURADAS	4°
COIMBRA	12°
C CARVOEIRO	– °
PORTALEGRE	9°
LISBOA	16°
ÉVORA	13°
BEJA	13°
SAGRES	18°
FARO	16°
P. DELGADA	18°
FUNCHAL	20°

últimas

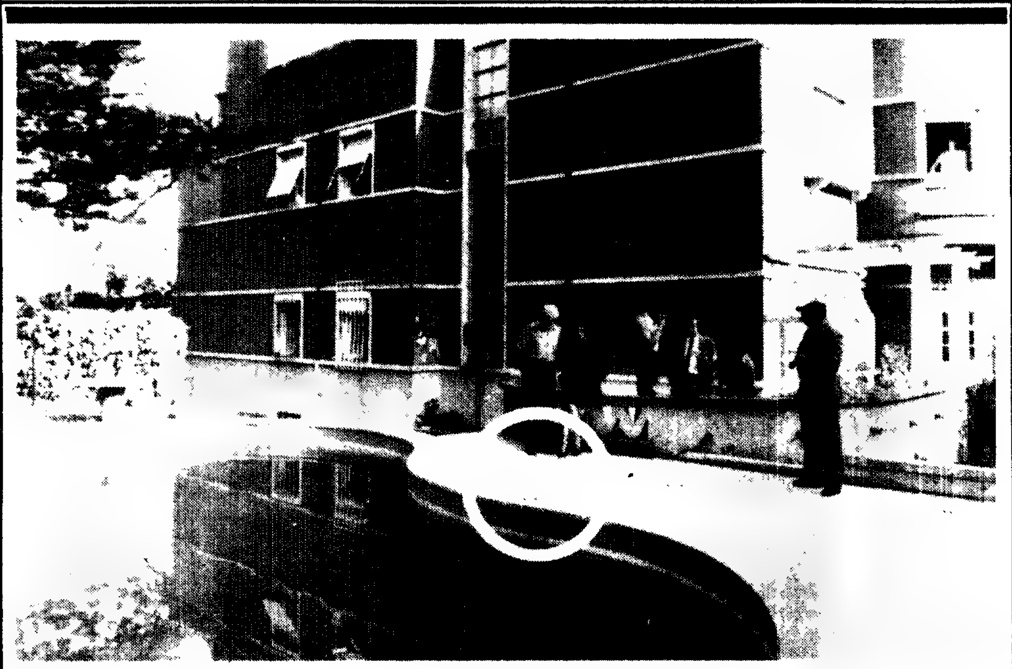
– A IMPLANTAÇÃO DA REPÚBLICA DE 1910, O 25 DE ABRIL E A SITUAÇÃO POLÍTICQ ACTUAL – Sob este título acima publicámos ontem, na página 3, um texto do brigadeiro Pedro Pezarat Correia. Um acidente de paginação prejudicou a leitura e entendimento do texto. Com efeito da 2.ª coluna, linha 54, salta-se para a 4.ª coluna, linha 18 A parte das colunas 2.ª, 3.ª e 4.ª, que é apresentada como a parte central do texto é, na realidade, a parte final e conclusiva. Do lapso pedimos desculpas aos nossos leitores e ao nosso colaborador e amigo brigadeiro Pedro Pezarat Correia.

UMA MÉDICA ITALIANA FOI VIOLADA, por três indivíduos que se fizeram passar por agentes da Polícia Judiciária. O caso ocorreu em 17 de Setembro, quando a vítima e o marido, de nacionalidade portuguesa se encontravaam acampados em Almada. Os «agentes» ofereceram-se para lhes dar boleia e ajudaram a levantar a tenda. Em Belverde, obrigaram o marido a sair e seguiram até ao Cabo cabo Espichel, onde armada a tenda a violaram, depois do que a despojaram de todos os valores calculados em cerca de 100 contos. Logo que se viu só conseguiu alertar as autoridades, tendo a Judiciária de Setúbal conseguido identificar um deles, preso pela PSP de Lisboa em flagrante de um roubo. De diligência em diligência, foi esta noite efectuada a última captura, estando já os três à ordem do Juiz de Instrução. São eles: Anastácio, de 32 anos, funcionário da Câmara de Almada, Godinho, de 32 anos, sem profissão e Carlos Pereira, de 30 anos, comerciante, com uma espécie de bar situado mesmo junto ao parque de campismo onde se efectuou a abordagem.

ASSALTO «RECORD» foi praticado no estabelecimento de mercearia situado na Rua Infanta Dona Isabel, 26, em Oeiras: dois indivíduos embuçados e armados, um deles de espingarda caçadeira com canos serrados, obrigaram o comerciante a entregar-lhes todo o dinheiro existentes em caixa – 360$00. Transportavam-se num automóvel BMW, de cor azul, ao volante do qual se manteve um terceiro indivíduo que arrancou após o roubo. Antes porém o proprietário do estabelecimento, João Rosa Diniz, seria agredido com a espingarda e alvejado a tiro, embora só de raspaão na testa. Não esperariam recolher uma receita tão insignificante.

A FORÇA AÉREA ANGOLANA interceptou na passada terça-feira três aviões sul-africanos que sobrevoavam posições das forças armadas angolanas na região de Cahama (provincia de Cunene) – revelou hoje a ANGOP, citando um porta-voz do Ministério da Defesa.

O GENERAL NIKOLAI CHAPOVALENKO, de 60 anos, morreu «no exercício das suas funções», anunciou hoje o jornal do exército soviético, «strela Vermelha».



O corpo do jovem afogado pouco depois de removido do fundo da piscina do CEPD

Jovem deficiente morre afogado numa piscina

Um jovem de 18 anos, António Maria Vilhena Gonçalves dos Santos, foi ontem encontrado morto na piscina da Clínica de Jovens do Centro de Estudo e Profilaxia da Droga, situada na Praça de Dio, no Restelo. Deficiente mental, António Maria estava internado há 9 anos no Colégio Ocupacional S. João Bosco, que ocupa uma moradia nas traseiras da referida clínica. Apesar de a autópsia não se ter ainda efectuado supõe-se que a morte do jovem deficiente tivesse sido causada por afogamento.

Segundo o Centro de Estudo e Profilaxia da Droga, o jovem António Maria teria entrado nas instalações da clínica durante a noite de terça para quarta-feira, sendo o corpo descoberto, na parte mais funda da piscina, na manhã de ontem. Do mesmo Centro informaram-nos que a identificação do corpo tinha sido fácil visto a Polícia ter sido já notificada do desaparecimento de António Maria pelo Colégio no qual se encontrava internado.

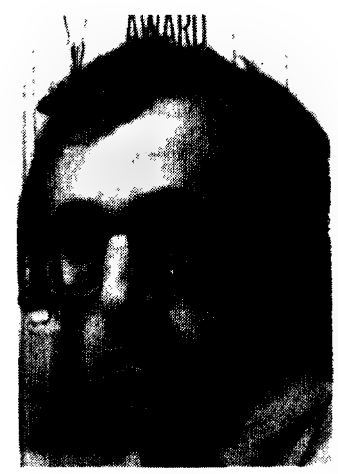
No entanto, a directora do Colégio Ocupacional S. João Bosco, Lurdes da Fonseca Dias, afirmou-nos esta manhã que tal versão não corresponde à realidade. Segundo ela o jovem deficiente teria ainda ontem almoçado no colégio, de onde se ausentou por volta das 12 e 30 m. Às 14 horas aquele estabelecimento escolar, que conforme já referimos se situa nas traseiras da Clínica de Jovens, teria sido notificada do acontecimento.

A Polícia Judiciária atribui a morte a afogamento acidental mas não recebeu, durante a noite de terça para quarta-feira, qualquer notificação sobre o desaparecimento do jovem deficiente.

António Maria Vilhena Gonçalves dos Santos era natural de Santiago do Cacém e encontrav-se há 9 anos internado no Colégio Ocupacional S. João Bosco, que actualmente alberga 20 jovens deficientes em regime de internato e 54 em semi-internato. Ao que parece o jovem, agora encontrado morto, ausentava-se frequentemente das instalações do referido colégio.

A clínica em cuja piscina António Maria morreu, destina-se ao tratamento e recuperação de jovens drogados, integrando os serviços do Centro de Estudo e Profilaxia da Droga, organismo oficial que funcina na dependência da Presidência do Conselho de Ministros.

Woody Allen encabeça movimento a favor de Israel nos EUA



O actor e realizador norte-americano Woody Allen iniciou uma campanha nacional de apoio a Israel, enviando cartas a milhares de pessoas em que manifesta a sua preocupação pela reacções antijudaicas provocadas pela guerra no Líbano.

Allen, que é judeu, é considerado pela maioria da crítica como um dos maiores criadores da actualidade do humor escrito e cinematográfico.

A carta refere que nas grandes empresas norte-americanas existem «comités de acção política» que favorecem os árabes e contribuem para o nascimento do anti-semitismo.

«Trata-se – afirma – de empresas petrolíferas e de alta tecnologia militar e civil. Uma delas, a Bechtel, era até ao Verão presidido pelo actual secretário de Estado, George Shultz.

«Está a desenvolver-se um amplo esforço para desacreditar Israel perante o Congresso norte-americano manipulando as nossas discrepâncias tácticas (com o Governo israelita)» – refere Woody Allen.

O texto, que é subscrito por cerca de 300 personalidades de todas as áreas culturais, principalmente do cinema, da Imprensa e da televisão, pede a criação de um comité pró-israelita que neutralize os interesses ligados aos petrodólares.

Os observadores consideram que o documento está redigido com evidente angústia apresentando um aspecto militante até agora desconhecido entre os antigos pacifistas que formam a intelectualidade liberal dos Estados Unidos.

Muitos dos subscritores pertencem, juntamente com Woody Allen, aos movimentos liberais norte-americanos dos anos 60 e 70 e manifestaram-se contra a guerra do Vietname.

Entre eles estão Jane Fonda e o marido Tom Hayden, que pedem agora apoio incondicional para Israel «à margem de alguns pontos de discórdia».

Conselho da Revolução

Vítor Crespo promovido a contra-almirante

O Conselho da Revolução aprovou ontem a promoção a contra-almirante do capitão-de-mar-e-guerra, Vítor Crespo, ao abrigo da legislação aprovada na reunião de segunda-feira daquele órgão de soberania.

Vítor Crespo, foi alto-comissário e comandante-chefe das Forças Armadas em Moçambique, de 11 de Setembro de 1974 a 25 de Junho de 1975, atravessando o mais difícil e conturbado período do processo de descolonização naquele território. Chegou a Moçambique poucos dias após a malograda tentativa de golpe neocolonialista de 7 de Setembro de 1974. Coube-lhe assim uma das mais difíceis tarefas militares de todo o processo, contribuindo em grande parte para que Moçambique não se tivesse transformado num outro Timor ainda que gerado noutro contexto e com outras características.

Quanto ao major Vasco Lourenço, que desde a preparação do 25 de Abril até à data tem estado presente nas fases essenciais do processo democrático, distinguindo-se pela frontalidade e integridade das suas posições, a proposta nem sequer chegou a ser apresentada uma vez que este oficial, logo após a aprovação da legislação que permitiria a sua promoção, ter pedido para que esta não se concretizasse, pedido que mais tarde reiterou

Não são conhecidos os motivos apresentados por Vasco Lourenço para recusar a sua promoção, mas uma das razões deverá decorrer da contestação mesquinha que à volta do assunto se gerou por parte de personalidades e organizações sem qualquer credibilidade democrática que, todavia, devem a sua existência política aos «capitães de Abril».

Contactado esta manhã pela ANOP, Vasco Lourenço escusou-se a prestar quaisquer declarações alegando não ser ainda o momento oportuno.

CASA DA SORTE

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL:

1.º PRÉMIO – 33 070 – 48 000 CONTOS
2.º PRÉMIO – 39 172 – 9 000 CONTOS
3.º PRÉMIO – 49 127 – 3 000 CONTOS

A Sorte Grande já foi vendida aos balcões da Casa da Sorte

Consulte a Lista Oficial e habilite-se para a próxima extracção aos balcões da CASA DA SORTE
em LISBOA - BRAGA - PORTO - AVEIRO - COIMBRA - SETÚBAL - FARO

OUTROS PRÉMIOS

APROXIMAÇÕES AO 1º PRÉMIO
545.400$00 – 33.069
545.400$00 – 33.071

PRÉMIOS DE 120 CONTOS

3.758, 6.[illegible], [illegible], 11.[illegible], 12.347, 13.538, 17.772, 18.383, 20.114, 20.157, 21.454, 25.876, 29.483, 33.470, 34.[illegible], 36.[illegible], [illegible], 37.275, 38.44[illegible], 41.540, [illegible], [illegible], 46.[illegible], 47.702, 48.3[illegible], [illegible], [illegible], [illegible], [illegible], [illegible], 57.626, 58.7[illegible]4, 61.904, 6[illegible].716, 63.687, 65.371, 66.398, 69.374, 73.308, 74.260.

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

24.000$00 – 084, 120, 184, 317, 367, 574, 761, 855 e 91[illegible]
30.000$00 – 070, 127 e 172
6.000$00 – 02 e 88
3.600$00 – 0 (terminação)

PRÉMIOS DE 6.000$00 (CENTENAS)

33.001 a 33.100; 39.101 a 39.200 e 49.101 a 49.200

NOTA: O direito aos prémios prescreve em 07/04/83

Diário de Lisboa
LER ESCREVER
Suplemento literário
N.º 80 ● 7 de Outubro de 1982

«Fernando Pessoa e Alberto de Serpa»

—Fernando J. B. Martinho—

RECENTEMENTE, Fernando Guimarães, em nota crítica a **A Poesia de Alberto de Serpa,** publicada na revista **Nova Renascença** (1), chamava a atenção para a recuperação do versilibrismo do primeiro modernismo a que o poeta presencista procedia em **Descrição,** de 1935. E destacava o nome de Álvaro de Campos e aquele que será, talvez, o seu texto mais famoso e de maior impacte na moderna poesia portuguesa – a «Ode Marítima». Ao mesmo tempo, Guimarães, sem deixar de sublinhar as diferenças entre um e outro poeta, o **apaziguamento** a que era submetido em Alberto de Serpa o élan e a força da «Ode Marítima», transcrevia uma passagem do poema «Cais» em que mais nítida seria a **presença** de Campos e mais audível «o eco um pouco heróico» da conhecida Ode. A nota **futurista** do texto de Serpa residiria sobretudo na captação do **dinamismo** do porto, do «barulho dinâmico do cais» onde se confunde o esforço das máquinas e dos homens que as comandam: «Os sons mais diversos esbarram:/ apitos, sereias, caldeiras dos vapores, / ordens gritadas em línguas próprias para mandar, / o tilintar das correntes dos guindastes, / longes trovões da queda do carvão nas barcas perto /[...]/ todo o barulho dinâmico dos cais» (2). Mas sem dificuldade F. Guimarães poderia ter recorrido a outros exemplos em que fosse igualmente perceptível o **abalo** da «Ode Marítima» na poesia de temática marítima ou portuária desse ou doutros livros do Alberto de Serpa da fase marcadamente presencista, a dos livros reunidos em **Poesia,** de 1944. Assim, para não sairmos do mesmo livro, poder-se-ia distinguir no verso final de «Porto» (3) («Deus é este barco e este porto!») o eco do apelo metafísico do cais pessoano, que da melancólica «saudade de pedra», de ressonâncias ainda emotivamente humanas, ascende à dimensão arquetípica, além de todas as contingências temporais, do «Cais Absoluto». Fernando Guimarães, atento ao **diálogo** estabelecido pela poesia de Serpa com a de Pessoa, citava também, na sua recensão, «Poesia» (4), texto incluído igualmente em **Descrição,** sintomaticamente dedicado a Fernando Pessoa e enunciador de um programa poético comum em autores da fase modernista, que sentiam a necessidade de justificar perante o **mundo** as liberdades rítmicas e métricas que se permitiam: «[...] Não lhe venham dizer que um verso está errado e sem rima, / se a alma está para lá de todas as convenções. / – Há sentimentos que cabem numa letra, / e um verso pode não caber em todos os livros do mundo./ /A Poesia não está nos assuntos poéticos por eles, / nem nos versos bem medidos, / nem nas rimas que são paciência. / A Poesia está no poeta./ /O poeta deve ser o primeiro poeta, em cada poema».

Idêntico programa se podia encontrar num texto de outro poeta presencista, «Artes Poéticas» (5), de Casais Monteiro, no qual se estabelecia, com a **rudeza** e o tom abrupto tão típicos do autor de **Versos,** o contraste entre «O ritmo sem ritmo, a palavra rude» a procurar e os «pitagóricos / equilíbrios de sons, ideias e **sentidos**» recomendados pelas artes poéticas convencionais, a pedirem a fúria e a ousadia impiedosamente inovadoras da poesia da modernidade: «Quebra, estropia, avança como um bruto». Manuel Bandeira, colaborador da **presença** e amigo dos dois poetas portugueses, fixava num dos seus mais conhecidos poemas o mesmo desejo de «libertação» do «lirismo comedido /Do lirismo bem comportado» e propugnava a admissão na poesia de «Todas as palavras sobretudo os barbarismos universais /Todas as construções sobretudo as sintaxes de excepção / Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis» (6). O programa de Alberto de Serpa dificilmente seria concretizável sem o contributo do versilibrismo lançado pelos poetas órficos, e especialmente por Álvaro de Campos e Alberto Caeiro – e é impossível não reconhecer no último verso de «Poesia» («O poeta deve ser o primeiro poeta, em cada poema») um eco de **inocência,** de olhar sempre **novo,** da fescura de início permanente de que Caeiro retirava a força inovadora do seu programa poético, da sua relação com o real. O percurso de Alberto de Serpa, como observa João Gaspar Simões, comporta, no entanto, várias fases, partindo do «tradicionalismo lírico», passando pelo «versilibrismo à Álvaro de Campos», e à Alberto Caeiro, acrescentaríamos nós, até atingir «um compromisso de formas que algo deve a Fernando Pessoa ele próprio» (7). Isso mesmo é sensível no poema «Incerteza»(8), de **Fonte,** 1943, por exemplo: «Nem ilusão, nem /vida. De ilusão, / este amor não tem / os sonhos em vão./ /E não tem, da vida, / caminho da morte: / sempre de subida, / sem nuvem que importe./ / Assim, não acerto / neste estado em que ando: / se sonho desperto, / se vivo sonhando»,. em que a presença do Pessoa ortónimo se repercute a nível formal, por via do verso e da estrofe escolhidos e sobretudo por via do recurso ao **enjambement,** e a nível temático, de modo muito especial na estrofe final, por via do estado de indefinição entre a vigília e o sonho que é o do sujeito – e, acrescente-se, expresso por oxímoros de ressonância inequivocamente pessoana. Em nenhum outro texto, porém, como em «Lembrança de Fernando Pessoa»(9), incluído em **Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiras,** de 1954, a dívida de Alberto de Serpa para com o poeta do **Orpheu** é tão claramente assumida. O poema, como o próprio título logo salienta, é uma **evocação,** uma **lembrança** de Pessoa. O homem e o poeta são evocados, ora no seu **habitat** intelectual, ora no quotidiano anódino da sua profissão, ora na sua relação com a cidade – oscilando a atitude desta para com o «lume vivo» dos versos de Pessoa entre a incompreensão preconceituosa, o filisteísmo e o desconhcimento –, ao mesmo tempo que se rememora o impacte causado no então «moço» poeta pela poesia múltipla de Pessoa, lida «com furor» sagrado, «aos gritos». O retrato de Pessoa não foge a uma certa imagem **convencional, feita** do poeta incompreendido pelo **vulgo**: a prisão do emprego obscuro, a hostilidade ou a ignorância da «gente» relativamente ao seu génio, o pequeno número dos que foram capazes de entender o alcance da sua **mensagem,** o reconhecimento que só postumamente chega – e, no entanto, há na **lembrança** de Alberto de Serpa uma força, uma capacidade de empatia a que é impossível ficar insensível.

Fernando Pessoa

Alberto de Serpa

O poema, escrito muito provavelmente no princípio da década de 50 (numa nota incluída em **Almanaque...** diz-se que o original do livro «se concluiu em Janeiro de 1952»), começa por evocar os encontros do poeta-emissor com o poeta-destinatário «vinte e tal anos antes» no café onde o último costumava encontrar-se com os seus amigos – o **«Martinho da Arcada».** Entre parênteses se aponte que era igualmente no Martinho da Arcada, na Praça do Comércio, perto do Tejo, que Casais Monteiro era **tocado** pela **presença** de Pessoa, evocado como aquele que inventava «vidas que não queria ter» e à mesa do café se sentava com «os outros invisíveis (os heterónimos) à sua volta», em «Ode ao Tejo e à Memória de Álvaro de Cam-

Continua na pág. 3

NERUDA: Quando «entre as pálpebras do mar e da terra...?»

—Luís Alberto Jara—

«O mês de Setembro, no sul do continente latino-americano, é um mês extenso e florido. Neste mês, nós, os americanos do sul, recordamos a emancipação, celebramos os heróis e recebemos a Primavera» – escreve o poeta Pablo Neruda nas suas memórias.

Paradoxalmente, o poeta morreu a 23 de Setembro, quando outra Primavera despontava, prostrado na cama de um hospital, enquanto a sua amada pátria vivia dramáticos dias, faz aogra nove anos.

Nasceu Neruda na cidade de Parral, no sul do Chile, em 1904. Dois anos depois, o seu pai, operário ferroviário, é transferido para Temuco, uma terra de chuva, na fronteira araucana, onde «a natureza me dava uma espécie de embriaguez.»

Pablo Neruda

«Sob os vulcões, junto dos 'icebergs', entre os grandes lagos, o flagrante, o silencioso, o denso bosque chileno», viverá uma infância de olhos assombrados perante tão exuberante natureza.

Um dia conhece jardins fascinantes, estranhos e selvagens, no grande casarão de um agricultor – e encontra «um bote órfão de um grande naufrágio, num jardim sem ondas nem tormentas, encalhado entre papoilas.»

A partir daí desejou conhecer o oceano. E quando o viu pela primeira vez, ficou «estarrecido». O oceano será um dos grandes protagonistas da sua poesia de amores apaixonados, viagens, paragens remotas e ausências.

Vive tristes dias de estudante universitário, entre amores fugazes, pouco dinheiro e fome permanente nas residenciais dos bairros de Santiago – e nesse ambiente vai germinando uma das suas mais belas obras: «Vinte poemas de amor e uma canção desesperada».

Neruda recordará depois que por todas as partes do extenso mundo, jovens estudantes, bonitas raparigas, trabalhadores, diplomatas, recitá-lo-ão em diferentes línguas:

(...) «Me gustas quando callas porque estás como ausente / y me eyes desde lejos, y mi voz no te toca / parece que los ojos se te hubieran velado / y parece que un beso te cerrara la boca.»

No primaveril mês de Setembro, todos os anos, os jovens do Chile voltam às páginas dos «Vinte poemas...», livro que o poeta descreveu como «doloroso e pastoril, com as minhas mais atormentadas paixões adolescentes».

Com a mesma intensidade, os jovens revivem o seu «Crepusculário», outra obra da juventude, e «La barcarola» que eleva o canto de amor a uma dimensão quase cósmica.

A 19 de Julho de 1936, durante a guerra civil espanhola, é fuzilado em Granada Frederico Garcia Lorca, uma tragédia que comove o mundo e que marcará uma profunda influência em Pablo Neruda.

«Era um irmão alegre e musical. Era um poeta no qual se reuniam a graça e o génio, o coração alado e a cascata cristalina» – escreve evocando Garcia Lorca. «A guerra de Espanha, que mudou a minha poesia, começou para mim com a morte de um poeta».

Assim nasce a acerada poesia nerudiana que constitui a etapa de maturidade da sua criação.

Em 1936 escreve os primeiros versos de «Espanha no coração», e quatro anos mais tarde

Continua na pág. 3

Diário de Lisboa LER ESCREVER

AS COISAS NATURAIS – IV

Ernesto Sampaio

NA semana passada, não sei porque vos impingi a história do padre. Talvez por se tratar de «jornalismo» rançoso e desmaiado, à medida dos nossos tempos urbanícolas, de massificação insecticida, em que toda a gente perdeu a inocência e o olfacto, mas não a pontaria.

A censura não deixou passar uma palavra. Abençoada! Os portugueses daquela época eram deliciosos: detestavam tudo; e tinham razão, porque tudo era detestável. Mas quem detestava mais eram os chacais reaças, por causa do complexo de culpa que os minava, do medo e da vergonha de que os outros descobrissem a sua culpabilidade.

Destes buracos na memória, por vezes saem chamas (não é o caso) que iluminam as coisas mais evidentes e naturais, dissimuladas nos esconsos dos bons costumes, do hábito e da rotina. Então, em paga das machadadas no alvéolo, recebe-se um salário de solidão, miséria, loucura e morte; para desferi-las é preciso romper o pacto com a cooperativa de assassinos que fez do mundo o que ele é: um inferno que só não escapa ao pensamento porque continuamente o fere e martiriza.

Melhor será evocar o Palha d'Aço em Milão, diante da sombra de um galeão seiscentista, com o seu grande mastro e o velame enfunado, a oscilar atrás de uma pantalha varrida por ventos impetuosos, enquanto relâmpagos lhe assombravam os olhos e trovões ressoavam do alto, vácuos e profundos.

Semelhante à respiração, o vasto murmúrio da chuva sobre as ondas-sombras de um mar de cetim, cada vez mais violento no rectângulo da cena, e depois o desaparecimento do galeão até ficar apenas um mastro partido com o velame solto, implantado no centro da espécie de jangada que restava da nau, ora no cimo, ora no fundo das águas de cetim revoltas, entre uma escolta de náufragos a gritar, desesperadamente agarrados à nave e à vida.

Uma lanterna, entrevista num bote de perdição, alumia a barba aflita de um velho. O trovão-chapa de zinco e o vento-órgão de barbária levam palavras e gemidos. Os relâmpagos continuam a ziguezaguear, como navalhas de um duelo no escuro, entre gigantes. E finalmente o mastro parte-se, crescendo a fúria da tempestade; a jangada e o velame (depois transformados, tornada a calma, em ilha de Caliban e Ariel: ilha-navio, circundada por um azul inquietante) afundam-se, rapidamente.

Início de A Tempestade-Shakespeare-Strehler-Lírico de Milão: oito minutos de teatro barroco, de maquinismo cenográfico: os mimos, em malha de ballet, por baixo do telão do mar; atrás dos reguladores, o pessoal que reproduz (teatro manual, artesanato da ilusão) o rumor da chuva e do vento, e mantém pronta na teia a corda de prata para o voos de Ariel, espírito do ar.

Um encanto sugestivo e profundo desprendia-se das coisas subtis, dolorosas e ambíguas que aconteciam naquele palco: o progressivo aluir de ilusões mágicas (e cenográficas) ali configuradas, até ao momento em que Próspero, feiticeiro renunciatário (seria melhor dizer derrotado) cumpre a última desmistificação, quando quebra a varinha dos encantos e lança aos abismos marinhos o livro da sua ciência. «Tudo se esfumará sem deixar rasto»... «Nós somos feitos da mesma matéria de que são feitos os sonhos»...

Belíssimas, naquele espectáculo, as variações fosforescentes ou crepusculares sobre as possibilidades e impossibilidades expressivas do teatro. Última obra-prima de um génio que entra na velhice; e também marco estelar no fim de uma época assinalada, não só por terríveis crimes, calamidades, usurpações, mas também pelo desabar do mito de um mundo novo (a América, a ilha) contaminado pelos mesmos erros do antigo. A ideologia do Renascimento falha o seu intento de transfiguração (a utopia de uma América que seja uma Europa purificada, como diz Jan Kott) e entra rapidamente no ocaso.

E há ainda a magia branca, que é a magia do teatro. Na fronteira entre dois modos de entender a expressividade teatral, Shakespeare escolhe o novo, que é o dos enganos, das aparições, mas tudo velado de profunda melancolia e desconfiança, como se lhe custasse muito fazer Próspero largar a sua varinha encantada, e dar a história por acabada...

A Tempestade é uma repetição do passado; é uma repetição de acontecimentos e de módulos teatrais; é uma repetição invertida da história de Próspero, duque usurpado que por sua vez, na ilha, se torna usurpador; é uma repetição de situações e de símbolos da **Odisseia** e sobretudo da **Eneida.** Um sentimento de piedade, de resignação activa desentranhava-se daquele espectáculo, como se fosse lícito deixar de acreditar nas ilusões, mas não na força do teatro – caminho de conhecimento.

Shakespeare, católico, monárquico (ia a escrever fascista, imaginem), caríssimas cozinheiras das sopas de letras, e ainda por cima bebedolas e rabeta, como Marlowe, morto por um fanchono à punhalada nos olhos, como Kyd, bufo de ofício, torturado até à morte, como Robert Greene, ladrão e proxeneta, que pedia esmola em latim nas ruas de Londres, como quase todos os frequentadores da Mermaid Tavern, de quem não se podia dizer que a «carne» fosse «mais clara do que um cristal» e cuja sumptuosidade de espírito só tinha igual em excesso na sordidez da miséria.

Adiante. «C'est en écrivant qu'on devient ecrevisse» (Arp). Estava justamente a pensar nisto quando tentei confrontar a falange numerosa das cozinheiras das letras (bem-pensantes, missionárias) com o mau exemplo dos dramaturgos isabelinos, que não tinham a seu favor dinheiro, respeitabilidade, moral, poder – apenas o esplendor insustentável de seres em ruptura com o mundo que os rodeava.

Por falar em cozinheiras: acabo agora mesmo de ler no «Nouvel Observateur» um longo artigo em que o dirigente «socialista» francês Gilles Martinet acusa o Lenine de **Estado e Revolução** do pecado de jacobinismo e de ser partidário do «poder às cozinheiras». O senhor Martinet tem razão em afligir-se. Na verdade, se as cozinheiras tomam o poder e passam a ocupar-se dos negócios de Estado, quem é que depois lhe faz o almoço?

Afora esta legítima preocupação («Deus está entre as panelas», já Santa Teresa d'Avila sentenciou, de forma misteriosa e sibilina), vê-se em todo o lado, menos em Paris, que o senhor Martinet, longe de possuir o perfil elegante do Judas sofisticado que gostaria de parecer, nos surge antes, neste lance, sob a forma engordurada de uma tosca cozinheira de tasca antileninista.

Bolas! Perdemos o Palha d'Aço outra vez. Por onde andaria ele?

Andava em viagem há anos, arrastado por uma corrente de ar vindo de longe, das neves mais puras das mais altas montanhas, lá onde ardem luzes selvagens, onde «antes de matar o ar exalta», onde não é uma ilusão delirante ser o homem reclamado por uma força maior que desfaz as larvas da separação e lava de águas mortas toda a vida.

Seguia aquela imagem de Grande Desolada, compunha uma estela de que ela era o mais antigo signo, a barca solar que atravessa subterrâneos cheios de estrelas, lá longe onde se trava o combate, um punho continua a rasgar o negrume, um coração continua a ser desinfectado, um sangue majestoso continua a forjar encontros temerários.

Com ela, seu signo e fim, ia perdido como um feto num ventre indecifrável pelas estradas livres, soberanas, à altura dos seus passos, entre a cal viva e a cinza que lhe entornaram nos olhos, entre flores maravilhosas resumindo todo o amor feito, muito para cima desta poeira, este tempo, este navio, onde os desastres florescem.

Nestes campos nem um perfil, uma sombra dos matos vigorosos. Só um silêncio atroz nos quatro pontos cardiais, como se o Marechal de Rais tivesse acabado de passar e da antiga floresta erótica nada mais restasse senão alguns pronomes que dormem lá fora: eu, espírito, ratos fora de tudo, sombras atrasadas. Ocupantes de um corpo que ainda não existe. O tal da «foutâme avec la fâme» em que cada órgão esgana o nervo que apanha o membro sacana onde passa a nhanha, o membro que entra e sai pela ferida sifilina

DEAMBULAÇÕES DE CAT' E GAT' – 10

A luz

Mário de Carvalho

CERTA vez, **Cat'** e **Gat'** iam andando, andando, pela floresta fora, numa noite de breu. Fazia frio e um e outro sentiam-se inquietos naquelas lonjuras. Distinguiram então uma luzinha que brilhava, não muito afastada e para ela caminharam, como compete a quem anda perdido em bosques destes.

Mais ao perto, viram que a luz provinha de uma caverna a meio dum campo de pedras soltas, grandes, irregulares, rugosas, ameaçadoras.

– Vamos lá? – perguntou **Cat'.**

– Há alguma alternativa?, reperguntou **Gat'** de volta.

Passaram com dificuldade pelo espaço pedroso, chegaram-se à luz e entraram na caverna, onde foram acolhidos com alegria pelos habitantes de lá, agrupados em torno de uma grande lâmpada que pendia de uma estalactite.

– Benvindos – diziam todos.

– Em boa hora – respondiam **Cat'** e **Gat'.**

E logo pediram ao chefe do grupo que os deixasse passar ali a noite até vir a alvorada.

– A alvorada? – interrogou-se o homem – Referem-se ao ... sol?

Que sim, que tencionavam continuar a marcha de dia.

O homem pareceu entristecido.

– Como estais iludidos a respeito do sol – disse –. Sabe-se lá que deus sinistro o exibe em sua mão, como um facho funesto, para lograr os mortais. Não se esqueçam de que é o sol, com seus raios malsãos, que produz as fermentações e a podridão. Tanta gente se deixa enganar, porém, com o seu esplendor, que o deus tem artes de trocar nas consciências o bem pelo mal...

Cat' e **Gat'** não ficaram surpreendidos com este discurso porque nunca se surpreendiam com nada. Antes incitaram o homem a continuá-lo para ficarem bem cientes de como ali se vivia.

E ele então explicou-lhes que moravam naquelas cavernas muitas famílias, alumiadas por uma lâmpada aperfeiçoada, havia muitos anos, pelo fundador daquela comunidade e que se nutria de óleos vegetais, de que eles detinham o segredo.

Cat' e **Gat'** contemplaram a lâmpada, miraram-na por todos os lados, e concluíram que dava uma luz amarelada, pouco saudável e exalava fumos espessos que deixavam no ar abafado miasmas rançosos. Mas nada disseram, corteses, porque de nada vale contrariar um homem iluminado.

Souberam que a entrada da caverna era tapada ao alvorecer com uma grande pedra, e que do exterior aquela gente apenas conhecia os animais nocturnos, das árvores apenas conhecia as silhuetas, e dos outros homens apenas os adivinhava dormindo um sono letárgico, decerto resultante da sua submissão diurna ao sol soturno.

– Pobres deles – diziam todos, rindo – Como podem viver assim, expostos, sem a nossa lâmpada?

De manhazinha, **Cat'** e **Gat'** despediram-se, após terem, delicada e porfiadamente, recusado os convites para ingressarem naquela comunidade.

– Somos gente andadora, – desculparam-se – Não nos praz o horizonte tolhido. Fôssemos nós mais novos...

Todos os abraçaram, condoídos, e pediram-lhes que voltassem.

Tempos depois, dizia **Cat'** a **Gat':**

– Não seria melhor termos explicado que há mais mundos, além daquela caverna, e como são eles, realmente?

– Duvido muito – retorquiu **Gat'** – para aquela gente, a sua caverna, a sua lâmpada, o seu saber do mundo exterior, é o círculo de felicidade que têm. Para quê, querer mudar-lhe a felicidade em incerteza?

– Eu vi-os felizes, mas não me senti nada feliz, ali emparedado.

– Já andaste por tanto lado – rematou **Gat'** – que rompeste com toda a ameaça de beatitude, que apenas sabe medrar em mundos fechados. Tu sabes demais... ●

O Diabo, Delacroix

nde ferve o nada que assim se umina e lhe é a estrada e depois guilhotina que lhe rói o osso até caroço e o esgazeia e o re-enta e faz dele a teia com que tenta trucidar o espírito, abortar corpo, levá-lo para a igreja, fogá-lo em água benta, casá-lo om a perceveja e a sopa e a olícia e a cultura e a milícia e a zão chula de gente sem me-ula que arrota o chumbo dos róprios caixões e estraçalha a da nos seus panelões.

Passa uma faca sobre a vida. Tudo se apaga. A tentação de parar ao lado de alguém é esta chuva branda, esta música de infância, testemunho a passar até onde pudermos, até desaparecermos ao longe, atrás dos rios e das montanhas, no vento dos transes dos navios, no clima dos campos de combate, onde já não são sombras quem nos espera, mas uma quarentena, a catedral, o elevador que desce até ao infinito glaciar da vida. ●

«FERNANDO PESSOA E ALBERTO SERPA»

Continuação da pag. 1

pos» (10), inserto em **Noite Aberta aos Quatro Ventos,** de 1943. Acompanhava o poeta-emissor, na «romagem» ao lugar de refúgio de Pessoa, António Botto, também ele colaborador da **presença.** O livro de Maria José de Lancastre **Fernando Pessoa – Uma Fotobiografia** reproduz uma página de «O Notícias Ilustrado» sobre «Lisboa e os Seus Cafés» em que se pode ver uma fotografia do Martinho da Arcada, acompanhada da seguinte legenda: «O Martinho da Arcada é dos mais antigos cafés de Lisboa. Na nossa gravura apresentamos o grupo dos literatos exilados do seu tempo. Fernando Pessoa, dr. Raul Leal, António Botto e Augusto Ferreira Gomes tomam cerveja com dois amigos» (11). A **Fotobiografia** inclui ainda outros retratos de António Botto, e transcreve passagens do ensaio de Pessoa dedicado ao autor das **Canções,** publicado no n.º 3 da **Contemporânea,** em Julho de 1922, «António Botto e o Ideal Estático em Portugal» (12). A Pessoa (13), que também o traduziu em inglês, e aos homens da **presença,** que atentamente o estudaram (lembrem-se o artigo de João Gaspar Simões «A Fatalidade na Poesia de António Botto», in **O Mistério da Poesia,** 1931, e o ensaio de José Régio **António Botto e o Amor,** 1938) deveu António Botto muito a imposição do seu nome num meio tacanho que, por razões alheias à literatura, tendia a olhá-lo com suspeição, desprezo ou condescendência bem-pensante.

O segundo quarteto dá-nos uma imagem de Pessoa «alheado, tristonho», cindido do real, procurando no «veneno» do álcool a evasão para a mediocridade e a chateza do quotidiano – um Pessoa que só no convívio dos seus «companheiros de sonho» encontrava alguma alegria. O terceiro quarteto deriva para a actividade profissional do poeta-destinatário como «correspondente / de inglês e de francês em vários escritórios», lembrada, com pormenor, por João Gaspar Simões, na sua **Vida e Obra de Fernando Pessoa** (14), de 1950, e, nos dois últimos versos, alude à relação da «gente», «desvairada», do vulgo com o poeta, ora pautada pelo desconhecimento, ora pelo comentário alarve, soez. O poeta-destinatário ora cruza o desvairamento da «gente», apagedo, no mais completo anonimato, ou a notoriedade que recebe é a que o **vulgo ignaro** reserva aos que lhe ofendem a estabilidade das ideias feitas. O quarteto seguinte retoma o tema do não reconhecimento do génio de Pessoa, apenas por «poucos» entrevisto. Acrescenta-lhe, todavia, uma outra dimensão, definida pelo contraste de atitude do poeta-emissor, imediatamente sensível ao «lume vivo» dos versos de Pessoa e capaz de «prever» a permanência da sua «Obra» no futuro. O sujeito, **iluminado** pelo fulgor da «Obra» pessoana, destaca-se do **vulgo,** opõe-se-lhe, é um dos «Poucos [que] sabiam bem quem [o poeta-destinatário era]/ quem mais tarde [seria]». A postura em que o sujeito se coloca, no quarteto seguinte – e num poema que é não só uma evocação de Pessoa, dos contactos sem dúvida esporádicos com ele mantidos, mas também uma evocação do «entusiasmo fácil», da vibração da sua própria **mocidade** – é a do «poeta provinciano, ingénuo», em atitude de extasiada e respeitosa admiração perante o camarada mais velho, de poucos conhecido, mas por esses poucos indubitavelmente considerado como uma figura genial. O sexto quarteto inflecte para um retrato físico e psicológico do poeta-destinatário, destacando por um lado o seu temperamento retraído, a sua timidez e, por outro lado, o contraste entre a sua fragilidade física, apenas insinuada na referência ao «tronco», às «pernas», e a força expressiva do corpo (o «tronco, as pernas, as mãos, os olhos»), o qual «mais que as palavras [dizia]» as tensões, os conflitos que dilaceravam o poeta. E é aí na referência às tensões, às «lutas internas / em que [seus] seres múltiplos se debatiam» que o poeta-emissor completa o retrato de Pessoa, dado na multiplicidade contraditória, conflituosa dos heterónimos. No quarteto seguinte, o sujeito reconhece o abalo, o choque que a poesia de Pessoa para ele representou. O contacto com a figura frágil, mas irradiando uma grande e misteriosa força espiritual, deixa-o confuso, abalado; o Pessoa indisciplinados de almas toca-o profundamente, ter-lhe-á subvertido as convenções, os esquemas que não é difícil imaginarmos representados pela «poesia tradicional» (15) dos seus dois primeiros livros, **Quadras** e **Evoé,** ambos de 1924. Aqui, é o poeta-emissor que passa para primeiro plano, «febril, raivoso, insatisfeito», desnorteado pelo impacte, pela revelação de um **encontro,** de um **contacto** que o inquieta e o incita ao **desvendar** do seu mistério, da sua contraditória e esfíngica multiplicidade. Significativamente a palavra axial do oitavo e último quarteto é o lexema «enigma», o enigma que para o poeta-emissor permanece o poeta-destinatário, apesar da consagração-profanação de que no dealbar da década de 50 Pessoa é objecto. Mais uma vez o sujeito se define em oposição aos **outros**; na quarta estrofe, a sua compreensão imediata da **mensagem** de Pessoa afirmava-se por contraste com o desconhecimento ou a incompreensão da «gente» – agora percebe-se que o reconhecimento póstumo da obra de Pessoa para que «todos» no primeiro verso aponta («E hoje que todos te conhecem, imortal») tem tanto a ver com o reconhecimento seguro, já sem riscos da «gente» como com a assimilação superficial e apressada por parte de alguns poetas então em fase de aprendizagem do que no criador dos heterónimos – com o essencial da sua produção poética publicada em 1946 – era **maneira,** susceptível de imitação. A admiração geral que faz de Pessoa uma «bandeira», entende-a o sujeito antes como um devassar, uma profanação da sua **intimidade,** do seu «enigma», que vem a identificar – um eco do que já fora dito em «Poesia», o texto de **Descrição** dedicado a Fernando Pessoa, sobre a possibilidade de «um verso [...] não caber em todos os livros do mundo» ou a impossibilidade dos «assuntos poéticos por eles», o metro e a rima conterem a «Poesia» – com o mistério, o enigma, o inapreensível de «toda a Poesia verdadeira», num desfecho em que fica patente a sua fidelidade ao que marcou a estética presencista.

Fernando J.B. Martinho

Notas:

(1) n.º 6, Inverno de 1982, pp. 203-205.

(2) Poesia, **Inquérito, Lisboa, 1944, pp. 84-86.**

(3) Ibid., pp. 94,95.

(4) Ibid., pp. 99,100.

(5) Poesias Completas, **Portugália Editora, Lisboa, 1969, p. 39.**

(6) «Poética», in Massaud Moisés, A Literatura Brasileira Através dos Textos, **Editora Cultrix, São Paulo, 7.ª ed., 1979, p. 409.**

(7) 50 Anos de Poesia Portuguesa: Do Simbolismo ao Surrealismo, **Movimento, Lisboa, 1967, p. 33.**

(8) Poesia, **p. 285.**

(9) Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiras, **Editorial Inquérito Limitada, Lisboa, 1954, pp. 93-95.**

(10) Noite Aberta aos Quatro Ventos, **Edições Signo, Lisboa, 1943, pp. 56-58.**

(11) Imprensa Nacional-Casa da Moeda / Centro de Estudos Pessoanos, 1981, p. 222.

(12) Ibid., p. 220.

(13) Lembre-se a defesa que Pessoa, sob o nome de Álvaro de Campos, fez de António Botto e de Raul Leal, em 1923, com os opúsculos «Sobre um Manifesto de Estudantes» e «Aviso Por Causa da Moral».

(14) Cf. 4.ª ed., Livraria Bertrand, Lisboa, 1960, p. 486.

(15) Cf. João Gaspar Simões, Perspectiva Histórica da Poesia Portuguesa (Dos Simbolistas aos Novíssimos), **Brasília Editora, Porto, 1976, p. 328.**

PABLO NERUDA

ntinuação da pág. 1

cia o seu «Canto Geral». Tam-m criará «Versos de amor a stalinegrado», «Cem sonetos amor», «Residência em la rra», «Alturas de Macchu Pic-u».

A sua militância comunista a-lhe numerosos problemas rque muitos aclamam-no mo um poeta extraordinário, mesmo tempo que repudiam sua qualidade de militante. Em 57 é preso pela polícia de uenos Aires.

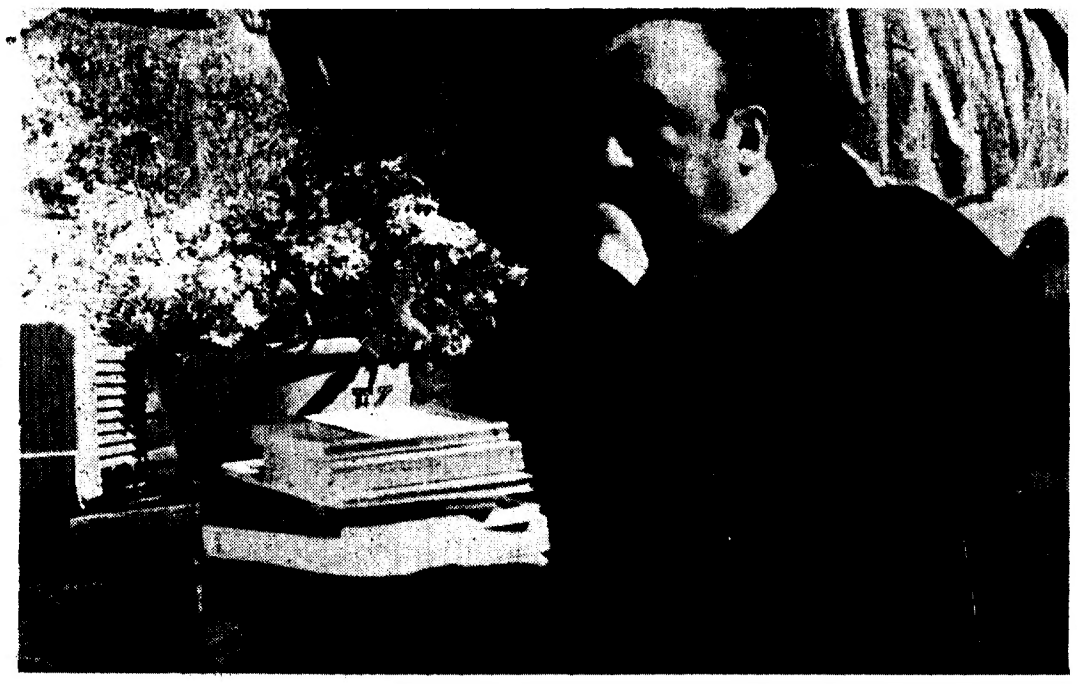
A solidariedade internacional obiliza-se e dentro da prisão os esos estreitam-lhe a mão, enanto os polícias se desculpam lhe pedem autógrafos.

Durante as tormentosas via-ns por Itália «aprendi a amar ensamente um país nde tudo é buloso», recorda. Ali é acla-ado pelos universitários de Flo-nça, Turim, Veneza, a juven-de de Roma, os trabalhadores rtuários de Génova e é perse-uido pelos polícias de todas as dades.

Os protestos pela perseguição um poeta são gigantescos e ma estação de caminhos-de-erro onde se despedem dele ndo-lhe rosas vermelhas, sur-em os polícias que lhe dizem: amentamos, excelência. mos pobres pais de família. emos que obedecer a ordens. É lioso» E o poeta comenta: Nunca vi uma polícia mais fina».

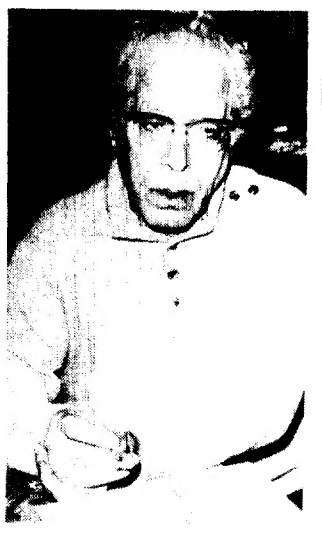
Ao regressar ao Chile, constata algo de novo: a sua poesia já não causa impacto somente em jovens apaixonados, mas também em homens escuros do povo. É o momento em que começam a entrar na sua obra o drama dos mineiros do carvão no sul do país e dos trabalhadores do salitre no norte.

Os poetas da sua pátria dizem que Neruda está mais presente do que antes e isto porque a sua poesia se cobre, a cada nova Primavera, de verde folhagem. Mas o poeta continua a aguardar que o trasladem para a sua amada ilha negra, local onde reuniu «pequenos e grandes brinquedos». Ele, que temia os «cemitérios solitários» com «túmulos cheios de ossos sem sons», jaz no cemtiério geral em Santiago, um lugar que não lhe agrada. Aquele que foi Prémio Nobel de Literatura em 1971 formulou algures um voto que continua por cumprir-se: «companheiros, enterrem-me na ilha negra, frente ao mar que conheço, a cada área rugosa de pedra e de ondas que os meus olhso perdidos não voltarão a ver. Sabem que é ali, entre as pálpebras do mar e da terra, que quero dormir...». ●



LIDO E A LER

Lopes Graça na Vértice



Falámos aqui há semanas dum número especial da revista «Vértice» dedidado aos Açores. Falemos hoje de outro número especial da mesma revista, neste caso dedicado a Fernando Lopes Graça. Não é um número, mas um número duplo: o 144-5, datando de Setembro a Dezembro de 1981. Há um ano, portanto. Mas um ano passado ainda não será assim tanto tempo que esta referência já não se justifique. Justifica – e tanto pela própria iniciativa da revista como – ou principalmente – pela importância da obra do autor.

Sem dúvida o mais importante (e, outro lugar-comum: a mais significativa) compositor português das últimas quatro, cinco décadas, Lopes Graça fez em Dezembro último 75 anos. Foi este aniversário o pretexto mais próximo deste número especial da revista, que nele se empenhou como nenhuma outra publicação do mesmo âmbito de interesses. Para compreendermos a importância também desta iniciativa, basta lembrarmo-nos de como o 75.º aniversário de Lopes Graça foi assinalado na generalidade da Imprensa cultural portuguesa que dele se lembrou: com entrevistas (quase todas mal conduzidas, com perguntas em regra dando conta do distante alheamento do entrevistador em relação aos problemas que a obra de Lopes Graça suscita) e um que outro depoimento (em regra meramente laudatório da personalidade do compositor e da sua obra, ou de alguns dos seus aspectos, com omissão de outros). Já agora, e num esforço, tardio embora, de crítica interna – que não se vê inconveniente algum em fazer publicamente: o DL, no dia do aniver-

Continua na pág. 4

Diário de Lisboa LER ESCREVER

AS LETRAS EM DIA ● AS LETRAS EM DIA

POESIA PORTUGUESA EM ESPANHA – **Saiu em Madrid (Ediciones Júcar) o primeiro volume, dum conjunto de dois, de uma «Antologia de la Poesia Portuguesa Contemporánea». Como o próprio título sugere, a selecção parte de Fernando Pessoa, abrange os poetas mais representativos do «Orpheu», da «Presença», do Neo-realismo, do Surrealismo, dos anos 50 e seguintes, até «poesia 61», fechando com Gastão Cruz. São 40 os autores seleccionados, e a responsabilidade da escolha, de nomes e textos, é de Angel Crespo, nome alguma coisa familiar dos portugueses, certamente. Crespo escreveu para cada volume uma «introdução» falando da poesia portuguesa contemporânea em termos altamente valorativos. Os dois volumes perfazem um total de cerca de 700 páginas. Esta é, que nos ocorra, a maior (ou mais extensa) antologia de poesia portuguesa publicada pelo menos em Espanha e em castelhano, senão mesmo em qualquer meio e língua além fronteiras.**

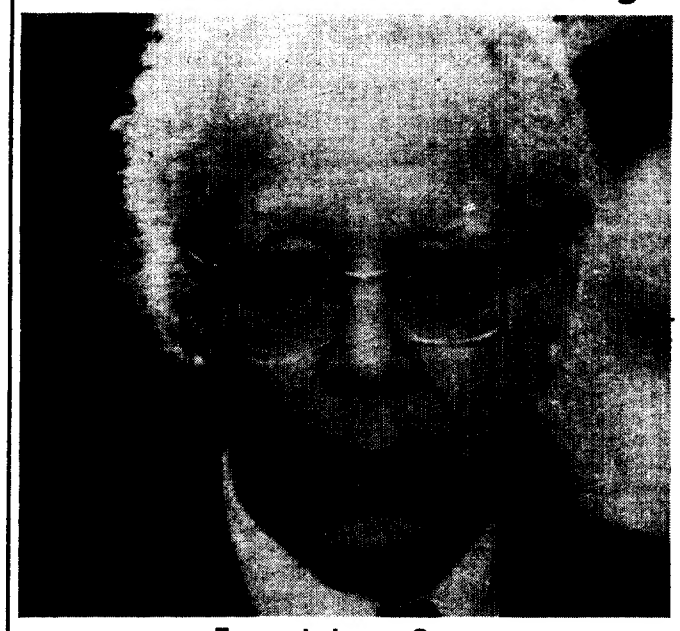
POESIA PORTUGUESA NO BRASIL – **Quase ao mesmo tempo que em Madrid sai o primeiro volume da «Antologia de La Poesia Portuguesa Contemporánea», de Angel Crespo, saiu também no Brasil, mais exactamente, em S. Paulo, outra antologia também de «Poesia Portuguesa Contemporánea», esta editada pela Ohno/Roswitha Kempf Editores, e selecção de poetas e poemas de Carlos Nejar. As proporções desta antologia são algo menores do que as da espanhola, e a selecção começa em Vitorino Nemésio, acabando em Nuno Júdice. A ausência de Pessoa justifica-se pelo largo conhecimento que há dele, já, no Brasil. Nejar renunciou a qualquer prefácio ou introdução.**

A QUESTÃO DA POESIA – **A Assírio e Alvim lançou recentemente nas livrarias a tese de doutoramento de Joaquim Manuel Magalhães, «Dylan Thomas, Consequência da Literatura e do Real na sua Poesia». Os conhecedores de Dylan Thomas saberão apreciar melhor este trabalho certamente notável. Os não conhecedores, ou mal-conhecedores terão aqui uma boa oportunidade e um melhor pretexto para irem além dos rudimentos que lhes proporcionavam as poucas traduções até agora existentes em português (com realce para as de Fernando Guimarães). Em apêndice vêm, em inglês e em português (por Joaquim Manuel Magalhães), outra breve antologia. O estudo centra-se fundamentalmente sobre as condições gerais em que a poesia de Dyman Thomas aparece e sobre as características mais distintivas da obra poética do autor de «Retrato do Artista Quando Jovem Cão» (ao que supomos o único título da sua bibliografia activa de que há tradução em português, na «Dois Mundos» dos Livros do Brasil, cremos que há muito esgotado). Mas a atenção do comum leitor mediana e mais e mais imediatamente interessado nestas coisas (poesia) prende-se antes de mais às 40 primeiras páginas do estudo, tituladas «A Questão da Poesia». É o que se pode dizer uma introdução à poesia, ou à problemática da poesia, ou à problemática poética, e ao texto de Joaquim Manuel Magalhães o mínimo que se pode fazer numa ligeira notícia como esta é.**

AS «EDICIÓNS XERAIS DE GALICIA», **editora lançada vai para dois anos em Vigo e actualmente já com dezenas de títulos publicados (num contributo altamente enriquecedor da cultura galega, e da língua – já que os livros que temos visto são em galego), publicou recentemente na sua colecção «Montes e Fontes» (Literatura) uma «Escolha de Poetas de Outeiro do Rei», feita pelo poeta Manuel Maria. Outeiro de Rei é a terra natal de Manuel Maria e na antologia estão onze poetas, desde Xohán de Gaudioso (século XII) até A. Ron Año e Manuel Breia Milan (os mais novos, nascidos nos anos 50), passando por uns tantos nomes desconhecidos, pelo menos para o leitor português, pouco familiarizado. A única excepção será o próprio Manuel Maria, que aqui passa um pouco indiscretamente por Manuel Maria F. Teixeiro (ou Manuel Hortas Vilanova, nome com que o poeta da Terra Chá assina as suas crónicas sob o título genérico de «andar a terra» no único periódico galego que actualmente se publica em todo o mundo, o «A Nosa Terra», de Santiago). O interesse desta antologia será algo restrito, mas, em boa verdade, as pretensões não vão além de pouca coisa. Para Manuel Maria, é a concretização de um velho sonho: «Dendes da miña mocedade anda no meu maxín a idea de facer unha escolma da produción poética dos cantores da minha tribu natal, Outeiro de Rei. Com esta miña teima coido que non ofenderei a ninguén»●**

LIDO E A LER

Lopes Graça na «Vértice»



Fernando Lopes Graça

Continuação da pág. 3

sário do compositor, esqueceu-o por completo deixando distraidamente para oito dias depois um escrito, a propósito, assinado por Mário Vieira de Carvalho. Mais, e como curiosidade, assinale-se que no próprio dia do aniversário, o 17 de Dezembro, este jornal, ao mesmo tempo que ignorava Lopes Graça, dava uma página inteira do interior, com chamada de primeira, a um cantor e intérprete da chamada música popular. Mais do que curiosidade, é certamente significativo – do estado a que se chegou numa situação que não se caracteriza verbalmente melhor do que dela dizendo que se trata duma gande distorção de valores. A Imprensa – mesmo aquela que se distingue pelas suas exigências culturais – avaliza e consagra esta distorção. Depois, naturalmente, não se entende (não se está com predisposição ou preparada disposição para entender) que Lopes Graça sistematicamente se recuse ao desempenho dum papel que seria facilmente simpático e se demarque de questões que a generalidade dos jornalistas que se entrevistam lhe põem – acerca de realidades subculturais da subcultura que os meios-de-massa impõem e que tanto têm impedido o reconhecimento público não só da obra do autor mas também de outros compositores portugueses (para falarmos somente de música, e de autores portugueses). É um pouco também por isto que a iniciativa da «Vértice» deve ser assinalada, ainda que quase um ano depois, como facto importante na vida cultural portuguesa, tão amesquinhada pela promoção do analfabetismo ao nível da massificação, do facilismo, do consumismo, da rádio, sobretudo da televisão. Chegou-se a um estado de coisas em que qualquer um, de um dia para o outro, se faz cantor ou tocador de ouvido e, numa semana ganha o «disco de ouro» por tantos exemplares vendidos do chamado «álbum». A «crítica» também, diga-se de passagem, não quer ficar atrás, e vai participando nestes processos. Os meandros são caluniáveis. O que se conhece, de ver, é o que está patente nos jornais, nos programas da rádio, na televisão, nas revistas «especializadas», nos cartazes, por toda a parte.

Deixemos isso, porém, e falemos de Lopes Graça. E um lugar-comum, e parecerá inatacável, dizer que a obra dele é a mais importante da música portuguesa nos últimos 40, 50 anos. Mas a importância desta obra tem corrido e continua a correr sérios riscos de ser afinal subestimada (a pretexto de uma parcial e excessiva valorização) pelo acriticismo de intenção política que não apenas lhe desconhece (propositada ou inadvertidamente) os aspectos menos positivos (um patente impasse ou mesmo anacronismo formal em tão poucos trabalhos de algumas fases da sua evolução), mas também lhe desconhece as peças e as fases mais representativas desta evolução e das exigências estéticas que lhe estão subjacentes, para se deter por vezes exclusivamente nas conotações relativas ao combate e à resistência antifascista. Como se as obras de arte (musicais ou quaisquer outras) valessem mais ou somente por isso. Depois, ou por outro lado, há-de ser sempre, no mínimo, distorcedor, enaltecer a importância da obra de Lopes Graça sem ter em conta que nem tudo aí é de evidente qualidade, e, principalmente, nem tudo aí é hoje inquestionavelmente vivo e actual.

Este número especial da revista «Vértice» serve alguma coisa para ilustrar o que se acaba de dizer. Na verdade, trata-se mais de uma homenagem onde o enaltecimento acrítico predomina e a análise crítica tem pouco lugar. Dos onze textos aqui insertos, rigorosamente, apenas o de Mário Vieira de Carvalho (sobre uma canção do autor feita a partir de «O Menino de Sua Mãe», de Fernando Pessoa) e o de João de Freitas Branco (sobre «Requiem pelas Vítimas do Fascismo em Portugal») é o plano da análise (mas não propriamente crítica) que se situam.

Desse plano aproximam-se contribuições de Óscar Lopes (texto duma conferência sobre poesia e poetas que Lopes Graça musicou) e José Alberto Sardinha («Fernando Lopes Graça e a Etnomusicologia Portuguesa»). O interesse dos restantes é no plano da homenagem que se devem situar.

Não está em causa a homenagem, evidentemente: Lopes Graça, pela sua obra, justifica-se, e nem é preciso invocar o constante posicionamento político do autor. Mas uma iniciativa deste teor aparece-nos um pouco mais na linha duma pode-se dizer que longa tradição portuguesa, de festejar, evocar, comemorar, etc., etc., e corresponde algo menos à necessidade que há tanto se impõe de reagir contra isso, ou, de preferência, fazer algo mais do que isso. Aquém e além das homenagens que a Lopes Graça serão sempre justamente devidas, mantém-se a necessidade de empreender uma série de tarefas compreendendo o estudo do conjunto da sua obra, a análise dos aspectos globais e parcelares que a caracterizam, o seu enfoque à luz das exigências estéticas do seu tempo não apenas português mas também europeu.

A lucidez com que o próprio autor habitualmente fala da sua obra, recusando-se a aceitar todo o excesso de atribuições com que as boas intenções tendem a resumi-la – merece antecipadamente todo um vasto trabalho que está ainda por fazer. Saber o que pensam os compositores portugueses que se lhe seguem no tempo poderia ser uma primeira abordagem na generalidade.

Anote-se todavia que neste número da «Vértice» já se faz alguma coisa que ainda não tinha sido feita o que é uma «tábua» da obra, juntamente com uma discografia e uma bibliografia, e, os dados biográficos fundamentais do autor. O número inclui ainda numerosa documentação inédita, e, aí, a reprodução de uma peça para piano, manuscrita, de Lopes Graça, «Perpétua para a Campa de Carlos de Oliveira». Todo este material é mais valioso do que a um primeiro e desprevenido relance se poderia supor, porque é a base dum trabalho que se impõe com grande urgência.

LUÍS DE MIRANDA ROCHA

O sentido dos Tarots

Marcel Lecomte

QUANDO os naipes do tarot constituem o esquema do destino de um indivíduo, eles assemelham-se para mim a uma espécie de armação colocada sobre o real – a extrema complexidade do Real. E o Real reage ou responde à provocação das cartas na secreta medida do desenho dessa estrutura.

O problema do destino individual reside, assim, num mistério de carácter matemático, uma vez que a diferença de matizes na interpretação de um determinado naipe ou das combinações das cartas entre si é de tal ordem que não se trata já de saber se as cartas dizem uma verdade, mas antes até que ponto é que elas a dizem.

Chegados a este ponto temos de concluir que, para a dizer, não basta nomear uma verdade.

Ao procedermos ao cuidadoso exame de um destino, apercebemo-nos muitas vezes de que a consciência do inquiridor continha anteriormente, livres em si, elementos preciosos que o automatismo do quotidiano ou qualquer projecto pessoal ligado às sombras que obscurecem as zonas mais delicadas do seu íntimo, tinham destruído, sem que o interessado ou qualquer outra pessoa pudessem tomar medidas.

A observação de certas combinações do tarot leva o iniciado a reflectir sobre uma dialéctica secreta do desenvolvimento e da sucessão em si das camadas de consciência em que se elabora a sua **re-criação** interior, a re-criação mágica, que lhe permitirá acolher os sinais de um Mundo à imagem da Manhã da sua Origem. ●

Nota: «Le Sens des Tarots» é um dos textos de **Le Carnet et les Instants,** obra publicada em vida do autor, sob a orientação de Jean Paulham que, na circunstância, escreve um Prefácio («Há momentos em que uma rua banal e simples, uma bola de criança, uma janela com um curioso efeito de luz ou uma árvore que se debruça como uma mulher pensativa, parecem ter qualquer coisa a dizer-nos – ou que já nos disseram, em qualquer linguagem sem termos. Esses instantes, que abundam na obra de Marcel Lecomte, não são de modo algum fatídicos. Pelo contrário, eles avisam-nos que o nosso destino vai mudar; de preferência eles mostram-nos esse destino e a nossa vida, tal como ela é – e que se torna desde logo para nós simpática e até aceitável, ou pelo menos natural, como se nos fosse dado captar a sua razão de ser ou, melhor ainda, a fonte de que deriva»). Esgotada a edição do Mercure de France (1964), **Le Carnet et les Instants** encontra-se em Marcel Lecomte, **Oeuvres**, Éditions Jacques Antoine, col. Passé et Présent (n.º 21), 55/57 Rue des Eperonniers, Bruxelas. (trad. de Fernando Guerreiro)